

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

IVONE MUNIZ ARAUJO DE PAULO

AS MULHERES NA CÂMARA DE VEREADORES DE
ARACAJU: TRAJETÓRIA, EDUCAÇÃO E AÇÃO
POLÍTICA

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2013

IVONE MUNIZ ARAUJO DE PAULO

AS MULHERES NA CÂMARA DE VEREADORES DE
ARACAJU: TRAJETÓRIA, EDUCAÇÃO E AÇÃO POLÍTICA

Monografia apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial de avaliação para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas

SÃO CRISTÓVÃO - SE
2013

IVONE MUNIZ ARAUJO DE PAULO

AS MULHERES NA CÂMARA DE VEREADORES DE
ARACAJU: TRAJETÓRIA, EDUCAÇÃO E AÇÃO POLÍTICA

Monografia apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial de avaliação para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em _____.____._____

Banca Examinadora

Orientadora: Prof^a. Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas

Profa. Dra. Silvana Aparecida Bretas

Profa. Dra. Verônica dos Reis Mariano Souza

Mulher
Semente...
SER-mente...
SER que faz gente,
SER que faz a gente.
Mulher
SER guerreiro, guerrilheiro, lutador...
multimídia, multitarefa, multifaceta,
multiacaso...
multi-coração...
Mulher
SER que dá conta,
que vai além da conta,
que multiplica,
divide, soma e subtrai, sem perder a
conta, sem se dar conta,
de que esse século foi seu parto,
na direção de seu espaço,
de seu lugar de direito e de fato,
de seu mundo que lhe foi usurpado e que
agora é por ela ocupado.

Autor Desconhecido.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo investigar as trajetórias educacionais e profissionais das vereadoras aracajuanas. A temática pesquisada - a participação das mulheres na Câmara de Vereadores de Aracaju - tem como recorte temporal a eleição da primeira vereadora, que aconteceu no ano de 1953, até a eleição das vereadoras no pleito de 2012, espero poder trazer como contribuição, reflexões sobre a atuação da mulher no espaço político. É relevante para nosso conhecimento o levantamento de questões sobre a restrita presença das mulheres nos espaços públicos, e especificamente no que se refere à política partidária. O trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica descritiva e documental bem como através da análise da trajetória de cada vereadora a partir de entrevistas e questionários. Por fim, as informações apresentadas tornaram-se ferramentas no decurso dessa pesquisa incitando a sua continuidade, visto que o objeto de estudo tornou-se atrativo, interessante e prazeroso, além do mais, estimulou uma melhor compreensão no tocante a participação política, onde a mulher pode vir a ser o ponto de equilíbrio nos conflitos que regem a humanidade.

Palavras-chave: Aracaju. Educação. Mulher. Política. Vereadora.

ABSTRACT

This study aims to investigate the trajectories of educational and professional councilors aracajuanas. The theme researched-the participation of women in the City Council of Aracaju -has the time frame of the first city council election, held in 1953, until the election of councilors in the election of 2012.I hope to bring a contribution, reflections on role of women in the political space. It is relevant to our knowledge the questions raised about the limited presence of women in public spaces, and specifically with regard to partisan politics. The study was conducted from a descriptive bibliographical and documentary as well as by analyzing the trajectory of each councilor from interview sand questionnaires. Finally, the information presented have become tools in the course of this research urging its continuation, as the object of study has become attractive, interesting and enjoyable, moreover, fostereda better understanding regarding political participation, where woman can become the equilibrium point in conflicts governing mankind.

Keywords: Aracaju. Councilwoman. Education.Wife. Policy.

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Vereadoras eleitas em Aracaju (1953-2012)	02
--	----

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Fachada do prédio da Câmara de Vereadores de Aracaju	22
Imagem 2 – Profa. Maria Carmelita Cardoso Chagas e o vereador Iran Barbosa.....	28
Imagem 3 – Maria Nazaré Carvalho	32
Imagem 4 – Suzana Azevedo	34
Imagem 5 – Rivanda Farias de Oliveira	37
Imagem 6 – Tânia Soares	43
Imagem 7 – Maria da Conceição Vieira	49
Imagem 8 – Rosângela Santana	54
Imagem 9 – Miriam Ribeiro	59
Imagem 10 – Karla Suely da Conceição Trindade	61
Imagem 11 – Daniela dos Santos Fortes	63
Imagem 12 – Lucimara Dantas Passos	64
Imagem 13 - Lucimara Dantas Passos, Daniela dos Santos Fortes, Emília Corrêa	68

AGRADECIMENTOS

Considerando esta monografia como resultado de uma caminhada que não começou na Universidade Federal de Sergipe, agradecer pode não ser tarefa fácil, nem justa. Para não correr o risco da injustiça, agradeço de antemão a todos que de alguma forma passaram pela minha vida e contribuíram para a construção de quem sou hoje.

Portanto, agradeço...

À Deus, o que seria de mim sem a fé que eu tenho Nele.

Aos meus pais, irmãos, esposo e em especial aos meus filhos Tereza Raquel, Lucia Verônica, Ana Beatriz e João Gabriel pelo apoio, para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

E agradeço, particularmente, a algumas pessoas pela contribuição direta na construção deste trabalho:

À professora Anamaria Bueno pela paciência na orientação e incentivo, o que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Às vereadoras: Nazaré Carvalho, Conceição Vieira, Rosangela Santana, Miriam Ribeiro, Karla Trindade e Rivanda Farias, que se dispuseram a conceder entrevistas ou a responder aos questionários.

Às professoras Verônica dos Reis Mariano Souza e Silvana Aparecida Bretas por aceitar o convite para participar da banca de defesa deste trabalho de finalização de curso.

À professora Josefa Eliana Souza, pelas valiosas sugestões de como se faz pesquisa.

A todos os professores do Departamento de Educação da UFS, em especial, às professoras, Yolanda Dantas, Maria José Nascimento, Sônia Meire e aos professores Paulo Heimar, Itamar Freitas e Florisvaldo que foram tão importantes na minha vida acadêmica.

Às colegas, em especial, Raquel, Jacy, Elizangela, Gilda, Alana, Carla e Bruna, pelo incentivo e apoio constantes.

Aos funcionários do Arquivo da Câmara, que contribuíram na busca de documentos para serem inseridos na pesquisa, bem como, à professora Maria Ligia Pina e aos Jornalistas Cezar Cabral e Kátia Santana pela prontidão e simpatia que me atenderam.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I – AS LUTAS DAS MULHERES NA POLÍTICA	05
1.1 O feminismo no mundo	05
1.2 O feminismo no Brasil	08
1.2.1 Antecedentes da participação política feminina no Brasil	11
CAPÍTULO I I– A MULHER NA POLÍTICA SERGIPANA.....	22
2.1 Breve Histórico da Câmara de Vereadores de Aracaju	22
2.2 Funções de vereadores e vereadoras	25
2.3 As vereadoras de Aracaju	27
2.3.1 Maria Carmelita Cardoso Chagas.....	28
2.3.2 Maria Nazaré Carvalho	32
2.3.3 Suzana Azevedo	34
2.3.4 Rivanda Farias de Oliveira	37
2.3.5 Tânia Soares	43
2.3.6 Conceição Vieira.....	49
2.3.7 Rosângela Santana.....	53
2.3.8 Miriam Ribeiro	59
2.3.9 Karla Suely da Conceição Trindade.....	61
2.3.10 Daniela dos Santos Fortes	63
2.3.11 Lucimara Dantas Passos	64
2.3.12 Emília Corrêa	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	72
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

O interesse em investigar a mulher, na política partidária aracajuana, surgiu, diante da necessidade de responder a curiosidade, de analisar em que contexto se insere a mulher na política na cidade de Aracaju, e fazer uma reflexão sobre as dificuldades enfrentadas por elas diante de uma sociedade machista, que acha que lugar da mulher é em casa, cuidando dos filhos, do marido e dos afazeres domésticos.

Dentre os livros que pesquisei para construção dessa monografia, cito dois que contribuíram para escolha desse tema: o livro de Lígia Madureira Pina, intitulado “A mulher na História” que faz referência as mulheres de destaque em nossa sociedade; e “História das Mulheres no Brasil”, organizado por Mary Del Priore, que reúne as contribuições de vinte autores, entre as quais Louro (2006), Rago (2006) e Giuliani (2006) com textos que fazem referência a condição da mulher na nossa sociedade, em diferentes momentos históricos.

No levantamento realizado no Programa de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Federal de Sergipe, foram encontradas as monografias “A Política Partidária Aracajuana”, escrita por Josilene Souza Santos (1996), que aborda a presença da mulher na política institucional, e “As Pioneiras na Política Sergipana”, de autoria de Rosane da Cunha Silva (2002), que ressalta das primeiras mulheres que ingressaram na política em Sergipe e dentre elas a primeira vereadora Maria Carmelita Chagas.

Uma outra investigação que inspirou este estudo foi a tese de doutorado da professora Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, intitulada “Educação e Ação Política: Sergipanas no início do Século XX”, que traz reflexões sobre a história educacional e cultural de Sergipe, e a formação da mulher sergipana, no começo do século XX.

As mulheres brasileiras conquistaram o direito ao voto e o direito de elegibilidade na década de 1930, bem como o emprego no serviço público, acesso a escolarização em todos os níveis de ensino. Mas a presença feminina nos espaços públicos, como nas artes, na imprensa, na política, em posições de comando ainda é vista com suspeição, no século XXI.

Voltando ao nosso questionamento principal, que é a participação feminina na política partidária aracajuana, mostramos a seguir: um quadro síntese, que vai desde a eleição da primeira vereadora em Aracaju, Maria Carmelita Chagas, até a última eleição.

Quadro I – Vereadoras eleitas em Aracaju (1953 – 2012)

Vereadoras Eleitas em Aracaju	Mandato
Maria Carmelita Chagas	1953 a 1959
Maria Ester Almeida Pires	1963 a 1970
Maria Arlete Barreto	1973 a 1976
Maria Nazaré Carvalho	1977 a 1992
Terezinha de Jesus	1989 a 1992
Suzana Azevedo	1993 a 1996
Nilza Santana	2001 a 2004
Rivanda Farias	2001 a 2004
Tânia Soares	2001 a 2004
Conceição Vieira	2005 a 2008
Rosangela Santana	2009 a 2012
Simone Góis	2009 a 2012
Karla Sueely da Conceição Trindade	2009 a 2012
Miriam Ribeiro	2009 a 2012
Daniela dos Santos Fortes	2013 a 2016
Lucimara Dantas Passos	2013 a 2016
Emília Corrêa Santos	2013 a 2016

Fonte: Dados Coletados na Câmara Municipal de Aracaju, em 2011¹.

Fazendo uma análise do quadro síntese, pode-se notar, que a lista de vereadoras eleitas até os dias atuais, não é grande, e que é composto de apenas dezessete vereadoras, o que comprova que a política ainda é exercida na sua maioria pelos homens. A Câmara de Vereadores era composta por 19 representantes da população aracajuana, apenas quatro mulheres, no período de 2009 a 2012. Atualmente são 24 vereadores e apenas três mulheres.

¹ Na atual gestão (2013) apenas duas vereadoras foram eleitas, e nenhuma foi reeleita, como pode-se perceber no Quadro I. Recentemente foi empossada a vereadora Emília Côrrea Santos, como suplente na vaga do vereador Nitinho. Só estão registrados no Quadro I o primeiro mandato de cada uma das vereadoras citadas.

Tendo como objeto de estudo investigar as trajetórias das vereadoras aracajuanas de 1953 a 2012. Partindo desses questionamentos elaborou-se os objetivos específicos tais como: identificar a formação familiar, acadêmica e política, bem como compreender as conquistas, os preconceitos e desafios que tiveram que enfrentar durante a sua trajetória na vida pública.

A conquista das mulheres em relação a participação nos espaços públicos, no início do século XX, foi lenta e repleta de lutas e desafios onde os objetivos eram garantir direitos tendo como referência os movimentos de mulheres na Inglaterra e Estados Unidos que se estenderam para o mundo e em seguida o Brasil.

Com o intuito de atingir os objetivos estabelecidos para este estudo, buscou-se a base metodológica através da pesquisa bibliográfica, documental. Foram utilizados entrevistas e questionários como instrumentos de pesquisa, no sentido de compreender elementos das trajetórias das vereadoras de Aracaju, que se dedicaram a levar em frente o sonho e a proposta de se constituírem como mulheres à frente da política sergipana, fosse por livre escolha ou por decisões que as circunstâncias individuais e/ou sociais impuseram.

De acordo com (VERGARA, 2005, p.47-48) pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais e redes eletrônicas, isto é material acessível ao público em geral. Pois trata de uma leitura sistemática que se faz acompanhar de anotações e fichamentos, que eventualmente poderão servir à fundamentação teórica do estudo, ou seja, a pesquisa bibliográfica tem por objetivo conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre um determinado tema.

Como também se fez necessário à pesquisa documental que é realizada em documentos conservados no interior de órgãos públicos e privados de qualquer natureza, ou com pessoas através de registros, regulamentos, circulares, ofícios, memorandos, balancetes, comunicações informais, filmes, microfilmes, fotografias, videoteipe, informações em disquete, diários cartas pessoais e outros. (VERGARA 2005, p.48).

Para realização da pesquisa utilizou-se a entrevista semi-estruturada com o uso de um roteiro. Este tipo de entrevista “se desenvolve a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados”, conforme Gil (2009, p. 123).

As perguntas foram elaboradas a partir de quatro eixos: 1) formação familiar; 2) formação acadêmica; 3) formação política; 4) atuação como vereadora.

Antecipadamente, afirmamos que a escolha do tema representa uma forma de contribuímos para pesquisadores que se interessam pelo tema, porém não pretendemos trazer respostas prontas ou totalmente acabadas sobre o assunto.

De início procurei informações sobre as vereadoras em sites da internet, jornais e documentos na Câmara e através de assessores, o que me custou muita persistência, pois algumas vereadoras não se dispuseram a dar entrevistas² alegando falta de tempo, o que foi resolvido com a entrega dos questionários que foram devolvidos pessoalmente, ou através de email.

Em alguns casos os assessores não deram os recados que foram deixados, o que mostra a pouca importância que deram a minha pesquisa. Porém, não desanimei em seguir em frente e consegui a ter acesso a alguns dados fornecidos por servidores do arquivo da Câmara, assisti algumas sessões em plenário, e passei a ouvi-las todas as tardes de terça, quarta e quinta, que são os dias que há sessão, e são transmitidas pela rádio AM Liberdade e Câmara em ação na TV Atalaia.

Também localizei em sites da internet aspectos da trajetória de muitas delas, bem como entrevistas concedidas a jornalistas, em jornais e revistas, além das páginas da Câmara e de algumas vereadoras.

Tive dificuldades em localizar as vereadoras mais antigas como Maria Carmelita que faleceu em 2011.

A pesquisa está organizada em dois capítulos. No primeiro capítulo abordo sobre as lutas das mulheres na política onde as mulheres têm um papel fundamental nessa trajetória como peças propulsoras da evolução social e do ser humano, que houve uma evolução gradativa da mulher no que diz respeito a os seus direitos e deveres, suas obrigações e aptidões.

No segundo capítulo resalto sobre a mulher na política aracajuana, breve histórico da Câmara de Vereadores de Aracaju, as funções de vereadores e vereadoras e apresento as vereadoras de Aracaju, a partir da documentação localizada e analisada.

Foi possível perceber que a maioria delas realizou cursos superiores de graduação e pós-graduação e que enfrentaram/enfrentam muitos desafios na ação política, apesar de contar com o apoio dos familiares e de muitas lideranças políticas que respeitam e incentivam a participação feminina.

² De todos os contatos realizados ou tentados, só foram conseguidas 04 entrevistas, as mesmas foram transcritas e se encontram em anexo, no final da monografia.

CAPÍTULO I – AS LUTAS DAS MULHERES NA POLÍTICA

1.1 O Feminismo no mundo

O movimento feminista nasce com a modernidade e acompanhou sua evolução. Sua primeira grande manifestação aconteceu no final do século XIX e início do século XX, com a luta pelo sufrágio feminino. Inúmeras campanhas organizadas em países da Europa e da América buscaram uma mobilização pública e o apoio de parlamentares e partidos políticos em favor da luta pelo voto feminino.

A maioria das mulheres envolvidas com o feminismo era oriunda da burguesia, eram mulheres cultas e de famílias ricas e abastadas, com tempo disponível para se dedicar à luta pelo sufrágio. Almejavam uma sociedade com um ideal de igualdade e liberdade herdados da Revolução Francesa. Acreditavam que as injustiças sociais seriam reparadas mediante o uso do voto.

Este feminismo era identificado como feminismo liberal, que lutava pela universalização dos valores democráticos liberais, reivindicava igualdade de acesso às esferas profissionais e educacionais; por uma mudança nas leis matrimoniais discriminatórias; reclamava por salários iguais e acesso igual a todas as profissões; também pôs em foco o direito das mulheres, educação sexual, controle da natalidade e aborto.

A consciência feminista manifestava-se lado a lado com o engajamento das mulheres em outras causas libertárias. Foi assim, nos Estados Unidos, onde, no século XIX, muitas foram opositoras ao regime escravista. Boa parte das feministas não pretendia ser como os homens ou ocupar seus espaços, elas apenas almejavam ter os mesmos direitos. Margaret Fuller, feminista norte-americana, declarou no final do século XIX, “A mulher precisa não de agir ou dominar como mulher e sim de uma natureza para evoluir, um intelecto para discernir, uma alma para viver livremente, e a possibilidade de desenvolver sua potencialidade”.

A luta pela abolição da escravatura mobilizou muitas mulheres que, até então, não haviam participado da esfera política de forma tão intensa e organizada. A luta contra a sujeição do negro fez com que a mulher tomasse consciência da sua própria sujeição.

Do feminismo liberal passou-se a um feminismo de caráter mais social que questionava a sociedade como um todo. A sujeição das mulheres passou a ser compreendida como um fenômeno social e não um fato natural e que não pode mudado. Além disso, passou-

se a discutir os direitos e deveres de homens e mulheres na escolha livre de parceiros/as e a possibilidade das mulheres terem acesso ao divórcio e não apenas os homens, o que era inviável anteriormente.

Existem dois movimentos paralelos: o feminismo socialista, que discute a situação da mulher proletária, reivindica direitos trabalhistas e denuncia a exploração da mão-de-obra; e o feminismo liberal, que são mulheres intelectualizadas, com o objetivo específico de lutar pela emancipação feminina e pela conquista de direitos civis. Apesar de diferentes na origem e nos objetivos, esses dois movimentos têm uma direção comum: rediscutir os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres na sociedade de então.

June Hanner (1976) e Maria Amélia Teles³ (1993) entendem que existe uma linha progressiva entre o feminismo e as organizações de mulheres do século XIX com o movimento feminista que surgiu no mundo, a partir da década de 60 do século XX. As feministas do século XX seriam sucessoras das sufragistas, das sindicalistas e das primeiras intelectuais que lutaram pela emancipação das mulheres. Porém, é preciso compreender que, embora o termo “feminismo” já fosse utilizado na época (século XIX) são dois movimentos diferentes no conteúdo das reivindicações e nas táticas de lutas.

O ingresso das mulheres no mundo de trabalho não trouxe a almejada emancipação e o reconhecimento da igualdade entre os sexos. O acesso ao trabalho e a conquista de direitos civis não haviam elevado as mulheres à condição de iguais. No ano de 1949, a francesa Simone de Beauvoir, em seu livro *O Segundo Sexo*, concluiu que, apesar das conquistas civis e do ingresso no trabalho, as mulheres ainda se encontravam presas a um mundo exclusivamente feminino:

Não se deve, entretanto, acreditar que a simples justaposição do direito de voto a um ofício constitua uma perfeita libertação: hoje o trabalho não é a liberdade. Uma senhora importante e bem pensante fez recentemente um inquérito entre as operárias das fábricas Renault; afirma que preferem ficar em casa a trabalhar na fábrica. Sem dúvida, pois elas só conseguem a independência econômica no meio de uma classe economicamente oprimida; e por outro lado as tarefas realizadas na fábrica não as dispensam dos cuidados do lar. Na hora atual [...] em sua maioria as recebem da sociedade, nem do marido, a ajuda que lhes seria necessária para se tornarem concretamente iguais aos homens (BEAUVOIR, 1980, p. 450)⁴.

³ TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense. 1993.

⁴ BEAUVOIR. Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 1 e 2.

A referida autora questionava que a simples concessão de direitos civis não coloca as mulheres em condições de igualdade com os homens. O direito ao voto e a ampliação da participação política feminina não estavam lado a lado. Seriam necessárias mudanças na divisão sexual do trabalho doméstico para que as mulheres pudessem se libertar das obrigações que lhes eram atribuídas pela sua condição sexual. Essa situação de dupla jornada fazia com que muitas mulheres preferissem ser donas-de-casa a ter um trabalho remunerado, pois o salário não compensava o acúmulo de tarefas.

Beauvoir atenta para uma questão fundamental: as mulheres não se enxergavam como sujeitos, não possuíam uma identidade social própria. A contribuição de Simone de Beauvoir foi essencial para o feminismo, pois ela chamou a atenção para o fato de que a luta de classes não libertaria, automaticamente, as mulheres. Ela expressa a ideia básica do feminismo quando diz que “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Para ela era necessário construir uma identidade feminina, um “sujeito feminino” capaz de identificar suas peculiaridades. A sociedade não se dividia somente entre classes, mas também entre sexos, e sem uma consciência da opressão sofrida pela mulher a divisão sexual do trabalho era um problema que não se resolveria:

Em verdade, a natureza, como realidade histórica, não é um dado imutável. Se a mulher se enxerga como o inessencial que nunca retorna ao essencial é porque não opera, ela própria, esse retorno. Os proletários dizem ‘nós’. Os negros também. Apresentando-se como sujeitos, eles transformam em ‘outros’ os burgueses, os brancos. As mulheres – salvo em certos congressos que permanecem manifestações abstratas – não dizem ‘nós’. Os homens dizem ‘as mulheres’, e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito (BEAUVOIR, 1980, p. 13)⁵.

Simone de Beauvoir dedicou-se ao estudo aprofundado do desenvolvimento psicológico da mulher e dos condicionamentos sofridos durante a sua socialização, tornando-se alienada de si mesma, sendo treinada para ser mero apêndice do homem. Para a autora em nossa cultura é o homem que se afirma através de sua identificação com seu sexo e essa autoafirmação o transforma em sujeito (ALVES; PITANGUY, 1991, p. 52).

A análise de Simone de Beauvoir representa um marco da reflexão feminista, na medida em que ela esboça os fundamentos da reflexão feminista que ressurgirá a partir da década de 60, do século XX.

⁵ BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 1 e 2.

É assim que a norte-americana Betty Friedan em 1963, apoiando nos estudos de Beauvoir, recolhe nos Estados Unidos uma série de depoimentos de mulheres de classe média que corresponderiam ao ideal da “rainha do lar”. Em seu livro “A Mística Feminina” detecta o sentimento de insatisfação feminina que chamou de “o mal que não tem nome” que se traduziria por uma frustração constante e indefinida (ALVES, 1991).

A maioria das moças que se criaram nos anos em que as feministas eliminaram as causas daquele vazio decoro tinha como imagem de mulher as mães ainda presas a ele. [...] Mas as que cresceram com os direitos conquistados pelas feministas não podiam voltar à velha imagem de vazio decoro, não tinham as razões de suas tias ou mães para se tornarem iradas cópias dos homens, nem temiam ser amadas. Haviam chegado, sem saber, ao ponto crítico da identidade feminina. Haviam, de fato, ultrapassado a velha imagem; estavam finalmente livres para ser o que bem entendessem. Mas que opção lhes era oferecida? De um lado, a feminista devoradora de homens, a profissional sem amor, solitária. Do outro, a suave esposa e mãe e rodeada de filhos carinhosos (FRIEDAN, 1971, p. 89).

As mulheres estavam vivendo um impasse, porque, embora passassem a imagem de donas-de-casa felizes e realizadas veiculadas pelos meios de comunicação, elas estavam profundamente infelizes. Esse descontentamento feminino era diagnosticado pelos médicos como um desajuste. O espaço doméstico tornava-se pequeno para seus anseios. O acesso à educação universitária abriu para muitas mulheres a possibilidade de carreira. Todavia elas precisavam enfrentar o desafio de trabalharem sem deixar de lado suas funções femininas.

O grande número de mulheres que sofriam do “mal que não tem nome” pode ser associado a um processo de conscientização da sua condição de opressão.

Essa insatisfação com os papéis sociais destinados às mulheres está presente no livro através de depoimentos recolhidos pela autora, como a de uma senhora esposa de um ministro: “[...] o problema é ser sempre a mamãe dos filhos, ou a senhora do ministro, nunca eu própria” (FRIEDAN, 1971).

A causa da frustração é a própria mística feminina, que obriga a mulher a se realizar dedicando sua vida à família e tirando-lhe o direito a uma vida própria, a uma identidade, uma autonomia. O livro de Betty Friedan foi um importante testemunho de desmitificação, vindo chocar-se com a proteção que impedia a mulher de ver, através da ideologia, a realidade do mito do “feminino”(ALVES, 1980, p. 187).

1.2 O Feminismo no Brasil

Segundo Louro (2006) os movimentos pela emancipação feminina no Brasil tiveram início em 1853, com a publicação do “Opúsculo Humanitário”, escrito por Nisia Floresta, que denunciava a condição de submissão da mulher em nosso país e reivindicava sua emancipação tendo como instrumento para alcançar esse fim à educação. Dentre os escritos feitos por ela destacamos:

Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado- emancipação da mulher -, nossa débil voz se levanta na capital do império de Santa Cruz, clamando: educai as mulheres! Povos do Brasil, que vos dizeis civilizado! Governo, Que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, Desse liberalismo? (LOURO, 2003, p.443).

Esses escritos perturbaram a sociedade da época, que questionava o que pretendia essa mulher metida a homem? Nisia Floresta mostrava sua inquietação em relação à falta de empenho das autoridades da época quanto à educação feminina no Brasil.

Após a proclamação da Independência era necessário acabar com a imagem de um país atrasado e inculto e surge o discurso sobre a modernização do país bem como críticas ao abandono educacional. Aqui e ali existiam escolas em maior número para meninos, as escolas para meninas em menor número, fundadas geralmente por congregações e ordens religiosas. (LOURO, 2003, p.443)

A educação das meninas órfãs era dada de forma diferenciada, pois consistia em aprender a ler, a escrever, aritmética, costura cozinha e todos os ramos de trabalho doméstico cotidiano. Era costume da época rapazes procurar entidades cuidadoras dessas moças para um possível casamento, mostrava-se atestado de boa conduta e moral e de ser trabalhador e eram recebidos no asilo de moças (LOURO, 2003, p.445).

A mulher brasileira, como a de qualquer sociedade da mesma civilização, tem de ser mãe, esposa, amiga e companheira do homem, sua aliada na luta da vida, criadora e primeira mestra de seus filhos, confidente e conselheira natural do seu marido, guia de sua prole, dona e reguladora da economia de sua casa, com todos os mais deveres correlativos a cada uma destas funções (LOURO, 2003, p.448).

Vale destacar, que os afazeres das mulheres pode-se observar são como todas as mulheres, seu papel é o de ser mãe e companheira do homem, anunciando e definindo, o seu lugar nas relações sociais.

Na época priorizava-se a moral e boa conduta, e não se visualizava uma educação baseada em informações e conhecimentos para a mulher, pois o trabalho doméstico e criação dos filhos, bem como cuidar do marido, não necessitava de estudos mais avançados, ou seja, uma maior escolarização (LOURO, 2003, p.445).

Com surgimento no Brasil do trabalho nas fábricas as mulheres e crianças principalmente de origem europeia tiveram sua participação nesse espaço que com o tempo foram substituídos pelos homens visto que a relação entre ambos era de exploração por parte de patrões que tinham a visão da mulher operária como pessoa frágil e desprotegida (RAGO, 2003, p.579).

O início da industrialização transformou profundamente a estrutura social do Brasil, modificando os hábitos e costumes dos trabalhos antes explorados pelos homens. A inserção da mulher no mercado de trabalho.

A participação da mulher nos movimentos sindicais surgiu devido à necessidade de combater a exploração feminina que se via desvalorizada no ambiente de trabalho, tendo em vista que, exercendo as mesmas funções dos homens, recebiam salários bem inferiores. A seguir juntaram-se a elas as donas de casa por melhores condições de vida movidas pelo movimento contra carestia que era o aumento constante dos preços das mercadorias (RAGO, 2003, p.594)

Devido a muitos fatores, como o processo de implantação da industrialização no país, a inserção da mão de obra feminina no mercado de trabalho e a chegada dos imigrantes europeus no Brasil, os movimentos operários ganharam força. Eles começaram a se organizar nos centros urbanos mais industrializados e reivindicavam melhores condições de trabalho; dentre estas, a criação de instituições de educação e cuidados para seus filhos.

As mulheres sindicalistas parecem ter uma consciência bastante clara dos sutis fios de discriminação que fazem parte dos códigos sociais. Por isso, buscam reagir aos hábitos tradicionais promovendo renovações da cultura sindical e novas posturas na maneira de fazer política (GIULANE, 2006, p.656)

Diante deste contexto, pode-se notar que ao longo dos anos as mulheres tiveram que enfrentar várias situações difíceis sempre que tentaram se inserir em espaços antes predestinados aos homens como a sala de aula, o trabalho nas fábricas e na política, pois para sociedade da época o lugar da mulher era em casa cuidando dos filhos do marido e da casa e suspeita-se que com as vereadoras de Aracaju essas dificuldades ainda se façam presentes.

1.2.1 Antecedentes da Participação Política Feminina no Brasil

Atualmente no cenário político nacional, muitas mulheres se destacaram na luta pelo fim da escravidão em relação a sua vida ativa e organizada. Dessa época pode-se destacar, dentre outras, a professora e escritora maranhense Maria Firmina Reis, autora do primeiro romance abolicionista brasileiro intitulado “Úrsula”, escrito em 1859 e Almerinda Gama, a primeira Deputada negra eleita no Brasil, em 1936.

Apesar desses poucos registros, a participação da mulher na política do Brasil se faz notória desde a época do Brasil Colônia. Quando se fala de política, entende-se de não apenas a atuação partidária, mas a política de participação e de organização social capaz de provocar mudanças na sociedade. Nesse sentido, pode-se destacar como um fato histórico:

Em 1823, mulheres da Vila do Brejo da Areia, na Paraíba, utilizando-se do alibi de confraternizar-se com o Senhor Cipriano José Batata de Almeida, grande revolucionário baiano e o primeiro homem brasileiro a abraçar a causa feminista; dirigiu-se em manifesto à nação, na defesa da Independência do Brasil e na liberdade das mulheres (BUARQUE, 2006, p. 19).

Como Cristina Buarque, comenta desde 1823 se iniciou movimentos acerca da cidadania da mulher brasileira, José Batata de Almeida foi um dos primeiros brasileiros a defender os ideais feministas. Publicou na Sentinela da Liberdade à Beira Mar da Praia Grande, em 1823, registrou como um manifesto Cristina Buarque (2006).

Passando a ser um dever dos liberais brasileiros agradecerem a V. Excia., pelo grande trabalho que tem tomado de iluminar-nos sobre as obrigações em que estamos para com a nossa Pátria: Nós, metade da sociedade humana, considerando-nos na mais rigorosa obrigação de fazermos ver a V. Excia. (ou ao mundo inteiro) quão gratas lhe somos pelas indubitáveis provas de patriotismo e liberalismo, que tem patenteado à face do universo, muito principalmente depois que se postou nessa guarita a bradar aos povos no vasto Continente Brásílico, com a voz – alerta – com a qual retumbando desde o Prata até o Amazonas, não só faz tremer e baquear o egoísmo, como também produz nos ânimos nobres, tanto nos famigerados varões, como das

ilustres matronas, os mais ardentes desejos de reassumir os seus direitos, há tanto usurpados, e de quebrar os vergonhosos ferros da vil escravidão em que jazíamos. Nós, posto que conheçamos a fraqueza do nosso sexo, contudo não cedemos nem em valor, nem em patriotismo, ao mais intrépido e guerreiro cidadão, que estamos na firme resolução (se preciso for) de unidas aos nossos esposos, pais, filhos e irmãos, lançando mão das armas e fazermos a mais cruenta guerra aos sectários do nefando despotismo. Pedimos, pois V. Excia, que continuando a progredir em sua tarefa, queira fazer ver ao povo deste nascente e venturoso Império, a verdade nua para desabuso e desengano de alguns entes tão miseráveis que caídos com o leite do velho governo, cerram os ouvidos a mais liberal doutrina, e mais justas e santas das causas (apud, BUARQUE, 2006, p.19).

Esse documento rompeu o cerco do silêncio acerca da discriminação feminina; além deste, outros documentos surgiram ao longo desta luta, na forma de editoriais publicados em jornais, revistas, etc.

Em 1884, movimentos no mesmo sentido se organizavam para derrubar a monarquia e acabarem com a escravidão, dirigidas por um grupo de mulheres pernambucas, tendo à frente as senhoras Leonor Porto e Maria Amélia Queirós, fundadoras da Sociedade Ave Libertas. Exaltadas e criticadas, essas idealistas além de serem injustiçadas, na época, foram esquecidas pelo tempo, até que as mulheres chegaram, em massa, às universidades, nos meados dos anos 50, do século XX,

A abordagem sobre a participação das mulheres na política faz compreender a importância desta inserção quando percebe-se que isto significa transformações sociais, culturais na estrutura da sociedade em relação ao campo dos valores e de papéis sociais.

Muitos pesquisadores sublinham que as transformações sociais, culturais e políticas, ocorridas no Brasil e em várias partes do mundo enfatizam a participação das mulheres neste âmbito de poder. Dentre elas, os pesquisadores destacam as mudanças em relação às novas estruturas familiares, a ruptura de um padrão patriarcal, o mundo do trabalho e as conquistas femininas. Como afirma Lúcia Avelar:

Destacam-se entre essas mudanças o surgimento de novos tipos de famílias, a ruptura dos padrões familiares patriarcais, as novas formas de produção no mundo do trabalho com impacto sobre as relações sociais, as conquistas das mulheres ao longo do século XX e o amadurecimento de uma consciência feminina, mudanças estas que acabaram por solapar estruturas seculares sobre as quais se assentava a dominação masculina em todas as esferas da vida pública e privada (AVELAR, 2001, p.11)

Somente na década de 1930 as mulheres brasileiras puderam votar e serem eleitas. Em 29 de setembro de 1995 através da lei 9.100 foi aprovada a legislação que exige a presença de candidatas inscritas nas eleições. Estabelecendo em seu art. 3º que os

parlamentares deveriam contemplar uma cota mínima de vinte por cento de participação das mulheres.

No Brasil, os acontecimentos ocorridos durante a década de 1970 e início dos anos de 1980 constituíram-se em um campo promissor de estudos sobre a participação política da mulher. O regime militar, ao não permitir a existência de canais efetivos de participação popular na estrutura do poder, possibilitou uma maior intensidade no desenvolvimento dos movimentos sociais, mesmo que de forma clandestina. Nesse contexto destaca-se a atuação feminina e, nesse sentido, os estudos sobre a mulher passam a explicar essa presença das mulheres nos diversos movimentos reivindicatórios.

Segundo levantamento realizado pelo CFEMEA⁶, os partidos adotaram cotas ou alguma outra medida de ação afirmativa na composição de suas direções (PT, PPS, PV, PDT ; e 13 deles possuem núcleos, coordenações ou articulações de mulheres). Nos últimos anos, cresceram as reflexões, articulações e manifestações do movimento de mulheres e feministas, em torno da questão do acesso ao poder e do chamado *empoderamento* das mulheres. Essa também vem sendo a postura da bancada feminina no Congresso Nacional que, recorrentemente, articulada com diferentes organizações de mulheres, vem realizando ações com o objetivo de incentivar a participação de mais mulheres no âmbito do legislativo e nos demais espaços de poder. As parlamentares eleitas e as feministas militantes de partidos políticos têm influenciado seus partidos na criação de núcleos, coordenações ou articulações de mulheres, ao mesmo tempo em que têm contribuído para a introdução da política de cotas em algumas das direções partidárias.

A progressiva participação das mulheres na vida política, deflagrada no século XX, deve ser vista sob a perspectiva das mudanças sociais, culturais e políticas das sociedades. Dentre estas mudanças, o surgimento de novos tipos de famílias, a ruptura dos padrões familiares patriarcais, as novas formas de produção no mundo do trabalho com impacto sobre as relações sociais que acabaram por solapar estruturas seculares sobre as quais se assentava a dominação masculina em todas as esferas da vida pública e privada.

Assim, a participação da mulher na atividade política sempre esteve limitada por ser uma atividade pública e, portanto, reconhecida socialmente como uma atividade masculina. O espaço da mulher historicamente tem sido o privado, e é por isso que, para

⁶ O CFEMEA é uma organização da sociedade civil, não-governamental, feminista, de caráter público e sem fins lucrativos. Tem sede em Brasília e é dirigido por um colegiado de mulheres. Foi criada em julho de 1989, com o objetivo de lutar pela plena cidadania das mulheres, por relações de gênero eqüitativas e solidárias, e por uma Sociedade e um Estado, justos e democráticos. (www.cfemea.org.br)

analisar a participação política da mulher na sociedade, é necessário estudar seu papel nas duas esferas e a maneira como se entrelaçam.

Apesar das mulheres estarem relegadas à esfera privada, são incorporadas à esfera pública sempre que sua presença se faça necessária para o desenvolvimento capitalista e/ou para as relações de dominação. Em função disso, os valores ideológicos do capitalismo e seus desdobramentos culturais se transformam, na medida em que mudam as relações de produção que lhes deram origem: a organização social da produção e a distribuição. Mãos que "nasceram para o lar", de repente, se encontram na fábrica, no escritório, na escola, no parlamento, enfim "fora do lar".

Essas "transformações" têm o limite das necessidades do sistema, de modo que a mulher assume novos papéis na esfera pública, sem perder os específicos da esfera privada, que continuam sendo reforçados pela estrutura patriarcal da sociedade e através dos diversos mecanismos de controle do mesmo sistema que agora tira a mulher de casa.

Seu regresso ao antigo *status quo* de "dona de casa" ou a duplicação da jornada de trabalho, quando ela permanece na fábrica, ou na sua atuação em outras esferas da vida pública, não são muito problemáticos, já que, na verdade, continua tudo dentro dos mesmos limites. Nesse sentido, a mulher se deslocou no espaço, mas ainda não se deslocou no tempo. Este último deslocamento torna-se mais viável agora, depois de ter feito o primeiro. A saída do isolamento doméstico pode, concretamente, ser o início da transformação na sua vida como mulher e como ser social. Como isso se realiza ou é levado a cabo, será dito pela realidade de cada situação em particular.

No Brasil, como no resto da América Latina, o desenvolvimento econômico vem sofrendo todas as distorções próprias das economias dependentes dos países centrais, que detêm hegemonicamente o capital, a tecnologia e os mercados para seus produtos. Esse tipo de desenvolvimento se circunscreve a determinadas áreas do país e, nelas, a um número muito limitado de pessoas, se tomamos o país na sua totalidade geográfica e social. Suas distorções internas vão desde grandes áreas rurais presas ao atraso do passado, até cidades saturadas pela imigração rural sem possibilidades de integração urbana. São as favelas e seus problemas de marginalidade e conflitos sociais.

Para a autora Jussara Prá, essa predileção na América Latina, por determinados temas, resulta do contexto sócio-político dos países que viveram sob regimes militares. Esse contexto originou respostas tanto no que se refere à perspectiva da organização social, como à da produção intelectual.

Da mesma forma, a resposta empírica da inexpressividade da representação política da mulher (ainda que semelhante à observada nos países desenvolvidos) serviu, e em alguns casos ainda serve, para justificar o desinteresse dos estudiosos da ciência política por esta temática (PRÁ, 1992,p.41).

Dentro desse contexto de desenvolvimento periférico, a incorporação da mulher ao processo de participação política não é imune aos seus efeitos diretos ou indiretos. Nas cidades de grande ou mediano porte, a presença modernizadora do capitalismo se fez sentir através de seus centros de reprodução, distribuição e de toda uma gama de serviços que lhes são complementários, aí a presença da mulher como mão-de-obra empregada, ou na circulação emprego-desemprego, é muito significativa. São os contingentes dos quais saem pessoas ou grupos que formarão o movimento que conduzirá à luta por reivindicações específicas da mulher dentro do movimento geral de transformação da sociedade. É o resultado de uma consciência de gênero que essas mulheres já adquiriram de sua própria condição como grupo social distinto e, portanto, com problemas reais para resolver. Para Jones (1992, p. 239) "[...] que possa expressar as formas específicas e diferentes em que as mulheres têm exercido o poder ocupando postos de autoridade, praticando a cidadania e compreendendo a liberdade".

Nesse sentido, encontra-se um número cada vez maior de mulheres que participaram das direções dos sindicatos e de outras associações profissionais, ainda que, em sua maioria, em cargos burocráticos. Nos movimentos populares (em especial nos de moradores, contra o aumento do custo de vida).

Segundo Pateman (1993), quando se incluem as mulheres nos estudos eleitorais, não se atendem a seus direitos de cidadania ou a atividades políticas *stricto sensu*, não se discute o significado político da diferença sexual e se ignora a separação entre esfera pública e privada. Esses são assuntos das estudiosas feministas.

A participação das mulheres na política nos faz compreender a importância desta inserção quando percebemos que isto significa transformações sociais na estrutura da sociedade em relação ao campo dos valores e de papéis sociais. Mas, sobretudo, porque a relação de gênero é uma construção cultural.

No Brasil, as observações realizadas sobre mulheres na política também devem levar em conta as razões pelas quais as desigualdades políticas e sociais permanecem, lado a lado com o mito de uma igualdade universal particularmente nos direitos de cidadania.

Em qualquer sociedade, há democracia de direito e de fato, quando os direitos de cidadania são extensivos a todos os segmentos, sem discriminação territorial, socioeconômica,

de raça e de gênero, direitos inaugurados à época das revoluções burguesas e que lentamente vêm se difundindo nos vários países do mundo.

Pode-se perceber que diante do cenário brasileiro político feminino percebe-se que a representação feminina ainda é bastante desigual quando comparado ao número de homens. Mas, é questionável este crescimento entre as eleições municipais ocorridas nos últimos anos, que a prática política sergipana acontece de forma acentuada entre na disputa de poder ultrapassa as duas últimas décadas. Portanto, a força de vontade, a motivação a determinação das mulheres estão mostrando que são competentes, talentosas, criativas e que são elementos fundamentais.

As mulheres na sociedade atual vêm ocupando seus espaços profissionalmente, seja nos espaços sociais, privados ou públicos, é de relevância essencial para a compreensão do papel desempenhado atualmente por elas no cenário político. Nossa história priorizou o domínio do privado como próprio do feminino, mantendo inicialmente as mulheres distantes tanto da discussão como da atuação social e política. Com grande esforço, como demonstrado, alguns espaços públicos foram sendo conquistados, e a atuação das mulheres foi decisiva na retomada da democracia, após vinte anos de ditadura militar.

Assim, as mulheres deviam transferir à esfera pública a posição de subalternidade que já tinham na esfera privada. Nesse sentido, como bem expressa Simões (1985), são as características femininas que condenam a mulher ao inundo privado as que, paradoxalmente, irão promovê-la no espaço público,

[...] aquelas mulheres ao se lançarem na política não rompem com seu papel idealizado de mães e esposas e com os modelos idealizados de mulher. Pelo contrário, é através desses 'atributos' que se julgam capazes de militar e que dão 'autoridade' à sua presença na esfera da política. [...] elas se alienavam recriando e reproduzindo uma 'imagem mística de mulher' (SIMÕES, 1985, p. 139).

Assim, uma nova era se inicia no pós-feminismo, com transformações sociais ocorrendo no mundo todo, mulheres foram assumindo diferentes funções e papéis. As resistências atuais expressam parte das dificuldades construídas historicamente. Ainda hoje, a inserção das mulheres na atividade política, em cargos eletivos ou não, continua sendo bastante restrita.

Recentemente começam existir leis que beneficiam as mulheres, mas, são ainda leis precárias e determinadas pelos homens que buscam tirar os maiores proveitos da ingenuidade feminina, como mais um campo de atuação do capitalismo que só tem uma

filosofia, a exploração. Ainda hoje perduram as ideias antigas de que uma atividade quando se desvaloriza, passa a ser uma atividade de mulheres e, por consequência, de baixa remuneração, porque agora é que ela está conseguindo o seu espaço que avança lentamente e é claro não conta com a consciência plena das próprias companheiras, a não ser quando estão com problemas em seus lares, por ser surrada pelo marido, ou não aguentar mais seu estado de escravidão branca em pleno século XX.

A mulher, como qualquer outro ser humano deve ser ouvida, e tratada como uma pessoa comum na sociedade; pois, a discriminação não atende às exigências da acumulação, pelo simples fato de um pagamento abaixo dos que são feitos aos homens, onde na verdade, o dispêndio físico e mental é o mesmo, a não ser, como também acontece com os homens, os graus de formação intelectual e de esforço físico sejam distintos entre as pessoas. Entretanto, isto não é justificativa para as discriminações que perduram na sociedade atual contra a mulher no mercado de trabalho e nem tão pouco dela contra si própria, por participar de classes sociais diferentes, como se ver no dia-a-dia em uma estrutura de economia capitalista que a tem, como mais um implemento de seu exército industrial de reservas.

Na sociedade contemporânea, a mulher deve assumir a sua postura de ser humano e exercer a sua atividade de acordo com a sua situação social ou grau de intelectualidade; pois, um grau fraco de intelectualidade não deprime o ser humano que deve ser respeitado. Quer-se dizer que a mulher empregada doméstica deve assumir sua atividade com eficiência e amor do mesmo modo que qualquer trabalho de alto nível, pois é mais um espaço que se tem conseguido na luta, primeiro pela sobrevivência e segundo, para mostrar que a mulher não é só aquela dona do seu lar; mas, uma força de trabalho que deve ser aproveitada no sistema. Esse é apenas um exemplo da mulher que busca a sua participação na vida econômica; pois, não é necessário que ela seja somente empregada doméstica, assim também, insira-se na atividade produtiva em geral, desde os mais baixos, até os mais altos postos da economia.

Já não se pode pensar numa mulher submissa, contudo ela deve compreender sua função social como companheira do homem e partir para uma igualdade de participação, tanto no contexto social, como no econômico, tendo em vista que sua atuação de igualdade cada vez mais se concretiza. A conscientização da mulher como um ser que deve ter funções de igualdade com o homem, só se concretizará efetivamente, quando ela tiver sua independência política e econômica, tal como não pensar numa vida conjugal como investimento, ou um salva-guarda para aquela pessoa que está desprotegida.

Além do papel político, a mulher tem também conseguido um grande avanço dentro da estrutura econômica e a respeito disto, esclarece Sullerot.

Diante disto, é inevitável que as mulheres sintam cada vez mais a necessidade de uma identidade social que não seja exclusivamente definida a partir do papel econômico do homem. As mulheres, menos presas ao lar devido à maior facilidade de desempenho das tarefas domésticas e maternidades menos frequentes, e, por outro lado, mais instruídas e preparadas naturalmente desejam utilizar suas capacidades, seus conhecimentos e sua competência para assegurar a sua própria independência e participar de modo mais completo e influente na vida da sociedade (SULLEROT, 1978, p.23).

Vale destacar, que o avanço que as mulheres desejam e que aos poucos estão conseguindo, dentro de uma luta de participação e conscientização, ao considerar que as dificuldades que elas enfrentam são grandes, ao levar em conta os preconceitos formais de uma sociedade machista.

Desde os primórdios da civilização que a mulher desempenha, de maneira não reconhecida pela sociedade, importantes papéis. De início, falar em mulher é bifurcar-se em dois parâmetros de fundamental importância no mundo contemporâneo, quer dizer, é observá-la pelo lado romântico de Julieta; das criações de Vinícius de Moraes; de Pablo Neruda; e, muitos outros que a encantaram em prosa e verso. Do mesmo modo, é imprescindível ver a mulher pelo lado de sua integração na sociedade, conquistando espaço e ajudando a construir um mundo sem discriminação, onde homens e mulheres se completam na busca de um bem-estar conjunto, todos numa só união.

Neste sentido, a mulher deve seguir os dois caminhos, o de ser feminina-mulher-mãe e o de ser agente social, econômico e político. Uma mulher participativa, trabalhadora e que quer contribuir para a evolução dos tempos, como um ser humano que pensa, tem que ter forças e deve ser útil à sociedade.

Pode-se dizer, portanto, que o mundo moderno atribuiu à mulher funções próprias do domínio privado, como os cuidados da casa e dos filhos, na manutenção de uma estrutura que permitiu aos homens o envolvimento com assuntos políticos e econômicos, próprios do domínio público. Mulheres e crianças passaram, ainda, a serem consideradas como frágeis e necessitadas da proteção masculina, numa divisão de papéis que tornou possível, de acordo com Rocha-Coutinho, "o domínio do homem sobre a mulher, disfarçando-o sob a capa de proteção" (1994, p.152).

A mulher através de vários anos teve uma educação diferenciada da educação masculina. Era educada para servir, enquanto o homem era educado para assumir a posição de senhor todo poderoso. Quando solteira vivia sob a dominação do pai ou do irmão mais velho,

ao casar-se, o pai transmitia todos os seus direitos ao marido, submetendo a mulher à autoridade deste. A mulher nada mais era do que um objeto. Em algumas culturas o marido podia escolher o próximo marido de sua mulher em caso de morte; em outras, com a morte do marido, matavam-na e enterravam-na a fim de continuar servindo-o no outro mundo. O próprio Direito Romano, berço da nossa cultura jurídica, já desprovia a mulher de capacidade jurídica. A religião era prerrogativa masculina da qual a mulher somente participaria com a autorização do pai ou do marido. Também o parentesco só se transmitia pelos homens, apenas por razões genéticas o impedimento matrimonial relativo à mulher era evocado.

Não devemos crer que sua participação na História tenha sido menor ou até mesmo nula, tendo como comparação os homens (aqueles que sempre tiveram o poder de fabricar tais documentos). A mulher, assim como o homem, tem a sua história e, conseqüentemente, seu papel como agente histórico. Entretanto, a compreensão da mulher envolve o entendimento das representações sociais aos quais esteve historicamente relacionada. São muitas as facetas que recobriram a mulher ao longo dos tempos: excluída da cidadania na Atenas dos tempos de Aristóteles, Platão e Sócrates, satanizada durante a Idade Média, tratada como feiticeira e bruxa por mais alguns séculos, bem como tida na sociedade burguesa do século XIX como mãe (simbolizando a Virgem Maria, pura e ideal, dona-de-casa, a subordinada e fiel) e/ou como louca, sanguínea, rebelde, infiel, mentirosa, mulher-fogo, entre outras (MELLO, 2004, p.12).

No dizer de Mello (2004), ao longo da História, inúmeras foram às mulheres que se mantiveram distantes dos padrões de comportamento considerados "normais" ou "comuns" por parte de uma elite social normativa e conservadora representada pelos homens. E entendemos, também, como fora desta sociedade às mulheres que lutavam por reivindicações de sua inclusão política.

Com o surgimento da revolução industrial, inicia-se um processo reivindicatório por melhores condições sociais. O século XIX se caracterizou por duas frentes de luta do operariado: a luta por melhores condições de trabalho (salário, redução da jornada, repouso semanal, condições de higiene), e a luta pelos direitos de cidadania. Neste primeiro momento, mesmo que houvesse a busca pelo sufrágio universal e a ampliação dos direitos da democracia, a mulher, entretanto, não estava incluída neste movimento. A conquista do direito ao voto feminino necessitou de lutas específicas, abrangendo mulheres de todas as classes sociais (ALVES, 1991, p.42).

No Brasil Colônia, a Igreja deu início à educação, no entanto, a instrução ministrada por ela não incluía as mulheres. Na educação católica deste período, a mulher devia obediência cega não só ao pai e o marido como também à religião. Consequentemente a mulher vivia enclausurada sem contato com o mundo exterior. Os dois centros principais de

sua vida eram o lar e a igreja. A toda poderosa Igreja exercia forte pressão sobre o adestramento da sexualidade feminina. O fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era simples: o homem era superior, e, portanto cabia a ele exercer a autoridade. A justificativa estava baseada na Epístola aos Efésios, de São Paulo: as mulheres deveriam se sujeitar aos seus maridos como ao Senhor, pois este seria a cabeça da mulher, assim, como Cristo era a cabeça da Igreja (ARAÚJO, 2004, p.46). À mulher não era permitido estudar e aprender a ler. Nas escolas somente eram ensinadas técnicas manuais e domésticas. Esta ignorância era imposta como forma de mantê-la subjugada desprovido-a de conhecimentos que lhe permitissem pensar em igualdade de direitos. Era educada para sentir-se feliz como: "mero objeto", porquanto, só conhecia obrigações.

Logo após a Proclamação da República, foram organizados no país grupos de mulheres com o objetivo de conquistar seu direito ao voto. Ainda que o feminismo político da época não houvesse se limitado apenas ao sufragismo, esta foi sua principal tendência e o que provocou as reações mais violentas por parte dos opositores. Através de jornais, da literatura e dos visitantes vindos da Europa, construíam-se neste momento, novos papéis para as mulheres, outrora restritos às funções familiares e domésticas, como vimos anteriormente. Embora o papel de mãe fosse evidenciado, uma nova mulher surgia com objetivos diferentes daqueles até então conhecidos. Era a construção de uma nova mulher e de uma família renovada. E para isso contribuiria o Positivismo Republicano que considerava a mulher intelectualmente não inferior ao homem, mas sim, que sua inteligência era complementar à do homem.

Algumas mulheres no final do século XIX e início do século XX passaram a marcar presença em cafés, bailes, teatros e em certos acontecimentos sociais. Se agora elas sentiam-se mais livres, demonstrando suas emoções, entretanto, seus passos ainda eram vigiados por pais, maridos e agora a própria sociedade que mantinha os olhos atentos sobre elas. Como resultado da agitação republicana de 1889, surgiu a possibilidade de uma estrutura política mais fluida e aberta e, com extensão do voto, em teoria, a todos os homens alfabetizados, a questão do sufrágio pôde tornar-se um tópico mais vital para as feministas cultas que experimentavam um sentimento de frustração e privação e privação política (HAHNER, 2003, p. 80). Essas mulheres tiveram que aprender a comportar-se em público, a conviver em sociedade de maneira educada.

No próximo capítulo vamos analisar aspectos históricos da Câmara de Vereadores e as responsabilidades que o mandato impõe aos vereadores e vereadoras, bem como características das trajetórias das vereadoras pesquisadas, onde a formação familiar e

educacional, bem como o ingresso na vida pública por diferentes caminhos traduzem um pouco da condição feminina da mulher aracajuana dos séculos XX e XXI.

CAPITULO II- A MULHER NA POLÍTICA ARACAJUANA

2.1. Histórico da Câmara de Vereadores de Aracaju



Imagem 1: Fachada do prédio da Câmara de Vereadores de Aracaju

Recentemente no ano de 2010, foi lançado pela Câmara Municipal de Aracaju, mais especificamente na pessoa de seu ex-presidente, Emanuel Nascimento, um livro em comemoração aos 155 anos de seu funcionamento, com o título “Fontes para a história do poder legislativo da cidade de Aracaju”. Segundo seus autores Nascimento e Nascimento, (2010) a Câmara Municipal de Aracaju iniciou sua história no mesmo ano que nasceu a capital sergipana.

Em 2012, foi lançado outro livro do referido autor com o título “Os Camaristas” que descreve um pouco sobre os atos do poder legislativo municipal, bem como os vereadores que por ali passaram, e sendo assim uma boa fonte para a pesquisa.

Suas atividades começaram no ano de 1855, o que torna a instituição mais antiga da cidade. Ainda segundo esses autores:

No Arquivo da cidade Aracaju já foram encontradas sete caixas contendo documentos referentes à Câmara de Vereadores. Nelas estão depositados 07 livros de atas que cobrem as atividades da instituição no período de 1855 a 1914, um livro contendo a correspondência expedida pela Câmara entre os

anos de 1873 a 1886, e pastas contendo certidões das prestações de contas dos prefeitos de Aracaju na década de 60 do século XX, boletins noticiosos das atividades diárias da Câmara de Vereadores na década de 70 da mesma centúria, correspondência recebida nas décadas de 60 e 70 dos anos 900, decretos de interesse do Município expedido pelo governador do Estado de Sergipe na década de 70 do século XX, portarias expedidas em 1967, projetos de lei analisados pelos vereadores entre os anos de 1952 e 1995, resoluções da Câmara e requerimentos dos vereadores referentes ao período de 1956 a 1972. (NASCIMENTO E NASCIMENTO, 2012, p.15)

A data de sua inauguração não é muito precisa, porém os referidos autores relatam que:

No Arquivo Público do Estado de Sergipe se identificou o mais antigo documento sobre as atividades dos vereadores aracajuanos: uma correspondência enviada pelo presidente da Câmara, Tobias de Mendonça Galvão, ao presidente da província, Inácio Joaquim Barbosa, o que efetivamente atesta que a instituição já funcionava regularmente 13 dias após a instalação da cidade. (NASCIMENTO E NASCIMENTO, 2012, p.15)⁷.

NASCIMENTO; NASCIMENTO (2012) relatam que o primeiro documento dos registros data de 30 de março de 1855, dia esse que passou a ser considerado como de sua instalação, e como não havia ainda a sede do Poder Executivo, a CMA ficou como função de governar a capital, na época com oito vereadores, e que umas das atribuições da Câmara nos primeiros anos após sua inauguração, foram à regulamentação da leitura e escrita, na criação de instituições de ensino, na formação de profissões, instalação de empresas e associações, o que contribuiu para o progresso da nova capital sergipana.

Segundo o Regimento Interno da Câmara de Vereadores de Aracaju:

Art. 15. O Presidente é o representante legal da Câmara nas suas relações externas, cabendo-lhes as funções administrativas e diretivas de todas as atividades internas, competindo-lhe privativamente:

I - Quanto às atividades legislativas:

- a) comunicar aos Vereadores, com antecedência mínima de três dias, a convocação das sessões extraordinárias, sob pena de responsabilidade;
- b) determinar, a requerimento do autor, a retirada de proposições, que ainda não tenham parecer da Comissão competente, ou, havendo-o, lhe for contrário;
- c) não aceitar substitutivos ou emendas que não sejam pertinentes à propositura inicial;

⁷ NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho de. NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Os camaristas: contribuição a história do poder Legislativo de Aracaju. (1855-2012)** Aracaju: criação. 2012.

- d) declarar prejudicada a proposição, em face de rejeição ou aprovação de outra com o mesmo objetivo;
- e) autorizar o desarquivamento de proposições;
- f) expedir os projetos às Comissões e incluí-los na pauta;
- g) zelar pelos prazos do processo legislativo, bem como dos concedidos às Comissões e ao Prefeito;
- h) nomear os membros das Comissões Especiais criadas por deliberação da Câmara e designar-lhes substitutos, se isso não for feito pelo Plenário;
- i) declarar a perda de lugar de membro das Comissões quando incidirem no número de faltas previsto por este Regimento. (Regimento Interno da Câmara de Vereadores de Aracaju)

Quanto às sessões, o Regimento Interno, estabelece:

- a) convocar, presidir, abrir, encerrar, suspender ou prorrogar as sessões, observando e fazendo observar às normas legais e vigentes as determinações do presente Regimento;
- b) determinar ao Secretário a leitura da Ata e das comunicações que entender conveniente;
- c) determinar a ofício, ou a requerimento de qualquer Vereador em qualquer fase dos trabalhos, a verificação de presença;
- d) declarar a hora destinada ao Expediente ou à Ordem do Dia e os prazos facultados aos oradores;
- e) enunciar a ordem do dia e submeter à discussão e votação a matéria dela constante;
- f) conceder ou negar a palavra aos vereadores, nos termos do regimento, e não permitir divulgação ou apartes estranhos ao assunto em discussão;
- g) interromper o orador que se desviar da questão em debate ou falar sem o respeito devido à Câmara ou a qualquer dos seus membros, advertindo-o, chamando-o à ordem, e, em caso de insistência, cassando-lhe a palavra, podendo, ainda, suspender a sessão quando não atendido e as circunstâncias o exigirem.
- h) chamar à atenção do orador quando se esgotar o tempo a que tem direito;
- i) estabelecer o ponto da questão sobre o qual devem ser feitas as votações;
- j) anunciar o que se tenha de discutir ou votar e dar o resultado das votações;
- l) anotar, em cada documento, a decisão do Plenário;
- m) resolver sobre os requerimentos que por este Regimento forem de sua alçada;
- n) resolver, soberanamente, qualquer questão de ordem ou submetê-la ao Plenário, quando omissa o Regimento;
- o) mandar anotar, em livros próprios, os precedentes regimentais, para soluções de casos análogos;
- p) manter a ordem no recinto da Câmara, advertir os assistentes, mandar evacuar o recinto, podendo solicitar a força necessária para esses fins;
- q) anunciar o término das sessões, convocando antes, a sessão seguinte;
- r) organizar e publicar a Ordem do Dia da sessão seguinte. (Regimento Interno da Câmara de Vereadores de Aracaju)

Atualmente, a Câmara é composta, atualmente por 24 parlamentares, que conseguiram votos suficientes para sua eleição. Na gestão anterior (2009-2012) era composta

por quatro mulheres e quinze homens, totalizando 19 vereadores. O número de mulheres na atual gestão (2013-2016) diminuiu pois foram eleitas apenas duas vereadoras, a terceira assumiu na condição de suplente, recentemente.

2.2. Funções de Vereadores e Vereadoras

O (a) vereador (a) é um membro da Câmara Municipal que exerce seu cargo em favor de um município, o mandato dura quatro anos e o cargo enquadra-se no poder legislativo. Após a eleição o (a) vereador (a) torna-se o legítimo representante do povo, e sendo assim, o (a) vereador (a) deve zelar pela sua imagem de bom parlamentar, pois ao votar em projetos que vão contra o interesse da população, isso será revertido em perda de votos em uma próxima eleição.

Os vereadores e as vereadoras têm como principal função, fiscalizar as ações do Poder Executivo. Assim sendo, também tem como atribuições: analisar e aprovar leis ligadas à prefeitura e ao prefeito; votar projetos de lei; receber os eleitores e ouvir sugestões; críticas, reivindicações; promover a ligação entre eleitores da região e o poder executivo; fiscalizar vários órgãos da prefeitura, além de requerer prestação de conta por parte do prefeito. que representa e o governo; elaborar e redigir projetos bem como aprovação de Códigos de Posturas, para a regulamentação e organização do espaço urbano, dos problemas ambientais, das questões sanitárias, transporte público, saúde, dentre outros setores essenciais para o desenvolvimento de uma cidade.

O desenvolvimento da cidade está ligado também à Câmara de Vereadores, pois são eles que analisam os projetos enviados pelo prefeito, fiscalizam suas ações e Cria leis com intuito de formar uma sociedade mais igualitária.

A rotina de trabalho de um (a) vereador (a) envolve inúmeras atividades. Em seu Regimento Interno a Câmara Municipal de Aracaju, definiu que todos os vereadores se reúnam ordinariamente, as segundas no período da manhã, caso seja convocada alguma comissão, e as terças, quartas e quintas no período da tarde, para sessões em plenário. Cada reunião tem a duração aproximada de duas horas, devendo se estender sempre que necessário.

A primeira parte da reunião é dedicada ao expediente do dia. Nessa fase, lê-se a ata da reunião anterior, correspondências, avisos, comunicações e pareceres, bem como a apresentação sem discussão de proposições. Em seguida há o pequeno expediente nessa fase, abrir-se-á espaço para o uso do microfone durante cinco minutos e os vereadores podem pronunciar sobre assuntos relevantes ou de interesse geral, após esse período dá-se início ao

grande expediente onde os vereadores têm direito a fazer uso do microfone por um período maior que é de vinte minutos e geralmente é usado pela oposição para fazer críticas a atos do governo e pelos vereadores da situação que rebaterem essas críticas.

A segunda parte é destinada à Ordem do Dia, quando os vereadores discutem e votam projetos e proposições, requerimentos, indicações, representações e moções, além de oradores inscritos e ordem do dia da reunião seguinte. Fora das reuniões os vereadores geralmente, são procurados pela população para fazer suas reivindicações junto à administração pública municipal, suas repartições e órgãos.

Além das reuniões ordinárias normais, praticamente todos os vereadores são membros de uma ou mais comissões temáticas que se reúnem ordinariamente em dia determinado pelo presidente da comissão a que pertence. Tanto essas comissões quanto o plenário podem ser convocados para reuniões extraordinárias, desde que haja necessidade delas.

Nas principais atribuições dos vereadores e vereadoras estão incluídas as seguintes ações:

Atividade plenária- É a ação do vereador nas votações e discussões em plenário – onde são travados os grandes debates. É ali também que ele se posiciona politicamente, através de pronunciamentos. Vota os projetos de lei e defende suas propostas. Ação Partidária -Cada vereador é eleito por um partido. Por isso mesmo tem que se manter em sintonia com seus dirigentes, lideranças e correligionários. Reuniões de bancada, de diretório e mesmo de discussão de estratégias exigem muito do parlamentar na condução de seus trabalhos legislativos. Atividade de gabinete - É no seu gabinete uma sala apropriada o que o vereador recebe seus eleitores. Tem acesso às sugestões, às críticas, às reivindicações que dizem respeito ao seu desempenho e a sua região. É do gabinete, também, que ele aciona seus contatos – telefônicos ou pessoais – com as bases ou com o governo, porém devido ao espaço pequeno da câmara de vereadores de Aracaju, esse espaço não é o ideal, pois é disponibilizada uma sala ao lado do gabinete da presidência, o que não é suficiente para os dezenove vereadores, assim sendo, ou eles atendem nessa sala, corredores da Câmara, ou no gabinete disponibilizado em seus partidos de origem. Membros das Comissões. Cada vereador integra uma ou mais comissões permanentes da Casa, onde são apreciados os projetos específicos da área a que se dedica essa comissão e segundo o regimento interno da casa. (Regimento Interno da Câmara de Vereadores de Aracaju)

Sobre a participação nas comissões reza o regimento da Casa:

Art. 100 - A Câmara Municipal terá comissões permanentes e temporárias, com atribuições, e constituídas pelo disposto no Regimento Interno ou através de ato legislativo.

Art. 101 – Compete às comissões, de acordo com a matéria de sua competência:

I – discutir e votar parecer sobre Projeto de Lei;

II – realizar, quando necessário, sessões especiais, abertas à participação de entidades representativas da população, para debater assuntos de seu interesse;

III – convocar Secretários Municipais, Administradores Distritais, Administradores Regionais, Diretores de Autarquias e empresas públicas para prestarem, pessoalmente, informações sobre assuntos previamente determinados, importando a ausência, sem justificção julgada adequada, em crime de responsabilidade;

IV – receber petições, reclamações, representações de qualquer pessoa contra atos ou omissões das autoridades públicas;

V – manter permanente controle na execução de proposta orçamentária, bem como acompanhar os atos de regulamentação do Executivo Municipal.

§ 1º - Serão criadas comissões parlamentares de inquérito, por iniciativa de um terço dos membros da Câmara, de acordo com as normas do Regimento Interno, com poderes de investigação própria das autoridades judiciais, para a apuração, em prazo certo, de fatos determinados e, após conclusão, se for o caso, encaminhadas ao Ministério Público para que promovam a responsabilidade civil ou criminal dos indiciados.

§ 2º - Todos os órgãos do Município têm a obrigação de prestar, no prazo de 15 (quinze) dias, informações solicitadas pelas comissões de inquérito, bem como fornecer os documentos solicitados. (Regimento Interno da Câmara de Vereadores de Aracaju).

Essas comissões são criadas para assuntos específicos, se reúnem após convocações de seus presidentes nas segundas feiras pela manhã.

Em relação ao Governo, o vereador é quem cuida do relacionamento com suas bases, com os eleitores da sua região e com o governo, reivindicando melhorias, encaminhando soluções, elaborando e acompanhando projetos. Ele é o elo do governo com povo.

Na Câmara de Aracaju, os vereadores e vereadoras da última gestão tiveram preocupações muito importantes, entre elas destaque: a aprovação de um projeto de lei sobre a regularização do trânsito das motonetas na cidade, pois esse tipo de transporte tem aumentado assustadoramente, e tem causado transtorno no trânsito dos demais veículos, pois pessoas desabilitadas como adolescentes fazem manobras perigosas, bem como andam sem capacete e habilitação e isso tem causado muitos acidentes e mortes. Outra preocupação também diz respeito a aprovação da lei orgânica da cidade, e para isso são realizadas reuniões entre os vereadores e os moradores de cada bairro onde são sugeridas formas de como aproveitar melhor o espaço público, como: construção de praças e aberturas de ruas naquela região.

2.3 As Vereadoras de Aracaju

As trajetórias das vereadoras pesquisadas são marcadas por muita luta e determinação, mas também por realizações no espaço público. A maioria delas desenvolveu a atividade política associada ao magistério, bem como a diferentes funções ocupadas em associações e

sindicatos. Muitos líderes participaram de suas escolhas políticas e partidárias. A formação universitária, a autonomia, a independência e as dificuldades econômicas estiveram presentes na vida de muitas delas. Além das entrevistas concedidas e dos questionários respondidos, foi possível garimpar vestígios dos caminhos percorridos por elas em sites da internet, jornais e revistas. Escolhemos apresentá-las em ordem cronológica, tendo em vista o exercício do primeiro mandato como vereadoras. Procuramos permitir que pudessem expressar com a sua “própria voz” as características de suas conquistas e desafios.

2.3.1 Maria Carmelita Cardoso Chagas

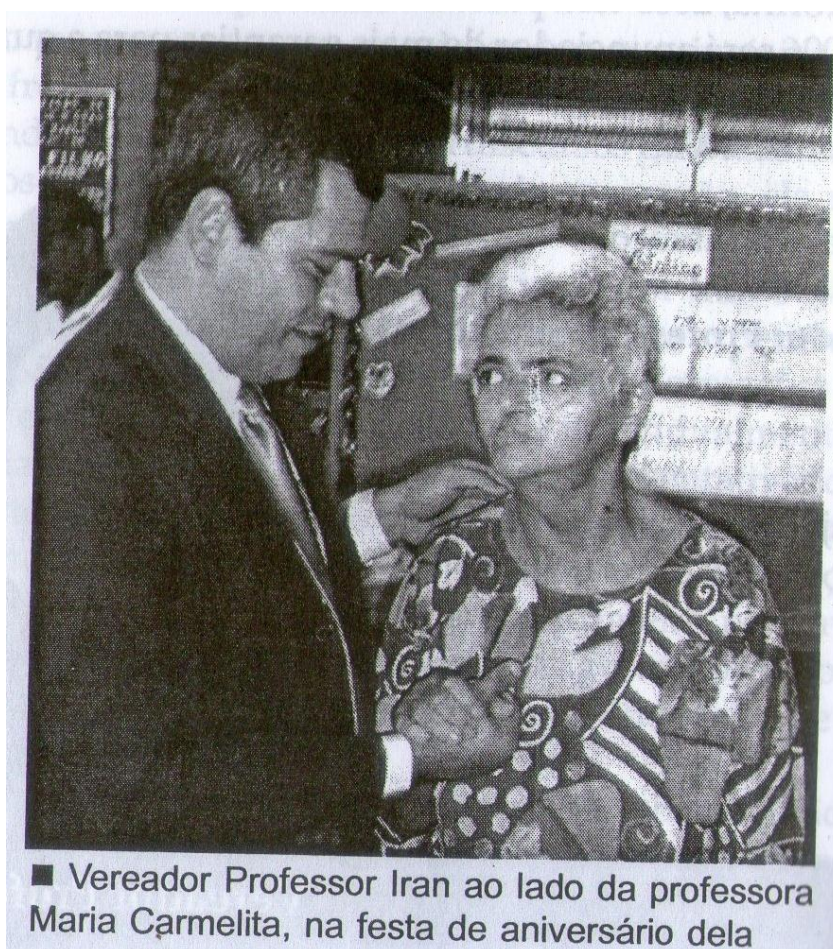


Imagem 2- Profa. Maria Carmelita Cardoso Chagas e o Vereador Iran Barbosa. Fonte:(BARBOSA, 2006, p.10)

Maria Carmelita Cardoso Chagas nasceu a 27 de fevereiro de 1913, em Graccho Cardoso, Sergipe. Seus pais foram: Manoel Pacheco de Andrade e Antônia Rosa Cardoso. Faleceu em 29 de dezembro de 2007.

A sra. Cardoso era uma professora de primário, funcionária do Estado e preocupada com o saber dos seus filhos. Tomou a decisão de fixar residência na capital pelo bem da família. Maria Carmelita Cardoso, aos sete anos de idade, chegou a Aracaju com a família. (apud.SANTOS, 1990)

Ao chegar na cidade, a professora Antonia Rosa Cardoso abriu um colégio particular para ajudar a sobrevivência da família, pois quando casou, perdeu o emprego, pois o Estado não admitia casamento para professoras públicas, naquele período. Com a família, passou a residir na rua Estância, e Carmelita passou a freqüentar o Grupo Escolar General Siqueira, que funcionava na Ivo do Prado, no prédio onde hoje é o Museu da Gente Sergipana.

O curso ginásial foi concluído na Escola Normal quando funcionava no Parque, onde hoje é o Centro de Turismo, próximo à Catedral. Normalista, fez estágio para seguir carreira.

Naquele época, quando me formei, era obrigado a dar estágio no interior. Fui lecionar na Taboca, município de Socorro. Depois, fui para o Manoel Luiz, passei uma temporada no General Valadão. (apud. SANTOS, 2002)

Foi professora em diferentes escolas públicas⁸. Seus divertimentos da época de jovem eram muitos:

O bonde de burro era gostoso. Era uma beleza! Minha lua-de-mel foi em casa mesmo. Naquele época, não usava essa coisa. Na frente do palácio, juntava-se a mocidade. Era lindo. Fazia o rinqe, rodeando a praça, a banda tocando, e a juventude flertando e passeando aos domingos. Não tinha clubes sociais e, na praça, o acontecimento. Depois, íamos assistir à missa na Catedral e fechava a praça. Acabada a missa, cada um para suas casas, e soltavam a onça. (apud. SANTOS, 2002)

Manuel, marido de Carmelita, passou a ter uma farmácia no Siqueira Campos. Era considerado o médico do bairro.

Dava injeção, fazia curativo, receitava, fazia tudo. Eu vivia entre os remédios, mas, hoje, não gosto deles. Eu ficava envolvida com o movimento da farmácia. Eram comadres pra lá, compadres pra cá, fazendo amizades no bairro que era chamado de Aribé. (apud. SANTOS, 2002)

Depois, Manuel foi nomeado o delegado do bairro, e conciliava a função na delegacia e na farmácia. Sobre seu ingresso na política, a professora Carmelita explicou como se deu:

⁸SANTOS, Osmário. Entrevista publicada pelo Jornal da Cidade em 27/08/1990. MEMÓRIAS DE POLÍTICOS DE SERGIPE NO SÉCULO XX, 2002. p. 618-621.

o Dr. Leite Neto fez o convite para o meu marido fazer parte da política. Nas vésperas, na Convenção, ele não pôde ser candidato, como estava previsto, por ser delegado. O jeito foi lançar a minha candidatura. Indo de casa em casa, visitando os amigos, que eram muitos. [...] Não sabia dizer não. Atendia a todos. Quando um dizia que necessitava de um vestido, ela resolvia o problema. Dávamos vestidos, sapatos, muitos presentinhos. Fiz panfletos, ia para a rádio, participava de comícios. Sofri com a discriminação. (apud.SANTOS, 2002)

Apesar de eleita, teve que enfrentar diferentes barreiras e muito preconceito, segundo ela o pessoal dizia:

Como é que pode uma mulher ser vereadora? Eu nunca ouvi dizer que uma mulher fosse candidata a vereadora. Vá tomar conta de sua casa, mulher!. Os líderes políticos do bairro, em número de quatro, não deram trégua. Eles me deram muita dor de cabeça, mas eu venci. (apud.SANTOS, 2002)

Foi a grande surpresa da primeira eleição que aconteceu em Aracaju depois do Estado Novo.

Maria Carmelita foi eleita com um grande número de votos pelo PSD. Na Câmara, passou a mostrar o valor da mulher no legislativo. Apresentei muitos projetos, visando a melhoria dos mais carentes e benefícios para o bairro. No Siqueira Campos, consegui a implantação de um Posto Médico com muita luta. (apud.SANTOS, 2002)

Um dos fatos marcantes da sua vida na Câmara Municipal de Aracaju, foi o de ir ao plenário prevenida: “ ia armada pelo fato de haver muitas divergências [...]Minha campanha foi de paz e harmonia”. (apud. SANTOS, 2002)

Como relatou a professora Carmelita, muitos vereadores iam também armados, mas o fato de ser mulher e andar armada causava maior estranheza:

Mas, na Câmara, tinha gente com sangue mais esquentado. A maioria ia armado, e eu não podia ficar atrás. Muitas brigas, uma coisa séria! Eu fui devidamente treinada a manusear meu revólver por meu esposo, que era delegado. Aprendi apertar o gatilho no quintal da minha casa. Até hoje, guardo o revólver que eu levava dentro da bolsa, um rossi, como recordação dos meus tempos de vereadora. Todos os meus colegas sabiam que eu andava armada. Tinha dias que o clima era quente. Brigas, um pegava na abertura do outro, era aquele chamego, e eu era a pomba da paz, desarmava eles todos. (apud.SANTOS, 2002)

Chegou a ocupar o cargo de segunda secretária na Câmara Municipal.

Fez parte das várias comissões, como Finanças, Justiça, Trabalho e chegou a viajar para encontros municipais, representando a Câmara de Aracaju. Carmelita era, na política, uma fiel seguidora de Maynard. Quando Maynard mudava de partido, eu também mudava. Assim, ela deixou o PSD e filiou-se ao PSP. Antes de Maynard morrer, nos deixou na UDN. (apud.SANTOS, 2002)

Apesar de estar afastada da política, Carmelita é lembrada por muitas pessoas:

Enquanto estamos atuando, tudo vai bem. Depois, só as pessoas amigas. Digo que trabalhei muito na política, ainda hoje, tenho a lição de dizer que existem pessoas amigas que me telefonam no dia da eleição e batem à minha porta para me dizer: eu não voto para ninguém, o meu voto é seu. Em quem eu vou votar?. Eu nunca tive um dia para mim. Lá no bairro, dava toda assistência. Brigavam numa fila do cinema, que era defronte à minha casa, corriam lá para casa. Um dia, fui para a Chefatura às duas horas da manhã para soltar uma criatura. Nessa época, nunca fui a uma praia. (apud.SANTOS, 2002)

Marlene Chagas, filha de Carmelita, fala sobre a época de campanha:

Mamãe preparava cartas e panfletos e juntávamos a família e os amigos. Nós íamos de casa em casa, na véspera de eleição. Visitava todas as casas e distribuía o material da campanha. Não era chapa única, e cada candidato tinha a sua chapa. Era o pacotinho. Nós levávamos o envelope já prontinho, isso, sem falar no serviço de boca de urna que funcionava. (apud.SANTOS, 2002)

Carmelita apoiou a ideia da filha Marlene em abrir um colégio particular no Bairro Siqueira Campos. As duas, então, ficaram à frente do colégio Walter Franco que funcionou durante um período de quinze anos.

Um fato marcante na vida pública de Carmelita diz respeito à visita de Getúlio Vargas a Sergipe

Quando Getúlio Vargas esteve aqui, em nome da mulher sergipana, fiz uma emocionante saudação. Foi um importante fato da minha vida política. Carmelita tem a maior satisfação em ver seus alunos realizados na vida. (apud.SANTOS, 2002)

Sobre sua vida como professora, relembra:

Da minha vida de educadora, é marcante a gente constatar alunos que passaram pelas nossas mãos e que estão, hoje, realizados na vida. Vejo médicos, secretários de Estado, assistentes sociais, muita gente e isso me dá a maior satisfação. Na minha família, os meus filhos, a minha vida. (apud.SANTOS, 2002)

Carmelita casou-se com Manuel Francisco Chagas, tiveram seis filhos, dois morreram e ficaram: Marlene Cardoso Chagas, Marcelo Cardoso Chagas, Márlcio Cardoso Chagas e Márcia Cardoso Chagas.

Tivemos informação na Câmara de Vereadores⁹ que tem uma lei aprovada para dar o nome da professora Maria Carmelita Chagas a uma escola municipal como reconhecimento da sua atuação pública no magistério e na política.

Como veremos em outras trajetórias o magistério e a política vão marcar outras vereadoras em Aracaju.

2.3.2. Maria Nazaré de Carvalho



Imagem 3. Maria Nazaré de Carvalho

Fonte: www.cmaju.com.br

Nasceu em Nossa Senhora das Dores-Sergipe, teve uma infância saudável. Estudou no colégio Atheneu Sergipense, na Escola Normal e na Universidade Federal de Sergipe onde formou-se em Letras Vernáculas/ Estrangeiras e Jornalismo.

Ela diz acreditar no amor como na generosidade das pessoas. Tem orgulho de ser filha de Maria Terezinha de Carvalho, de quem herdou bravura e ainda de ter nascido na

⁹ Segundo Santos (1990/2002) a profa. Carmelita teria exercido 3 mandatos como vereadora. Segundo as informações obtidas na Câmara de Vereadores, ela exerceu o primeiro mandato de 1953 a 1959.

cidade de Nossa Senhora das Dores. Só de uma coisa ela diz não ter tido o privilégio: ser reconhecida pelo pai, mas honra até hoje o nome que a deixou bastante conhecida e respeitada.

Foi professora da rede pública estadual e da rede privada. Nazaré Carvalho se orgulha ainda de ser jornalista, radialista e apresentadora de TV. Ela foi a primeira mulher na televisão do Estado, participando das fundações das emissoras TV Sergipe e TV Atalaia.

Mãe solteira determinada, Nazaré criou seus três filhos (um deles é sobrinho e filho do coração): Terezinha de Carvalho Sobral (casada com Alberto Franco Sobral e mãe de Jhully, Júnior e Jhonathan), Arthur André de Souza e Marcos Fellipe Gomes de Carvalho Santos.

Quando a radialista Maria Nazaré Carvalho chegou à Câmara, em 1977, Ester e Arlete haviam concluídos os respectivos mandatos. Nazaré, como Ester, foi vereadora durante 19 anos, cumprindo seu último mandato entre 1997 e 2000.

Em 1983, Nazaré Carvalho foi a primeira mulher a assumir a cadeira de presidente da Câmara Municipal de Aracaju, num processo que ela mesma sintetiza:

Cheguei à presidência por um acidente político, não fui preparada. Essa prerrogativa em nenhum momento foi pensada, foi um artifício político, pois havia um candidato que não agradava e nem conseguia reunir votos necessários. Então, a oposição, talvez até sem acreditar que a situação aceitasse disse: “votamos em Nazaré”, por um acaso até, porque Nazaré brigava, questionava, levantava assuntos polêmicos. Assim, a oposição sentiu que meu nome era viável e faria revolução na Câmara e a situação aceitou. Assim fui eleita em 1983 a primeira mulher presidenta da Câmara Municipal de Aracaju. Lembro que era uma terça de carnaval, parei e quando terminou alguém entre meus colegas disse: “Nazaré, você é presidente”. Eu! Presidente? O que vamos fazer agora? Então reuni os funcionários da Câmara, gente que a História da Câmara deverá respeitar para sempre como Maria Nascimento, Jorge Fleury, Osvaldo Lima e tantos outros que não cai dar para lembrar. Nos reunimos com os advogados José Augusto Siqueira e Adão Calazans e disse: gente, vamos trabalhar, porque vocês precisam me dizer o que vou fazer, pois em momento nenhum me preparei para dirigir o legislativo municipal. E trabalhamos toda a semana de carnaval para ficar inteirada das funções técnicas e administrativas, que não imaginava como funcionava a Câmara. Na época eram 33 funcionários, inclusive alguns requisitados da Prefeitura¹⁰.

Ao longo da sua jornada parlamentar, Nazaré conviveu com outras cinco Vereadoras: Maria Madalena de Carvalho Goes (1989-1992), a professora Terezinha de Jesus Marques

¹⁰ CF. SILVA, Isa Eleonora Barreto. **História, memória & cidadania**: Câmara Municipal de Aracaju de 1964 a 2004. Aracaju: edição da autora, 2004, p. 136.

(1989-1992), a advogada Suzana Maria Fontes de Azevedo (1989-1996), Tânia Soares (1997-2000) e a enfermeira Maria Nilza Santana (1997-2000).

3.2.3. Suzana Azevedo



Imagem 4- Suzana Azevedo
Fonte: www.cmaju.com.br

Suzana Maria Fontes Azevedo nasceu em 1º de dezembro de 1961 ,em Aracaju, Sergipe. Seus pais foram: Tertuliano Azevedo e Maria Bernadete Fontes Azevedo¹¹.

Aprendeu as lições do querido pai Tertuliano e destaca as ações em benefício do próximo como uma das mais importantes. O sr. Tertuliano tem uma história na política sergipana por sua passagem pelo socialismo. Ele sempre lutou pela liberdade democrática e pelos direitos dos trabalhadores. Uma lição política que, hoje, Susana aplica em sua carreira, sempre objetivando uma sociedade melhor. (apud. SANTOS, 1990)

Herdou de sua mãe a solidariedade e a preocupação em ajudar os mais necessitados:

Hoje, todo mundo conhece Dona Bernadete como a mãe da pobreza.O trabalho que ela desenvolveu no Bugio deixou raízes, deixou seu nome em cada coração daqueles moradores. Deixou, também, muito orgulho, não só pelo trabalho realizado, como pelo que ela fez sem assumir cargos públicos (apud. SANTOS, 2002).

¹¹SANTOS, Osmário.Entrevista publicada pelo Jornal da Cidade em 27/08/1990. MEMÓRIAS DE POLÍTICOS DE SERGIPE NO SÉCULO XX. p.757..Matéria publicada pelo Jornal da Cidade em 12/03/1995.

Da infância, muitas marcas ligadas à política ficaram: seu pai foi cassado pelo Golpe Militar de 1964. Como ela mesmo explicou, este fato alterou a vida de Suzana, em muitos sentidos: “tivemos que nos mudar para o Rio de Janeiro, onde tudo era difícil, porque ninguém oferecia emprego a um comunista” (SANTOS, 2002).

O primeiro contato com os livros aconteceu num colégio do Rio de Janeiro. O primário foi concluído em Aracaju no Colégio Imaculada Conceição. Deste período, guarda grandes recordações das professoras Lúcia e Carlota. O ginásio foi feito no colégio Salesiano, onde foi aluna do então professor, hoje vereador, Abrahão Crispim, Wellington Manguiera e aluna da professora Wilma Ramos. No CCPA e no Colégio Visão, realizou o curso científico. Na Tiradentes, então, Faculdades Integradas, o curso superior de Direito.

Em vista de sua atuação na política, aplicou os conhecimentos do Direito na vida pública, mas não deixou de buscar atualizações, a exemplo do curso de pós-graduação em Direito Público, concluído no ano de 1993.

Aos quatorze anos de idade, iniciou a caminhada no trabalho a fim de somar ao dinheiro de mesada que o pai distribuía para as filhas. Passava as tardes na Adicon como auxiliar de escritório. Depois de dois anos de empresa, sentiu a alegria por ter a carteira profissional assinada.

Em 1983, saí da Adicon para dirigir a creche da Fundação Renascer, antiga Febem. No Cemec, trabalhei de perto com menores carentes, experiência que considero uma das mais proveitosas em minha vida. Pude ver o sofrimento daquelas crianças que tinham saudades da mãe. (SANTOS, 2002).

Na Febem, passou por vários setores, chegando a ser chefe de gabinete da presidência. Também foi assessora do Cenam, que lida com menores infratores, na atualidade

Passei pela Secretaria de Justiça, chegando a trabalhar no Departamento Penitenciário como assessora e como estagiária de Direito. Assessorou a Secretaria de Administração na época em que era secretário o coronel José Sizino da Rocha. (apud. SANTOS, 2002).

Para Suzana, o trabalho sempre foi a peça fundamental em sua vida, que vem sendo desenvolvida com muita luta: “por sempre querer aprender, acho que, na vida, de tudo eu sei um pouquinho” (apud. SANTOS, 2002), resume a ex-vereadora, atualmente deputada estadual.

Na casa dos seus pais, política sempre esteve em todas as refeições, no respirar e no transcorrer dos dias. Desde cedo, ajudando o pai em campanhas políticas, deu os primeiros passos fundamentais para a decisão de disputar eleição para a Câmara dos Vereadores.

Para se candidatar, tive que ser, inicialmente, aprovada em convenção familiar. Tinha duas irmãs que estavam querendo, mas fui eleita porque acharam que eu era a mais extrovertida, mais comunicativa. Na primeira vez em que disputei a eleição no ano de 1988 pelo PFL, fui eleita em 6º lugar. Reconheço que esta conquista devo muito a meus pais, ao tio Guido Azevedo e aos amigos Poucas pessoas me conheciam. Eu era a filha de Tertuliano Azevedo. O nome da família pesou muito na primeira eleição. Já na segunda, no ano de 1992, o trabalho que desempenhei influenciou muito. (apud. SANTOS, 2002).

Convidada pelo então governador Antônio Carlos Valadares, foi a primeira mulher na história do Estado a assumir o Gabinete Civil do governo de Sergipe. Aceitou o desafio após solicitar licença à Câmara de Vereadores, segundo Suzana, esta foi uma grande experiência em sua carreira política:

Pude conviver com todos os prefeitos e com todos os vereadores dos municípios. Pude sentir o sofrimento do povo do sertão, do povo que queria falar com o governador e não podia. Até então, as portas do palácio eram fechadas. Pude realizar um grande trabalho, principalmente, pelas audiências públicas, que possibilitou ao povo conversar com o governador. Foi um trabalho através do qual pude servir à população sergipana. (apud. SANTOS, 2002).

Retornou aos trabalhos no legislativo municipal no ano de 1991 para cumprir o resto do mandato, mantendo uma boa convivência com os colegas vereadores.

Tive grandes colegas que me ajudaram no meu primeiro trabalho como legisladora. A minha vida legislativa eu devo muito a eles. Em 1992, novamente disputei eleição para a Câmara de Vereadores de Aracaju, conseguindo a mais expressiva votação do pleito. No segundo mandato como vereadora, ocupei a vice-presidência da Câmara e a presidência da Comissão da Justiça. (apud. SANTOS, 2002).

Sobre as dificuldades e o preconceito enfrentado por ela, no campo político, comentou que: “Um grande cacique, quando eu me candidatei a vereadora, chegou a dizer que eu quebraria a cara com a política, pois lugar de mulher era em casa”. Sua independência e espírito combativo muitas vezes incomodam algumas lideranças, e faz questão de lembrar, que :” só deve suas eleições a Deus, em primeiro lugar, aos seus amigos e ao povo. Não devo minha cabeça a ninguém.” (apud. SANTOS, 2002)

Votada em setenta e quatro municípios sergipanos, diz que em cada um, na última eleição que a elegeu deputada estadual, encontrou grandes amigos: “recebi 10.193 votos sem ajuda de nenhum chefe”. (apud. SANTOS, 2002)

Suzana afirmou que fez um pacto com a deputada Maria Mendonça a fim de unir forças para encaminhar todos os projetos relacionado à mulher, na Assembleia Legislativa, segundo ela: “qualquer projeto que venha beneficiar a mulher, não será nem de Suzana nem de Maria de Mendonça, será um projeto das duas deputadas”.

Sobre o trabalho no campo da política explicou um pouco do seu cotidiano:

Atendo diariamente em meu gabinete de trabalho, no quinto andar da Assembleia Legislativa quarenta a cinquenta pessoas por dia, saio da Assembleia Legislativa constantemente entre 21 e 22 horas. Além disso, faço contato com as bases pela parte da manhã e aos domingos e feriados. Esse trabalho constante de corpo-a-corpo é fundamental para o sucesso da carreira política.

Segundo Santos (2002) o maior sonho de Suzana é “ ver Aracaju linda, com uma nova estrutura na prefeitura, voltada aos mais carentes”

Do marido Joel Dias Freitas Filho, recebe o necessário incentivo para prosseguir sua carreira política. Susana é mãe de dois filhos: Carla, com quinze anos, e Rafael com nove anos.

2.3.4 Rivanda Farias de Oliveira



Imagem 5. Rivanda Farias de Oliveira
Fonte: www.cmaju.com.br

Rivanda Farias de Oliveira, primogênita de três irmãs, nasceu a 22 de setembro de 1970 na cidade de Itaporanga D’Ajuda-SE. Seus pais: Rivaldo Ferreira de Oliveira e Raimunda Farias de Oliveira.

O seu pai atualmente está aposentado, mas trabalhou muito na vida para manter esposa e três filhas. Foi funcionário da SUCAN, cobrador interestadual da Empresa Senhor do Bomfim, taxista de Aracaju e aposentou-se pela Energipe. Ainda hoje ajuda a sua mãe na administração de uma escola de propriedade da família. “Meu pai sempre foi um exemplo acima de tudo de ser humano, esposo dedicado e pai exemplar, fiel a seus ideais e exemplo de caráter. Herdei de meu pai a perseverança e aprendi que palavra dada não se pode voltar atrás”.(www.osmario.com.br/15/12/2012)

A professora Raimunda Farias de Oliveira também foi um exemplo de determinação e dedicação, na sua formação. Segundo Rivanda, ela se casou há trinta e quatro anos passados e continuou os estudos com muito sacrifício, pois morava no interior do Estado e para concluir o segundo grau tinha que vir à Aracaju todos os dias:

assim o fez. Estudou e se formou na área de educação, onde foi professora do Estado e aposentou-se como tal, para logo em seguida fundar o Jardim Escola Nossa Senhora da Conceição, onde junto com o meu pai administra e ocupa seu tempo no que mais gosta de fazer: ensinar.([www.osmario.com.br.Acesso](http://www.osmario.com.br/Acesso) em 15/12/2012)

Sua infância foi muito difícil, apesar de estar alheia às dificuldades enfrentadas pelos pais, devido a pouca idade.

Tenho algumas lembranças boas em Itaporanga D’Ajuda, correndo na praça da matriz depois da missa aos domingos, ou ainda o cheirinho do cachorro quente, que sua mãe trazia no intervalo da escola onde estudava. Lembro das noites em que acordava na madrugada e minha mãe para ajudar no orçamento doméstico costurava sem parar ou fazia tamancos para meu pai trazer para serem vendidos no mercado de Aracaju. Ainda lembro da alegria que senti quando ganhei uma boneca no Natal de 1976, foi a minha primeira boneca, pois as que brincava eram de pano até então. Lembro também de meu avô paterno, Francisco, que fez de cada momento a seu lado, único! Foi ele que me ensinou andar de bicicleta escondida do meu pai. Apesar de não ter tido uma infância materialmente rica, tive uma infância feliz, cheia de carinho, amor e a esperança de dias melhores, e foram estas esperanças que me guiaram até aqui. (www.osmario.com.br. Acesso em 15/12/2012)

O curso primário foi realizado na Escola de 1º e 2º graus Felisbello Freire em Itaporanga.

Logo depois quando ainda tinha nove anos, devido à mudança com sua família para Aracaju, faz a 5ª série na Escola 17 de Março, onde morava, no bairro Santo Antônio. Um ano depois, minha mãe trabalhava na Biblioteca Epifânio Dórea, onde o Jornalista Luiz Eduardo Costa era seu chefe imediato e sabedor das dificuldades que enfrentávamos para pagar aluguel, prometeu a meus pais que falaria com Dr. Augusto Franco para nos dar uma casa no Conjunto Habitacional que leva o seu nome, o qual resido até hoje com muito orgulho. Quando nos mudamos para o Conjunto Augusto Franco, também mudei de escola. Comecei a estudar no Colégio Dinâmico, onde concluí a 8ª série. Na

época, como meus pais não tinham condições financeiras para comprar o que gostaria de ganhar, comecei a vender em sala de aula nos intervalos das mesmas, docinhos feitos por mim com preço menor que o da cantina do Colégio, e foi aí que comprei a minha primeira mochila escolar. Tudo estava a mil maravilhas, até que o diretor do Colégio proibiu o tal comercio interno para minha tristeza. (www.osmario.com.br. Acesso em 15/12/2012)

Fez o 1º ano científico no Colégio Salesiano e depois estuda no Instituto de Educação Rui Barbosa. Passou pelo Colégio Unificado e concluiu o 3º ano científico no Colégio Arquidiocesano, que pelo qual tem um carinho extremo:

Do Arqui (Colégio Arquidiocesano) tenho lembranças maravilhosas; consegui realizar, para felicidade minha e maior ainda do então Cônego Carvalho, o 1º encontro dos ex-alunos. Paralelamente aos estudos, trabalhava nos finais de semana num salão de Beleza no Conjunto Augusto Franco, fazendo unhas e lavando cabelo, para ganhar um trocado, além de também ser sacoleira, vendendo os mais diversos produtos de porta em porta. (www.osmario.com.br. Acesso em 15/12/2012)

No ano de 1991 fez vestibular na UFS, Unit e Pio Décimo. Passou nas três faculdades, mas concluiu neste período apenas duas, pois logo que ingressou na Faculdade tinha que trabalhar, para ajudar a custear os estudos.

Estudava das 7h às 12h na UFS e saía correndo para trabalhar como telefonista (mais tarde secretária) em uma empresa de ônibus, que ia das 13h às 18h30. Saía correndo e ia para a Faculdade Pio Décimo, aonde as aulas iam das 19h às 22h e ainda tinha que pegar ônibus para chegar em casa por volta das 23h. (www.osmario.com.br. Acesso em 15/12/2012)

Ainda em fase de conclusão das faculdades foi convidada para ser secretária de um vereador em Aracaju. Alguns anos depois também recebeu o convite do

engenheiro José Carlos Machado, na época, vice-governador, para ser a sua secretária. Acabado o seu mandato foi convidada pelo advogado Gilton Garcia, para ser chefe do cerimonial da Secretaria de Segurança Pública, onde sai para ser candidata a vereadora de Aracaju. (www.osmario.com.br. Acesso em 15/12/2012)

No ano de 1998, surgiu a oportunidade de fazer um curso em Havana, Cuba, sobre a alfabetização com materiais alternativos, na época o assunto era exatamente o que gostaria de defender na sua monografia de conclusão de curso. Mais uma vez não teve medo de enfrentar este desafio.

Foi uma grande aventura, pois não sabia falar absolutamente nada em espanhol e me comunicava através de gestos nos primeiros dias. Depois a facilidade da língua e a necessidade, fizeram-me aprender o mais rápido possível, pois tinha que ganhar a bolsa para o mestrado. O dinheiro que levei, dava apenas para as três refeições. Depois de quase um mês, desisti de tudo, pois a minha vontade de entrar na vida pública estava latente. Apesar de sabedora das dificuldades que enfrentaria, não poderia ir de encontro à vontade de lutar pelos meus objetivos. (www.osmario.com.br. Acesso em 15/12/2012)

Já de volta, na bagagem, carregava a luta (vitoriosa por sinal), no Ministério Público, contra a venda das praças do conjunto Augusto Franco em 1996, patrocinada pela insanidade de um ex-prefeito. Começou a luta para ganhar as eleições de 2000. Por este mesmo prefeito,

Foi convidada para ingressar em seu partido. Sabia que ele queria neutralizar o meu discurso no Conjunto Augusto Franco e em contrapartida eu queria um partido de legenda fácil, que pudesse me eleger (não sabia que ia ter 3.016 votos). Era uma mão lavando outra. Fui colocada só pra fazer legenda! Enfrentei as maiores dificuldades e até humilhações numa corrida desleal e desigual em busca de uma cadeira na Câmara Municipal de Aracaju. (www.osmario.com.br. Acesso em 15/12/2012)

As dificuldades enfrentadas na campanha política foram muitas, além da determinação Rivanda precisou de muita coragem para não desistir:

Só eu, minha família e Deus apostavam e acreditavam em mim. Era o suficiente para continuar o caminho que tinha escolhido. Não tive direito a camisas, santinhos suficientes, cartazes, trios e tantos outros materiais necessários numa eleição. Dividia diariamente um PF (prato feito) com um voluntário que me ajudava diuturnamente, no garimpo de cada voto. Faltando mais ou menos uma semana para as eleições, cheguei no meu Verona (velhinho) a porta do Partido e num ato de desespero, (pois não tinha mais dinheiro para colocar gasolina no carro), encontrei com Marcos Aurélio, também candidato a vereador, hoje assessor de comunicação da Prefeitura Municipal de Aracaju, e chorando disse-lhe que não mais concorreria as eleições. Faltava tudo em minha campanha, sobrava da minha parte desespero, angústia, nervosismo, sobrava injustiça na distribuição dos materiais de campanha por parte do partido e estes eram os motivos mais que necessários para naquele momento eu ter que desistir de meu objetivo. Num momento de companheirismo, Marcos Aurélio disse-me que eu precisava ser forte, precisava continuar que acreditava em mim, que eu estava bem nos bairros e que eu não tinha o direito de frustrar aquelas pessoas que me admiravam e que gostavam de mim. Eram as palavras de incentivo que eu precisava para continuar a minha luta. (www.osmario.com.br. Acesso em 15/12/2012)

A vitória alcançada, ainda não foi suficiente para conquistar o lugar tão almejado, e Rivanda ainda precisou de perseverança para manter a sua posição e também contou com o apoio de lideranças políticas:

Chegou o dia tão esperado, abrem-se as urnas, e lá está meu nome como vereadora eleita de Aracaju, obtendo nada mais que o dobro de votos do segundo colocado de meu partido e a sexta colocação dos vinte e um vereadores. Começaram as perseguições, mentiras, ameaças e extorsões, uma dessas extorsões feita na presença de Dr. Clóvis Barbosa, em seu escritório, meu advogado na época. E nada podíamos fazer. Nessa época, várias pessoas me ajudaram. Sou grata a todos sem exceção. Não vou nomeá-los para não cometer a injustiça de esquecer alguém. Depois de quase dois anos como Vereadora de Aracaju, no dia 4 de dezembro de 2001, conseguiram roubar-me o mandato, esqueceram apenas de cortar-me as forças para tentar conseguir ganhar de novo as eleições, desta vez pelo Partido Verde, onde me filiei ontem dia 20 de setembro, com uma grande festa no Conjunto Augusto Franco. Dando assim o ponta pé inicial na reconstrução de nossa vida política; e para ser justa, esta reconstrução não seria fácil se Deus não colocasse em minha estrada o amigo Armando Batalha, que conseguiu colar cada pedaço de mim, acreditando em meu trabalho e dando-me a oportunidade de recomeçar. (www.osmario.com.br. Acesso em 15/12/2012)

Da sua passagem pela Câmara de Vereadores, Rivanda conta que foi:

Um aprendizado inesquecível e que amadureceu a carbureto. Naquela Casa Legislativa, me deparei com um mundo; desconhecido, cheio de representações espetaculares, parecia que cada um, enxergava no outro ameaças constantes. Me decepcionei muito, chorei bastante e agia muita vezes com infantilidade. Depois de tanta turbulência, os amigos desapareceram. Da Câmara telefona apenas os vereadores Façanha e Marcélio Bomfim, este, amigo incondicional, compartilhou com as piores dores já sentidas por mim. (www.osmario.com.br. Acesso em 15/12/2012)

E ainda por cima tinha que enfrentar o dilema de arranjar um trabalho:

foi quando um velho amigo (Armando Batalha) se mostrou solidário e convidou-me para trabalhar como sua secretária de Comunicação (também sou Radialista). O que ele não sabia, era que acabara de restaurar a minha auto-estima, de me tirar da depressão, do desespero, da solidão e lhe sou eternamente grata. (www.osmario.com.br/15/12/2012)

Toda essa angústia vivida foi um aprendizado, para a vereadora Rivanda:

Foi uma forma que o bom Deus encontrou como forma de amadurecimento pessoal. Hoje, passados nove meses, não tenho mágoas, rancores ou ódio de meus algozes. Peço a Deus, que os bons espíritos de luzes, o façam encontrar o caminho da fé, do amor e do perdão e que consigam se desprenderem de todo egoísmo e egocentrismo, para um dia desencarnarem em paz. (www.osmario.com.br. Acesso em 15/12/2012)

Segundo Rivanda, a família foi fundamental, na permanência do equilíbrio emocional a cada instante de tristeza e a estimulava-me a cada momento:

Aprendi que na vida tudo é aprendido e temos que saber tirar lições do nosso dia-a-dia. No momento estou escrevendo um livro sobre o que aconteceu com o título ‘Da Eleição a Cassação’ e também o meu segundo livro de poesias, que é fruto da inspiração constante de um grande, infinito e único amor, um amor que foi capaz de transformar todas as desilusões, frustrações e dores em esperanças, paz, companheirismo e acima de tudo amor, um anjo que acalmou a minha alma e cessou a minha busca [...] por esta metade de meu ser, o meu respeito, a minha admiração e o meu muito obrigado por estar fazendo parte de sua vida. (www.osmario.com.br. Acesso em 15/12/2012)

Rivanda é muito grata aos pais e aos familiares, reconhecendo o aprendizado e o amadurecimento, obtido no convívio familiar¹²:

aos meus pais, todo o amor que tentar escrever aqui será pequenino diante do infinito amor que sinto por vocês e orgulho de ser sua filha. Obrigada por me ensinar que o melhor caminho é sempre aquele que é construído por nós mesmos e não aquele que precisamos de atalhos para conseguir chegar onde queremos. As minhas queridas irmãs Ronaide e Rejane, obrigada pela paciência e dedicação. As amigas Ione de Carvalho, Cristina Santana (2ª mãe), Andréa Noronha e Dirce Batalha, obrigada pelo apoio incondicional, amo vocês e com cada uma aprendi lições que melhoraram minha passagem por aqui. Hoje, posso dizer que sou uma pessoa feliz, completa, com metas definidas e com motivos suficientes para viver cada instante como se fosse único, priorizando apenas minha família e minha alma gêmea, pois não existe lugar mais seguro e feliz do que em casa, ao lado daqueles que realmente nos amam do jeito que somos. (www.osmario.com.br. Acesso em 15/12/2012)

A candidata “Rivanda Batalha” assumiu o lugar do marido na disputa pelo pleito eleitoral, da prefeitura de São Cristóvão quando por decisão da direção da coligação “Para São Cristóvão Voltar a Crescer” o ex-prefeito Armando Batalha desistiu de disputar a eleição, para não correr o risco de enfrentar problemas com a justiça eleitoral, caso ganhasse a eleição. É a nova prefeita de São Cristóvão, e prometeu dar mais qualidade de vida a toda população.

Rivanda, que já foi vereadora pelo município de Aracaju, se diz bastante confiante e afirma que vai fazer o possível para mudar a atual realidade do Município de São Cristóvão, que passa por sérios problemas de gestão municipal. “Não vou somente utilizar minha experiência na vida pública, como vou ter o apoio de Armando para podermos concluir todos os projetos apresentados na campanha” (www.osmario.com.br/15/12/2012), afirma a candidata eleita.

2.3.5. Tânia Soares

¹² Texto disponível em <http://www.osmario.com.br/ler.asp?id=14412&titulo=memorias>. acesso em 15 dez 2012.



Imagem 6. Tânia Soares

Fonte: www.cmaju.com.br

Tânia Soares de Sousa nasceu a 09 de janeiro de 1963, na cidade de Estância, Sergipe. Seus pais: Adelaido de Sousa e Maria de Lourdes Soares de Sousa. O pai tinha uma loja de tecidos na cidade de Estância, a Loja Esperança, mas, apesar de próspero comerciante e ter casado com uma filha de usineiro de algodão da cidade de Nossa Senhora das Dores (Luís Soares), morreu pobre.

Quando Tânia nasceu, já era o tempo das "vacas magras". O envolvimento político do pai, e as lições deixadas por ele, marcaram a ex-vereadora:

Papai verdadeiramente era um intelectual, um sonhador, um humanista, um comunista. Foi dirigente do 'Partidão' em Estância: Prestes e Gregório Bezerra contaram com sua ajuda para se esconder e fugir da repressão quando passaram por Sergipe. Por sua vez, papai contou com a ajuda de grandes empresários, seus amigos, para ajudar a seus companheiros em fuga. Sempre fugindo da repressão, papai chegava se esgueirando nas fazendas da família da minha mãe para fugir nos mangues da fazenda do meu avô, ou nos Pilões da minha tia. Ele foi preso em 54 e ficou na carceragem da Marinha, ali na Rua da Frente, na mesma cela que seu Bittencourt, ferroviário comunista e muito meu amigo hoje. Eu tenho muito orgulho da herança que meu pai me deixou: a sua visão de mundo, uma visão universal, de igualdade, de solidariedade, de amizade, de desprendimento e de gostar de todos sem distinção. Ele me deixou a certeza de que o mundo estava sempre em evolução e que o nosso papel era lutar para construir esse mundo novo. A maior alegria do meu pai, foi eu ter entrado para o PC do B, ainda em 1982. Ele queria que nós, mulheres, suas filhas, tivéssemos uma profissão e que nos interessássemos por arte, literatura e que fôssemos independentes. Nos incentivou a ter opinião própria e defendê-las. Ele era um feminista, defendia e incentivava um papel de destaque para as mulheres. Ele adorava a vida, era um otimista, deixou essa herança. Não fazer mal a ninguém nem deixar que nos façam mal. Meu pai era um ótimo papo, espirituoso, inteligente, culto, carinhoso e atento aos que o rodeavam, teve 16 filhos e ainda ajudou a criar mais quatro, de amigos e parentes. (www.osmario.com.br. Acesso em 17/12/2012)

Sua mãe foi caçula de uma grande família. Casou cedo, aos 17 anos e teve 12 filhos, mais quatro que o seu esposo já tinha e mais quatro que ajudou a criar.

Foi sempre mãe. Como éramos muitos e eu a mais nova, ela dividia as tarefas entre os mais velhos, e alguns auxiliares. Nossa casa era sempre cheia, barulhenta e alegre. Mamãe promovia passeios, festas e brincadeiras. Ela era muito religiosa e muito rigorosa. Tinha o papel de impor a disciplina e cuidar da nossa educação. Ela costurava meus vestidos, e brincava de boneca comigo; era o centro lá de casa. Era apaixonada pelo meu pai, vivia em função dele e dos filhos. Passávamos seis meses no Pontal de Indiaroba. Meu pai ficava na cidade e ela ia com a gente. Lá, ela nos deixava livres e descansava também. Ela tomava conta de longe. Saíamos às seis da manhã e quase só voltávamos a noite para rezar e ouvir histórias, antes de dormir. Mamãe era amiga, médica, conselheira e respeitada pela comunidade. Ela participava e ajudava em todas as festas da aldeia: natal, carnaval, padroeira, festas juninas, pescarias e passeios que organizava de saveiro para Mangue Seco todos os domingos. Ela tem 84 anos, está muito viva e saudável, ajudando a criar netos e bisnetos. (www.osmario.com.br. Acesso em 17/12/2012)

Tânia nasceu em 1963, na véspera do golpe militar. Seu padrinho de batismo foi Seixas Dória, governador na época e cassado logo depois:

Não lembro muita coisa, dessa época, mas junto com o golpe, as coisas foram ficando difíceis lá em casa. Isso do ponto de vista econômico. De resto nós vivíamos no Pontal Grande, parte do ano, que era um paraíso e tínhamos muitos amigos. (www.osmario.com.br. Acesso em 17/12/2012)

Com a professora Josefina, no Grupo Escolar Senador Júlio Leite, iniciou os estudos na cidade de Estância. “Eram bons tempos e a escola pública tinha qualidade”. Em 1975, passou a morar em Aracaju e começou a estudar no Colégio 8 de Julho, matriculando-se em seguida, no Colégio São José. (www.osmario.com.br. Acesso em 17/12/2012)

Sobre seu período estudantil relembra:

Junto com algumas colegas, lá fundei um grupo de jovens ligado à igreja. Fazíamos encontros, retiros espirituais, discutíamos a situação do país, as desigualdades, e trabalhávamos com comunidades pobres. Foi uma época importante, de grandes ideais. Tínhamos ligações com as freiras e com padre salesiano, Elias. Nossas referências eram: D. Pedro Casadaliga, Dom Helder e Dom Brandão. (www.osmario.com.br. Acesso em 17/12/2012)

No primeiro ano científico, transferiu-se para o Colégio Arquidiocesano.

Um tempo em que o trabalho com a Igreja começou a se misturar com a política. Foi uma época de descobertas e de fortalecer uma tomada de consciência. A participação política se deu através do jornal Tribuna da Luta Operária e aí a minha relação com o PCdoB. Vendia o jornal aos sábados, às

seis horas da manhã, no mercado de Aracaju e na praia de bar em bar. À noite, nos reuníamos para discutir as decisões do partido, que clandestino era proibido de se organizar. Era o início dos anos 80. (www.osmario.com.br. Acesso em 17/12/2012)

Em 1982, fez vestibular para Ciências Sociais na Paraíba e foi aprovada

No período de matrícula desisti. Já tinha responsabilidades políticas com o partido e não queria me afastar. Conversei com o meu pai e ele mais uma vez me apoiou e depois convenci o resto da família. (www.osmario.com.br. Acesso em 17/12/2012)

No MDB, onde os comunistas se abrigavam, Tânia participou da primeira campanha eleitoral do período militar.

Iniciamos também ali a discussão da campanha pelas eleições diretas para presidente. Estávamos defendendo essa bandeira como caminho para derrotar a ditadura militar. Naquele momento nada era mais importante que lutar pela redemocratização do país. (www.osmario.com.br. Acesso em 17/12/2012)

Contou que foi presa num ato contra Maluf. "Tinha 20 anos e dormi uma noite na cadeia". Em Aracaju, a vida toda morou no bairro São José.

Nós costumávamos, no final da tarde, caminhar até o rio Sergipe. Já naquela época, o rio era o lugar da cidade que mais me encantava. Do bairro Industrial até a "Praia dos Artistas", o rio sempre foi meu lugar preferido em Aracaju. Nós tomávamos banho, apesar de já poluído na época. (www.osmario.com.br. Acesso em 17/12/2012)

Depois de concluído o científico e não ter ido para a Universidade da Paraíba cursar Ciências Sociais, passou vários anos se dedicando à luta política, inclusive ajudando o partido na área de comunicação, ponto de partida para mais adiante fazer jornalismo.

Na época, o curso não existia na UFS. Fiz faculdade na Tiradentes. Foi um período bastante movimentado em que atuei na defesa da qualidade do ensino. Em 1996 terminei a faculdade. (www.osmario.com.br. Acesso em 17/12/2012)

Avisada por sua irmã de um concurso que ia acontecer no Projeto Nordeste e que os técnicos queriam pessoas com trabalho com comunidades para participar da seleção, inscreveu-se, e foi aprovada. Ainda faz parte do quadro de funcionários.

Era para trabalhar no interior, fui morar com as freiras no interior. Trabalhei na zona rural de Lagarto e Poço Verde, uma experiência importante para conhecer de perto a realidade do campo. Até hoje sou funcionária pública estadual. (www.osmario.com.br. Acesso em 17/12/2012)

Além do contato com o trabalhador rural, inerente à função que ocupava, como funcionária pública estadual, começa a participar do Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público do Estado de Sergipe (SINTRASE), e se torna dirigente sindical, o que lhe valeu muitos ensinamentos.

O seu ingresso na política sergipana aconteceu em 1982, clandestinamente no PCdoB, quando cuidava do jornal “Tribuna Operária”:

Na época, esta era a forma que o partido tinha de propagar suas idéias legalmente. Em 1984, fui convidada por um grupo de jovens (Aldo Rebelo, hoje, presidente da Câmara dos Deputados; Javier Alfaia, deputado estadual na Bahia; Fredo Ebeling, ex-presidente da UNE; Clara Araújo, professora da UFRJ e outros), para fundar uma entidade para representar a juventude brasileira que almejava uma sociedade socialista. Assim, surgiu a União da Juventude Socialista (UJS) uma das maiores entidades de juventude da América Latina, presente em todo território nacional. Já em 1986, novamente em São Paulo, fui convidada por um grupo de mulheres que lutava contra a ditadura e participavam do movimento de anistia para fundar uma entidade feminina autônoma e que representasse a corrente emancipacionista no movimento feminista. A partir desta reunião, fundamos a União Brasileira de Mulheres (UBM). Militei ainda como dirigente sindical no SINTRASE". "Participei ativamente de todos os movimentos políticos para a redemocratização do país e do nosso Estado: Diretas Já, Campanha de Tancredo Neves, Fora Collor, Anistia, Reforma Agrária, Voto aos 16 anos, Luta pela Legalidade dos Partidos de Esquerda. (www.osmario.com.br. Acesso em 17/12/2012)

Em 1996, concorreu pela primeira vez a um mandato parlamentar como candidata a vereadora de Aracaju pelo Pcdob. Em 1997, eleita, assume uma cadeira na Câmara de Vereadores de Aracaju. Contou que, na primeira campanha política, o desafio foi grande:

Por dois mandatos, o PC do B teve assento na câmara de vereadores, com o mandato de Edvaldo Nogueira. O partido decidiu que a candidata deveria ser uma mulher combativa, jovem capaz de continuar a experiência vitoriosa do partido em Aracaju. Com poucos recursos materiais, parecia uma tarefa impossível. Porém, o que nos garantiu a vitória, foi uma campanha marcada pela discussão de ideias e envolvimento dos movimentos organizados da sociedade: negros, movimento sindical, de mulheres e de Juventude. Desta forma, a campanha assumiu um caráter coletivo e a candidatura representou a presença destes movimentos no parlamento. Foi uma campanha vibrante

marcada pela criatividade e a adesão espontânea das pessoas. (www.osmario.com.br. Acesso em 17/12/2012)

Na eleição de 1998, saiu candidata a deputada federal pelo PcdB; não se elegeu, mas conseguiu ser suplente da sua legenda:

Fui deputada federal em 2001 e 2002, quando substitui o deputado Marcelo Déda, eleito prefeito de Aracaju. Considerado um dos mais importantes parlamentares do país, foi um desafio substituir Déda. Mulher, nordestina, representante do menor Est\do da Federação, atuei comprometida com os movimentos sociais. As bandeiras dos trabalhadores, das mulheres, dos negros, da juventude e das minorias orientaram minha atuação. Pela contribuição nas comissões: Semi-árido, Agricultura, Trabalho, Orçamento, Relações Exteriores, Especial de Igualdade Racial e Educação, Cultura e Desporto. Conquistei o respeito da Câmara Federal e me destaquei como uma parlamentar atuante e comprometida com os interesses do povo brasileiro. Atuei como vice-presidente da comissão de Universidades Brasileiras e fundei a frente parlamentar em Defesa da Universidade Pública. Em dois anos, consegui importantes recursos para obras em Aracaju: infra-estrutura em bairros, creches, centros culturais para a juventude, abrigo para mulher vítima de violência. No interior, também foram aplicados recursos para investimento na agricultura, educação e casas populares. A UFS (Universidade Federal de Sergipe) foi contemplada com importantes recursos durante o mandato. (www.osmario.com.br. Acesso em 17/12/2012)

Do famoso projeto de Lei do Direito Autoral, registrou:

Uma das conquistas do mandato foi a regulamentação do direito autoral no Brasil. Por meio da mobilização de diversos setores da Cultura, da Arte e da intelectualidade, conseguimos, em tempo recorde, enfrentando as grandes multinacionais da área, aprovar na Câmara e no Senado o dispositivo que garante o controle do direito autoral dos artistas. Antes da lei de numeração, o artista não tinha como aferir a reprodução e a venda do produto de sua criação. Conseguimos, com esta lei, colocar na pauta de toda imprensa brasileira a discussão do direito autoral. Entre os artistas que participaram da luta pela aprovação, participaram: Beth Carvalho, Lobão, Chico Buarque, Zeca Pagodinho, Nasi, Paulo Coelho, Oscar Niemayer entre outros. (www.osmario.com.br. Acesso em 17/12/2012)

Depois do mandato de deputada federal, a convite do prefeito Marcelo Déda, assumiu a Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Esportes (FUNCAJU).

Atuamos no sentido de fomentar a participação da sociedade na formulação da política cultural. Além disso, tivemos como objetivo a democratização do acesso aos meios de produção e circulação da arte e da cultura produzida em nossa cidade pelos grupos emergentes. Potencializamos os grandes eventos, como Forró Caju e Projeto Verão. Fortalecendo o turismo, ampliando e valorizando também o artista local. Investimos em novos equipamentos turísticos, culturais e esportivos. Acredito que conseguimos contribuir para

mostrar a necessidade de construir uma política pública de cultura, turismo e esporte envolvendo a sociedade. (www.osmario.com.br. Acesso em 17/12/2012)

Sempre foi do PCdoB e conta, hoje, com 24 anos de militância e fidelidade partidária:

Durante este tempo tive a oportunidade de conviver com heróis da história do Brasil, como João Amazonas, Paulo Fontelles, Elza Monerat, Lôreta Valadares. Homens e mulheres que dedicaram sua vida na construção da democracia e da liberdade, da igualdade e da justiça no Brasil. Além disso, tenho a oportunidade, até hoje, de conviver com lideranças partidárias e militantes, que vivem com estes mesmos ideais aqui em Sergipe. (www.osmario.com.br. Acesso em 17/12/2012)

Na eleição de 2004, mais uma vez, voltou à Câmara de Vereadores pela boa votação que recebeu. Das homenagens recebidas, relembra: Medalha Zumbi dos Palmares da Afrobras e Mérito Serigy. Pensa sempre permanecer na política, por considerá-la um instrumento importante para atingir o ideal de um Brasil justo, soberano, democrático que garanta uma vida plena para todos. Nos momentos de folga, fica com a família, com o filho, realiza leituras, ouve música¹³.

O envolvimento com a política desde muito cedo, por conta da trajetória do pai, deu oportunidades únicas a ex-vereadora Tânia Soares, como ela mesmo registrou: “Tive a oportunidade de conviver com heróis da história do Brasil, homens e mulheres que dedicaram sua vida na construção da democracia e da liberdade, da igualdade e da justiça no Brasil”. (www.osmario.com.br)

2.3.6. Maria da Conceição Vieira

¹³ Texto disponível em <http://www.osmario.com.br/ler.07/02/2006>. acesso em 17dez 2012.



Imagem 7. Maria da Conceição Vieira

Fonte: www.cmaju.com.br

Conceição Vieira nasceu em Aracaju e morou muitos anos na Avenida Coelho e Campos, o pai tinha um pequeno comércio de material de construção, além de manter um carro de praça. Desde muito cedo, com 14 anos, para completar a renda familiar ministrava aulas de reforço escolar. Sua formação acadêmica começou com o curso de licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), além de cursos de pós-graduação realizados na França, na Espanha e na UFS. É mãe de três filhos: Zanoni, Yagna e Danna e avó de dois netos, Ivan Vinícius e Maria Augusta.

Sobre sua posição em relação ao mundo da política registrou, uma certa apreensão familiar e em seguida o apoio:

No início a família sofreu um pouco porque ficou em dúvida se isso era uma opção boa se não ia causar sofrimento, pois se acha que a atividade política causa má impressão. As pessoas que tem o hábito de denegrir a vida do político, porém depois que decidi resolveram me apoiar. Minha mãe até hoje pede voto aonde vai, em cada médico que vai ou a cada amigo que ele tem, ela dirige até hoje um trabalho social ligado a confecção de enxoval de recém nascido para gestantes em situação de miséria e conversa com todo mundo sobre a importância da filha estar na política, então o que antes era sofrimento para minha mãe hoje é feito com prazer e os meus filhos sempre na época de eleição me ajudam na campanha. (VIEIRA, 08/10/2012)

Para Conceição Vieira a política:

é um conjunto de realizações de pensamento capaz de nortear a forma de desenvolvimento de uma sociedade, pois precisamos organizar o país e isso depende de regras de diretrizes que facilitem a relação com o outro e para isso é necessário uma caminhada política em prol do desenvolvimento social e, além disso, se tem uma organização de homens e mulheres com idéias comuns que constitui um partido. Na política partidária se procura os iguais a você, procuram-se pessoas que pensem como você isso também é uma forma de levar adiante idéias para desenvolver a sociedade. (VIEIRA, 08/10/2012)

Sobre o início na vida pública, esteve relacionado à preocupação com as pessoas mais carentes, conforme ela ressaltou:

Eu sempre fui muito envolvida com o desenvolvimento humano, preocupada com uma vida de mais justiça, de mais direitos iguais para as pessoas, então desde muito cedo ainda na adolescência mais precisamente aos de x anos de idade eu já fazia a campanha do quilo para levar para os orfanatos de Aracaju, não ia a praia aos domingos ia um domingo e em três domingos fazia esse trabalho de arrecadação de alimentos, desde muito nova a formação que minha mãe me dava era de preocupação com o próximo e desenvolvimento social para as pessoas pois achava que todos temos potencialidades que precisam ser desenvolvidas. (VIEIRA, 08/10/2012)

O ingresso na política partidária aconteceu posteriormente, ainda com uma certa resistência da família. O ideal e as lideranças do Partido dos Trabalhadores de ontem e da atualidade motivaram a escolha da ex-vereadora:

Mais adiante por ter essa preocupação com o próximo recebi alguns convites ainda na universidade para me filiar ao PMDB, mas minha mãe pediu muito que não aceitasse pois tinha aquela história que filha de viúva tem que ser muito certinha, não poderia participar de nada isso na época em que era jovem. Alguns anos depois me filiei ao Partido dos Trabalhadores, e é a preocupação com o outro que me leva a ter um conceito de sociedade, de desenvolvimento e me inspira a ter vontade de estar contribuindo com a sociedade. Eu busquei um partido que tem expressão nacional como o presidente Lula e a presidenta Dilma e local o senador José Eduardo Dutra e o governador atual Marcelo Déda, acho que são referências de ética e preocupação com o outro com o humano, então é essa trilogia de desenvolvimento que inspiram a minha caminhada política e me servem como referência. [...] sempre fui simpatizante do Partido dos Trabalhadores e esse é o partido que tem me inspirado em algumas diretrizes e é neste partido que estou ligada e espero permanecer enquanto durar minha vida pública. (VIEIRA, 08/10/2012)

Sobre sua atuação política Conceição destacou algumas características principais:

Eu trabalho muito com projetos e programas sociais, então através dos programas feitos pelas comunidades a gente entra em contato como eleitor, participo de eventos em comunidades, proponho junto as lideranças das comunidades seminários onde geralmente faço esses encontros em média de três a quatro encontros por ano, esses seminários servem para formação política sobre vários temas e nos meus pronunciamentos procuro atender as necessidades mais imediatas dessas pessoas. É através de minhas ações que eu procuro fazer uma interlocução constante com os eleitores. (VIEIRA, 08/10/2012)

As dificuldades e as barreiras são muitas, enfrentadas no campo da política:

A dificuldade maior é a financeira, mas às vezes a gente dribla isso que varia muito de candidato para candidato, pois ou se gasta dinheiro ou se gasta sola de sapato ou se mostra competência com trabalhos ou se mostra preocupação com o outro e é nisso que eu tenho procurado me empenhar e assim suprir as necessidades imediatas da campanha. (VIEIRA, 08/10/2012)

Ter sido convidada para a eleição para a Câmara de Vereadores, marcou a trajetória de Conceição :

O fato marcante, foi ter sido convidada e ter topado mesmo achando que era só para constar e ajudar alguns companheiros a se eleger e isso me deu uma guinada na minha interpretação de como me posicionar de como colaborar com a sociedade e a partir daí estou na política eletiva até agora e também quando fui convidada a ser candidata a vice governadora , acho que foi uma credibilidade muito grande por parte de meu partido de confiar uma função tão ampla de realizações e quando fui presidente estadual e municipal do partido, pois acho que as pessoas buscam e sugerem nomes quando acreditam no jeito e na caminhada desse líder para exercer funções de liderança dentro do partido. (VIEIRA, 08/10/2012)

Sobre sua atuação na Câmara de Vereadores, registrou:

[...] coloquei cursos profissionalizantes nos bairros, revitalizei praças, colocando Souws musicais, padronizamos os ambulantes da orla, busquei parceria com o Banco do Nordeste para implantar o micro crédito para população através da FUNDAT onde estava como presidente. (VIEIRA, 08/10/2012)

Em relação à presença das mulheres na política mesmo com todas as dificuldades e discriminações e ex-vereadora destaca a importância e os estímulos da atualidade:

Acho que ainda é muito árida a área da política para as mulheres, então algumas têm que ter determinação para fazer esse enfrentamento e essa ocupação de espaço que a cada dia fica mais claro necessário o jeito da mulher de se fazer política que se preocupa com pormenores que são características do feminino e isso enaltece e abre várias áreas de atuação para o campo político, há ainda discriminações, há ainda preocupações, mas acho que após a eleição da presidenta Dilma, muitas pessoas não acreditavam na capacidade diretiva, hoje está mudando esse receio de que as mulheres ocupem espaço. Hoje nós temos duas mulheres ocupando a presidência e a primeira secretaria na assembleia legislativa Sergipe, pela primeira vez, e com certeza os deputados se preocuparam de como seria essa relação, e sinto que nossa relação é muito tranqüila tanto com os deputados como com as deputadas, então acho que procurando ampliar aquilo que já realizado pelos homens, nós mulheres, vamos ocupar espaços e nos colocando ao lado deles para juntos

fazermos as transformações necessárias na sociedade sergipana. (VIEIRA, 08/10/2012)

O preconceito e a suspeição ainda rondam as mulheres, que se elegem ou que ocupam cargos de responsabilidade, como ressaltou Conceição Vieira:

Acho que há o receio por conta das histórias que falam da mulher inserida na política pois dizem que você é ladra, ou mau amada, ou é ladra ou é corrupta ou vendida ou é dominada ou seja as palavras são muito negativas para a mulher que está na vida pública, então isso inibe e impede esse ingresso na vida pública, eu levei muito tempo refletindo se suportaria ver tudo isso na minha caminhada e até que tomei a decisão pela carreira política, mas sei que tem todos esses intempéries e esses sofrimentos. (VIEIRA, 08/10/2012)

No começo do mandato de vereadora ela exercia o magistério e fazia consultoria:

Trabalhei em muitos colégios da rede particular de ensino fui professora no presidente Vargas, agradei aos trabalhos profissionais que ocupava na assembléia, montei uma associação no povoado Cabrita e Japarutuba chamado um lugar ao sol ,tenho três filhos duas meninas e um menino. Fui candidata a vice prefeita com o padre Geraldo e perdemos a eleição por cem votos. (VIEIRA, 08/10/2012)

Além disso, ocupou outros espaços significativos:

Fui secretária de educação, depois fui candidata a vice presidente do PT na campanha, pois o presidente tinha que se afastar por ser candidato e assumi a presidência do PT onde fazia reuniões mensalmente nos interiores para discutir metas do partido. [...] assumi a presidente da Fundação Municipal do Trabalho (FUNDAT) e depois a Câmara no governo de Marcelo Déda onde pude realizar alguns projetos em Aracaju, como montar o projeto de Habitação PAR Programa de Arrendamento Residencial , era época do governo Fernando Henrique e por ser de outra corrente política achamos que não levaríamos a diante, porém entramos de cabeça por já existir uma lei da época do governo de Augusto Gama e nos pegamos a essa lei e buscamos recursos junto a Caixa Econômica para viabilizar esse projeto e hoje graças a Deus existe mais de 20 mil unidades residenciais construídas a partir desse projeto, em Aracaju. (VIEIRA, 08/10/2012)

Em 2004, foi a primeira mulher em Sergipe a candidatar-se como vice-governadora pelo PT, na chapa do ex-senador José Eduardo Dutra (PT), mas perderam a eleição:

Fui convidada pelo partido mais precisamente pelo prefeito Marcelo Déda a ser candidata a vice governadora junto a José Eduardo Dutra na eleição para governador, relutei um pouco, mas chegamos ao 2º turno e quase ganhamos a

eleição, em seguida voltei a Câmara de Vereadores e fui para reeleição, porém antes disso assumi a Secretaria de Assistência Social e em questão de oito dias tiramos os meninos da lixeira, das ruas, das drogas e das sinaleiras damos uniformes e o ônibus transportava esses adolescentes para o CRAS no CSU da rua de Alagoas para fazer cursos profissionalizantes o que na época teve grande sucesso social. (VIEIRA, 08/10/2012)

Em seguida, Conceição se candidatou à reeleição como vereadora e foi eleita novamente. No meio do segundo mandato foi candidata à deputada estadual. Assim, com a experiência de um mandato e meio de vereadora e um mandato e meio de deputada, registrou suas intenções:

Procurar servir da melhor maneira possível a sociedade sergipana, seja com mandato eletivo seja voltando para sala de aula, seja no executivo ou no legislativo, poder contribuir com a minha realização interior, com o meu crescimento pessoal e a realização de me sentir útil a sociedade e também com a realização de ver a mudança que pode ser operada com o meu trabalho com o meu empenho pela política que eu desenvolva na vida do outro, então todas as vezes que se é capaz de contribuir com a mudança e melhorias para vida de alguém, isso traz realizações. (VIEIRA, 08/10/2012)

Para quem deseja se dedicar ao campo da política ela aconselha:

Que reflita a sua vida, se você tem essa determinação e se está acima das adversidades encontradas no campo da política, entregue seu coração, sua alma sua energia para essa realização pois precisamos avançar, o Brasil ainda é um dos países que tem os menores índices de presença da mulher na vida política e atualmente o congresso nacional houve uma diminuição da presença das mulheres eleitas. Em Aracaju temos seis mulheres entre vinte e quatro deputados e isso é um numero alto se considerando a outros estados e comparando com o Congresso Nacional. Ainda é pequeno demais o número de mulheres na política brasileira e sugiro as que se habilitarem a enfrentar tal desafio, que vá contribuir que vá dar sua energia o seu coração e ampliar as forças femininas nesse trabalho de transformação da sociedade. (VIEIRA, 08/10/2012)

2.3.7 Rosângela Santana

Nasceu em Aracaju, residiu oito anos em Paulo Afonso na Bahia. Aos nove anos de idade voltou para Aracaju no bairro Santo Antônio com uma tia. Estudou no Instituto de Educação Rui Barbosa, o primário foi feito no Colégio de Aplicação do Instituto de Educação prestou exame de admissão, e concluiu o ginásio, e o pedagógico na Escola Normal : “ foram doze anos de estudo sem contato com os homens, só os professores, pois a escola era só para

mulheres, achei ruim, pois como adolescente queria conhecer o pensamento dos meninos adolescentes e foi privada dessa relação” (SANTANA, 20/09/2012)



Imagem 8. Rosângela Santana

Fonte: www.cmaju.com.br

Atuou como professora em escolas do Estado e da Prefeitura. A militância no movimento sindical teve início no ano de 1985, no Centro dos Profissionais de Ensino de Sergipe (CEPES) organização sindical oponente a APMESE, onde fez parte da diretoria, levada pelo grande educador Diomedes Santos da Silva. A partir desse período, Rosângela passou a representar muito bem sua categoria profissional como:

- Presidente da CUT/SE (Central Única dos Trabalhadores). Antes da presidência, Rosângela já tinha assumido o cargo de Secretária de Políticas Sociais e Secretária de Formação Política.
- Presidente do Sindpema (Sindicato dos Profissionais de Ensino do Município de Aracaju), durante 3 mandatos consecutivos.
- Secretária de Educação de Aracaju. (SANTANA, 20/09/2012)

Sempre carregando a vontade de fazer justiça e lutar pelos direitos do povo, em 1990, Rosângela filiou-se ao PT, sua única opção partidária e iniciou uma grande caminhada de representação dos interesses do povo. Teve dois mandatos na Câmara Municipal de Aracaju, segundo ela: “a luta pela igualdade não pode ser a luta de alguns vereadores, precisa ser a luta de todos os parlamentares”. (SANTANA, 20/09/2012)

Na Câmara, durante 2 mandatos, Rosângela representou os filhos e filhas de trabalhadores, afrodescendentes, LGBT's, mulheres, enfim, todas as classe que tem um longo histórico de luta por respeito e igualdade. Ela é a coragem e a resistência da mulher que precisa ser preservada no espaço do poder para que as conquistas continuem. Como ela mesmo afirmou: “Sou uma mulher destemida, desprovida de preconceitos, uma parlamentar de projetos avançados que qualifica a ação da Câmara de Aracaju.” (SANTANA, 20/09/2012)

Rosângela registrou na sua entrevista os motivos iniciais da sua inserção na política

[...] fui uma mulher que saiu de casa, renunciando o antigo papel de esposa e de mãe, renunciando a determinado conforto de rainha do lar. Joguei-me no mundo e me tornei uma mulher líder, servindo de modelo para outras mulheres e para outros homens. E, em certo, momento eu me apresentei com uma capacidade de liderar um grupo como o movimento de professoras. De repente as pessoas olharam para mim e disseram: ‘você precisa se candidatar a vereadora’, devido a minha atuação partidária e o partido percebeu esse potencial e acho até que demorou pois já tinha quarenta e oito anos quando me candidatei. Dentro do meu pensamento a política precisa de mulheres jovens, mas para amadurecer uma mulher leva tempo porque ela divide o tempo dela com outras atividades. (SANTANA, 20/09/2012)

Destacamos alguns dos debates que tiveram a presença atuante da ex-vereadora durante o exercício do seu mandato.

Na tarde do dia, 26/9/2011, na Tribuna Livre Especial pelo Dia Nacional do Surdo, quando houve a apresentação dos integrantes da Associação de Intérpretes de Língua de Sinais, a professora Rosângela Santana (PT) fez questão de ressaltar que, embora a inclusão social dos Portadores de Necessidades Educativas Especiais (PNEE), neste caso, dos portadores de deficiência auditiva, não aconteça a contento das entidades e pessoas que lutam em defesa dessas pessoas, ela já acontece. De acordo com Rosângela, muito já se fez em termo de inclusão dos PNEE, e mais ainda tem sido feito:

É importante dizer que professores e gestores públicos têm tido cada vez mais atenção ao tema, que tem sido debatido de todas as formas. Existem, por exemplo, duas correntes diferentes e muito fortes tratando o assunto. Uma diz que é necessário haver escolas exclusivas para os surdos, a outra, que abole essa diferenciação, diz que todos, ouvintes e não ouvintes, devem estar no mesmo espaço educacional

Segundo ela, essas correntes não são pontos de partida para nenhuma discussão, pois já existem trabalhos de inclusão antigos, a exemplo do que foi realizado pela professora Margarida Maria à frente do CAP da prefeitura de Aracaju, que lida com a inclusão do deficiente visual. “O que está faltando, de acordo com a parlamentar, é a sociedade, num geral, virar bilíngue, falar o português e também a Língua Brasileira dos Sinais, para que todos possam se comunicar, ouvintes e não ouvintes, e dessa forma, uma grande inclusão ser realizada.”

A ex-vereadora debateu sobre Defesa de um órgão da esfera federal que realiza um trabalho de excelência em prol dos brasileiros, e que é responsável por um dos maiores trabalhos de inclusão social do país: o INSS. Esse foi o tema do discurso da vereadora Rosângela Santana (PT), no final do seu segundo mandato, feito para esclarecer alguns pontos levantados pelo vereador Josenito Vitale (DEM) contra o INSS.

Estava decidida a não falar nesta tarde, somente ouvir, mas meu espírito inquieto não me deixou ficar calada depois do pronunciamento do colega, e não me deixou por uma questão de respeito a uma instituição chamada INSS. (www.vereadoraronsagela.com. Acesso em 18/03/2013)

Segundo ela, nos mais de 50 anos de vida tem acompanhado o trabalho e vida das instituições públicas, já que foi funcionária pública, lecionou, é uma pessoa que busca estar informada constantemente e não poderia deixar, por uma questão de Justiça, de defender o Instituto Nacional de Seguridade Social.

Comentou a parlamentar:

Faço isso mesmo sem ter procuração dos diretores do órgão, porque nos últimos anos o INS submeteu-se a um processo de melhoria de qualidade no atendimento, dentro do programa Gespública. Essa instituição, hoje, consegue realizar um processo de aposentadoria em 15 dias e é uma coisa que podemos presenciar na nossa família, com um irmão, um primo, através da busca direto ao órgão. Essa é uma atitude louvável e temos que ter a obrigação, nesta casa, de reconhecer o esforço que o estado brasileiro tem feito para melhorar o atendimento ao cidadão. (www.vereadoraronsagela.com. Acesso em 18/03/2013)

Rosângela Santana informou que conhece várias pessoas que trabalham no INSS e são membros do movimento sindical, que vibram por causa do processo feito e do nível de qualidade que a instituição atingiu.

Declarou a ex-vereadora:

Os tempos são outros. Os beneficiários do INSS têm seus direitos garantidos sem intermediação, para consegui-los é só ligar, marcar o agendamento e no dia e hora determinados comparecer a uma agência, e com uma celeridade invejável, ter a solicitação atendida. Não precisa deputado ou vereador indo pedir nada pra ninguém. .(www. vereadoraronsagela.com. Acesso em 18/03/2013)

Ela enfatizou ainda que as declarações do vereador Josenito sobre o INSS não correspondem a verdade, e que todos os parlamentares têm obrigação de fazer uma reflexão sobre tudo o que fala, lembrando que todos os vereadores juraram, quando da posse, falar somente a verdade. A ex-vereadora, ressaltou ainda:

Não podemos ser construtores do caos ou vendedores de ilusões. Temos que ter a capacidade de fazer a análise correta das situações, e não de inventar coisas, porque senão ficaremos desacreditados, pois atitudes como esta não nos credibiliza, não dá confiança ao nosso trabalho, pois o cidadão que está do outro lado faz a leitura do que estamos expondo, afinal de contas, ele é usuário do serviço do INSS, e percebe claramente quando não estamos falando a verdade. .(www. vereadoraronsagela.com. Acesso em 18/03/2013)

Rosângela Santana fez questão de frisar, mais uma vez, a importância do órgão federal de Seguridade Social:

O INSS é o braço do estado que mais promove a inclusão social e não dá para negar. Existe a LOAS e todo cidadão brasileiro que tem deficiência física e impossibilidade de trabalhar, se requerer o benefício, após avaliação, é contemplado pelo órgão com um benefício para poder sustentar-se, ou sustentar a família. .(www. vereadoraronsagela.com. Acesso em 18/03/2013)

A parlamentar explicou que seu pronunciamento não teve outro intuito senão o de corrigir informações distorcidas sobre a entidade, que é séria e tem buscado excelência no trabalho de garantir, de forma cada vez mais célere, os direitos dos segurados¹⁴.

Não sou da área médica, então não posso dizer que as pessoas dos casos apresentados pelos colegas são aptas ou inaptas para receber o benefício, mas não poderia deixar que uma instituição séria fosse desacreditada. (www. vereadoraronsagela.com. Acesso em 18/03/2013)

¹⁴ Disponível em <http://www.vereadoraRosangela.com>. Acesso em 18/03/2013.

Sobre sua ação parlamentar, selecionamos algumas das leis que tiveram no seu processo de apresentação e tramitação o empenho de Rosângela Santana:

- Lei Complementar 80/2007: Dá direitos legais ao companheiro homossexual de funcionário público.
- Lei 3.459/2007: Reconhece de utilidade pública a sociedade de estudos múltiplos, ecológicos e de artes SEMEAR.
- Lei 3.461/2007: Institui o Dia Municipal Contra a Homofobia a ser comemorado, anualmente, em 17 de maio.
- Lei 3.544/2007: Institui o programa de diagnóstico e prevenção dos agravos, assistência médica integral e orientação educacional às pessoas portadoras da doença falciforme na cidade de Aracaju.
- Lei 3.561/2008: Institui ao calendário cultural da cidade de Aracaju o Afoxé das Filhas de Oxum.
- Lei 3.691/2008: Fixa número máximo de alunos por sala de aula no âmbito das escolas públicas municipais.
- Lei 3.693/2008: Cria o Programa Municipal de Tecnologia Educacional.
- Lei 3.533/2009: Institui a Orquestra Sanfônica de Aracaju.
- Lei 3.800/2009: Institui no calendário oficial de Aracaju o Dia da Favela a ser comemorado, anualmente, em 04 de novembro.
- Lei 3.833/2009: Institui no calendário oficial de Aracaju o Dia de Combate ao Câncer de Mama.
- Lei 3.862/2010: Dispõe sobre a universalização e revitalização das Bibliotecas Escolares.
- Lei 4.042/2011: Cria o Dia Municipal do Capoeirista a ser comemorado, anualmente, em 17 de março.
- Lei 87/2012: Cria o Dia Municipal do Chorinho a ser comemorado, anualmente, em 23 de abril¹⁵.

Na opinião da vereadora Rosângela o que mais impede a atuação da mulher na política é o papel que está cristalizado na sociedade, como ela explicou na sua entrevista:

^{15 15} Disponível em <http://www.vereadoraRosangela.com>. Acesso em 18/03/2013.

Pois, a mulher recebe todas as atribuições que é cuidar de todo um complexo que é a família e não lhe sobra tempo, e os homens machistas não cedem espaço a mulher e a mulher quando quer fazer diferente acumula funções e essa grande dificuldade da mulher. Eu briguei muito dentro de casa para sair e não consegui que meu marido fizesse as tarefas domésticas e o meu marido não me substituiu dentro de casa e a mulher precisa de apoio para ir à rua defender suas ideias. As creches, por exemplo, quando a mulher tem um filho passa dois anos reclusos para cuidar do bebê muitas vezes tem até que sair do trabalho para cuidar do filho. A mulher precisa desse espaço para trabalhar, pois, no o homem não fica com os filhos ou leva no médico é raro quando isso acontece pois, no geral é a mulher que tem que fazer isso e acaba perdendo um dia de trabalho para cuidar do filho doente enquanto que o homem não. Ou seja, a grande dificuldade é romper com o espaço privado. As mulheres precisam de outros mecanismos de proteção, pois quem faz política tem que ir pra rua. A dificuldade é romper com o trabalho doméstico. (SANTANA, 20/09/2012)

As dificuldades com o mundo doméstico e familiar, salientadas pela ex-vereadora, também marcam as trajetórias de outras mulheres trabalhadoras, não apenas aquelas que atuam em cargos eletivos.

2.3.8. Miriam Ribeiro



Imagem 9. Miriam Ribeiro
Fonte: www.cmaju.com.br

A vereadora Miriam da Silva Ribeiro nasceu no dia 6 de julho, na cidade de Campo do Brito/SE. Seus pais: Alfredo de Oliveira Ribeiro e Cantionilia da Silva Lima. Sua escolarização aconteceu inicialmente em Laranjeiras: “Na Escola ‘Laranjeirense’ tomei conhecimento não só das primeiras letras como das primeiras noções da vida. Naquela época, no primário a gente estudava francês, esperanto e latim. Muito devo a Zizinha Guimarães”.

Ainda jovem, comecei a trabalhar em Laranjeiras muito cedo. Aceitei o desafio da vida de professora primária do grupo municipal diante do convite do prefeito da época, Manelito Franco. A escola ficava no povoado Comandaroba.

Como professora, lecionou um ano. Em 1964, passou a residir em Aracaju, onde iniciou novas atividades na Fábrica Sergipe Industrial e prosseguiu os estudos no Colégio Tobias Barreto, onde concluiu o curso científico. Posteriormente, faz curso pedagógico na Escola Normal.

Fez vestibular para a segunda turma do curso de Direito das Faculdades Integradas Tiradentes, hoje Universidade Tiradentes, e concluiu o curso em 1986. “Sempre quis fazer Direito e a minha formatura foi a grande alegria da minha vida”. Até que passei um bom tempo sem estudar.

Graças ao incentivo do poeta Santo Souza, que trabalhava comigo na Energipe, voltei a pegar nos livros.

Tive o privilégio de ter Santo Souza como colega de trabalho. Na Casa Civil, na condição de consultora técnico-administrativo, de julho de 1995 a agosto de 1996, e assessora especial, de agosto de 1996 a abril de 1998.

No governo de Albano Franco ocupou o cargo de secretária-chefe do Gabinete do Governador, de abril de 1998 a janeiro de 2002, e secretária-chefe da Casa Civil, de janeiro a abril de 2002, além de assessora extraordinária para assuntos técnicos e administrativos, de abril a julho de 2002.

Candidatou-se a vice-governadora na chapa encabeçada pelo médico Francisco Rollemberg nas eleições de 2002, pelo PSDB. No PSDB, mais outra história iniciada como tesoureira do diretório estadual de Sergipe, de novembro de 2003 a agosto de 2005, e secretária-geral do diretório estadual, de dezembro de 2006 a outubro de 2007.

Assumiu a presidência do diretório estadual do Estado de Sergipe em outubro de 2006. Eleita em outubro de 2007 até 2011. “Na eleição de 2008 fui candidata vereadora de Aracaju com 4.008 votos”.

Na última legislatura da Câmara Municipal de Aracaju foi a vice-presidente, mas conta que não se sentiu totalmente de bem com o cargo, pois achava que iria trabalhar. Foi a segunda Secretária da mesa da Câmara de Vereadores de Aracaju; e também relatora do Plano Diretor de Aracaju.

Sobre sua atuação na Câmara afirmou: “digo sem demagogia que a melhor coisa é de ter conquistado a eleição para o Poder Legislativo municipal, porque gosto muito de trabalhar com gente”.

Para a Miriam a atuação da mulher na política, ela ressaltou: “sou fascinada pela política. Sofri muito, mas quando a gente faz o que gosta é gratificante”.

2.3.9 Karla Suely da Conceição Trindade



Imagem 10. Karla Suely da Conceição Trindade
Fonte: www.cmaju.com.br

Nasceu em Aracaju, Sergipe, estudou no Educandário Imaculada Conceição e realizou o ensino médio no Colégio Estadual Tobias Barreto (5ª a 8ª série). No Colégio Salesiano, fez o ensino médio (1º ao 3º ano): “na época dos “caras pintadas” que invadiram as ruas do país para pedir o “Impeachment” de Collor”. Formou-se em Enfermagem pela Universidade Federal de Sergipe¹⁶.

Filha de funcionários públicos, o pai: José Trindade, já foi diretor do Sindicato dos Bancários, e Maria que é professora da rede pública estadual aposentada. Sobre o ingresso na política destacou: “mas eu me encontrei definitivamente com a política em 1998 quando ingressei na Universidade Federal de Sergipe”.

Como estudante do curso de Enfermagem:

Fui membro do Centro Acadêmico de Enfermagem e membro da Executiva Nacional, militei na União da Juventude Socialista e, logo em seguida, me filiei ao Partido Comunista do Brasil. Naquela época lutávamos na Universidade contra as privatizações, por melhoria da qualidade do ensino e por sua expansão. Nesse período, tive o prazer de conhecer de perto importantes pessoas que se tornariam minhas referências na política: o

¹⁶Disponível em <http://www.cmaju.com.br>. Discurso proferido na Câmara dos Vereadores de Sergipe. Acesso em 16/03/2013.

prefeito de Aracaju Edvaldo Nogueira, a presidente do PCdoB e secretária de Governo Tânia Soares e o Secretário da Assistência Social Bosco Rolemberg, todos militantes do Partido ao qual escolhi pra ingressar e atuar.(www.cmaju.com.br. Acesso em 16/03/2013)

Em 2000, elegeu-se presidente estadual da União da Juventude Socialista (UJS), onde lutou para garantir a conquista do Passe Escolar nos domingos e feriados. Em 2006, no início do governo de Edvaldo à frente da Prefeitura Municipal de Aracaju, foi convidada para assumir a Coordenadoria de Juventude.

Sobre sua presença na Câmara de Vereadores relembra:

No ano de 2008, fui candidata à vereadora pela primeira vez e tive a alegria de ser eleita com 3.646 votos. Em 2009, fui novamente convidada pelo prefeito Edvaldo para fazer parte de sua equipe, mas desta vez como secretária de Governo. Topou o desafio e me tornei a mais jovem secretária de Governo da história de nossa capital. [...] de volta à Câmara pretendi honrar o desejo dos que votaram em mim e para contribuir com a defesa do governo do Prefeito Edvaldo Nogueira.(TRINDADE, 10/08/2012)

Um dos fatos marcantes da sua vida no campo da política foi a eleição de Lula, como ela recordou:

A eleição do presidente Lula foi marcante na minha vida, pois a partir do mandato dele vi várias das nossas lutas se transformarem em realidade, nos deu força para continuar lutando ainda mais, a reserva de vagas para estudantes de escola pública nas universidades federais, o Reuni, o Pro Jovem, nossa, me senti orgulhosa, lógico que há ainda muito a fazer. (TRINDADE, 10/08/2012)

Sobre a sua atuação na Câmara de Vereadores destacou alguns projetos:

[...] a lei que reconhece a Juventude como segmento social e cria o Plano Municipal de Juventude, com orçamento e metas a serem cumpridas; a lei que cria a Semana Municipal do Hip Hop; a lei que regulamenta e defende o nosso patrimônio cultural; além de leis de reconhecimento de algumas instituições como utilidade pública a exemplo do Instituto Canarinhos de Aracaju. (TRINDADE, 10/08/2012)

Em relação à discriminação no campo da política ela ressaltou que vivencia o duplo preconceito: “[...] infelizmente o ambiente da política ainda é masculinizado, e no meu caso por ser jovem e mulher recebo certo tipo de discriminação, de piadas machistas.” (TRINDADE, 10/08/2012)

Acerca da participação feminina na política Karla Trindade destacou:

Ainda há muito a conquistar, somos maioria no eleitorado do nosso país, mas ainda somos minoria na nossa representação, conquistamos há 80 anos, com muita luta, o direito de votar, mas é preciso sermos ainda mais ousadas e lutar por mais espaço , acho que a reforma política também pode acrescentar um avanço na participação feminina. (TRINDADE, 10/08/2012)

2.3.10 Daniela dos Santos Fortes



Imagem 11- Daniela dos Santos Fortes

Fonte: www.cmaju.com.br

Daniela dos Santos Fortes nasceu em Aracaju, é casada, possui o ensino médio completo, e exerce a função de comerciária.

Durante Sessão Plenária no dia, 21/2/2013, a vereadora Daniela Fortes (PR), ocupou a Tribuna para expressar sua felicidade de estar na Câmara Municipal de Aracaju (CMA), representando a população da capital de Sergipe: “ Para mim é motivo de satisfação e alegria fazer parte desta Casa e poder usar a Tribuna representando a voz do povo de Aracaju”. (www.cmaju.com.br. Acesso em 25/02/2013)

A parlamentar seguiu seu discurso dizendo como pretende conduzir o seu mandato de vereadora. "Serei uma defensora dos anseios dos aracajuanos", avisou. Daniela explicou ainda que irá trabalhar na luta pelo combate as drogas no município. “Quero reafirmar o meu compromisso, uma das minhas bandeiras de luta será no combate às drogas, infelizmente não temos em Aracaju uma instituição voltada para esse ponto", lamentou. (www.cmaju.com.br. Acesso em 25/02/2013)

Daniela completou que enquanto estiver como vereadora irá focar seu mandato para o povo e voltado também para a saúde e educação. "Estarei também no meu gabinete itinerante visitando os bairros para ouvir de perto a solicitações dos moradores, quero fazer

indicações importantes para a nossa cidade, creio que faremos um bom trabalho”, reafirmou a parlamentar. (www.cmaju.com.br. Acesso em 25/02/2013)

A vereadora Daniela Fortes, falou sobre a importância da sua mãe para a vida dela, uma mulher guerreira e que merece todo carinho. Prestou também uma homenagem às funcionárias da Câmara:

Às vezes acho que não dou tanto valor a minha mãe, como ela tem por mim. Minha mãe é uma mulher muito importante para mim, e em nome dela, quero homenagear todas as mulheres aqui presentes, mulheres virtuosas, guerreiras e que tem grandes talentos. Aproveito para fazer uma homenagem especial as funcionárias da Câmara, nunca vi uma funcionária dessa Casa com cara feia, todas elas me atendem bem, com prontidão e com vontade de fazer o melhor. www.cmaju.com.br. Acesso em 25/02/2013)

2.3.11. Lucimara Dantas Passos



Imagem 12. Luciamara Dantas Passos.
Fonte: www.cmaju.com.br.

Lucimara Dantas Passou, natural de Aracaju, divorciada, possui nível superior completo em Contabilidade. No seu primeiro discurso proferido na cerimônia de diplomação dos Vereadores destacou:

Se projetos bons forem apresentados pelo prefeito, defenderei. Mas estarei, vigilante e atenta para ser a voz que vai denunciar e brigar para que os projetos aprovados sejam de real interesse do povo. .(www.cajunews.com.br. Acesso em 19/03/2013)

Ainda durante a cerimônia de diplomação dos vereadores eleitos na capital sergipana, ocorrida no Teatro Tobias Barreto, Lucimara Passos (vereadora pelo PCdoB) reafirmou que fará oposição na Câmara Municipal de Aracaju:

Serei oposição. Politicamente estamos em campos opostos. Eu sou de um grupo político que é de oposição ao grupo do prefeito João Alves e será uma oposição com muita responsabilidade. Cada assunto que for tratado, cada projeto que for discutido, eu vou buscar me aprofundar e vou defender os interesses do povo. .(www.cajunews.com.br. Acesso em 19/03/2013)

A vereadora enfatizou ainda que fiscalizará a atuação do prefeito eleito João Alves Filho.

Na ocasião, da diplomação, Lucimara lamentou a queda no número de mulheres eleitas vereadoras em Aracaju. Nas eleições 2012, apenas ela e Daniela Fortes (PR) obtiveram êxito nas urnas.

Eu acho lamentável esta queda que vai contra uma tendência mundial onde as mulheres estão ocupando cada vez mais espaços e mostrando cada vez mais capacidade para ocupá-los. Este é um desafio para mim porque eu não só me sinto na obrigação de ser uma boa vereadora para a cidade, mas também me sinto na obrigação de mostrar às pessoas que as mulheres merecem e podem ocupar os espaços do legislativo com muita capacidade.(www.cajunews.com.br. Acesso em 19/03/2013)

Lucimara assegurou que se dedicará para trazer à pauta de discussões da Câmara projetos que melhorem efetivamente a vida do cidadão.

Os aracajuanos podem esperar de mim um nível de dedicação alto. Eu acredito que o mandato é legítimo a partir do voto, mas ele também tem que ser legítimo representando de fato os interesses do povo. A gente precisa estar sempre muito atenta aos anseios da população e para isso precisamos estar próximos, estar sempre ouvindo muito. A comunicação em meu mandato terá prioridade. Estou buscando estratégias de comunicação que tragam efetivamente a opinião da população expressa em meu mandato¹⁷.

Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, usando a tribuna da Câmara. A vereadora Lucimara Passos, destacou que este é um dia a ser celebrado por toda a sociedade.

Esta é uma conquista de muitos anos, onde todos os dias tínhamos que provar que temos capacidade e que merecemos respeito, essa luta é diária, desde a hora que acordamos até a hora de dormir. (www.brasil.247.com.br. Acesso em 19/03/2013)

¹⁷ Texto disponível em [http:// www.cajunews.com.br/lucimara-passos-afirma-que-fara-oposicao-com-acesso em 19/03/2013](http://www.cajunews.com.br/lucimara-passos-afirma-que-fara-oposicao-com-acesso-em-19/03/2013).

Ainda de acordo com a parlamentar, a mídia explora o corpo da mulher, como se ela fosse um objeto de consumo, e isso faz com que os homens enxerguem a mulher de forma desrespeitosa.

A mulher é beleza, sensibilidade, disposição, somos diferentes mesmo, lutamos por igualdades de direito, uma pessoa que carrega um filho no ventre é diferente por natureza. Fiz uma denúncia aqui e ainda bem que compreenderam que minha atitude serviu como estímulo para que outras pessoas denunciassem. Acredito que vale a pena lutar e encarar o problema para resolvê-lo. É um prazer enorme está aqui nesse dia celebrando o papel da mulher. (www.brasil.247.com.br. Acesso em 19/03/2013)

A vereadora por Aracaju, Lucimara Passos (PC do B), revelou, durante discurso no plenário da Câmara Municipal, na tarde da terça-feira, 5/3/2013, afirmou que já sofreu violência sexual. Segundo relato emocionado da parlamentar, que está em seu primeiro mandato, o crime ocorreu há 13 anos, em dezembro de 1999, quando dois homens abusaram sexualmente dela¹⁸.

Os dois acusados que praticaram este crime contra mim estão soltos, mesmo ambos sendo julgados e condenados. Todos entraram com pedido de revisão criminal, algo que eu não sabia que existia depois que um processo é transitado em julgado. Não consigo entender porque esses artifícios jurídicos ainda permeiam nossa legislação. Os recursos foram rejeitados, mas só um foi preso e apenas por um ano. (www.brasil.247.com.br. Acesso em 19/03/2013)

Ela prosseguiu o relato dizendo que um dos homens que praticaram o abuso, por ter uma condição social mais favorável, está solto, inclusive é funcionário do Estado e trabalha no Departamento Estadual da Infraestrutura Rodoviária – DER.

O outro condenado a sete anos de prisão foi solto, após cumprir apenas um ano, porque tinha direito a progressão da pena para regime semiaberto. Para minha surpresa, o sistema carcerário não ofereceria condições adequadas para recebê-lo e os juízes decidiram que ele iria cumprir a pena em regime aberto e desde o ano passado este cidadão está solto. (www.brasil.247.com.br. Acesso em 19/03/2013)

A vereadora lembrou que ela pode, na condição de mulher que ocupa um cargo público:

olhar e falar para mulheres que foram vítimas de violência – sexual ou doméstica – que vale a pena denunciar? Posso garantir que não me arrependo. Sofri muito. Desde a hora que cheguei à delegacia, eu me senti julgada. Os policiais perguntaram ao meu marido, que era meu namorado à época, e ao meu advogado, que é meu primo, se eu não estava drogada, se eu

¹⁸ Disponível em <http://www.brasil247.com/pt/247/sergipe247/95339/>. acesso em 19/mar/2013.

deveria estar realmente na festa em que eu estava e se a criminosa não era eu. (www.brasil.247.com.br. Acesso em 19/03/2013)

Para Lucimara, não é suficiente ter uma delegacia especializada para mulheres, pois ela defende que todas as unidades de polícia estejam preparadas para situações como a que ela viveu. “Acontece com mulheres, com negros e com homossexuais, que sofrem discriminação e violência, mas as delegacias não estão preparadas para receber estas pessoas”, afirmou. . (www. Brasil.247.com.br. Acesso em 19/03/2013)

Ela contou ainda que investigou, por conta própria, a vida de um dos acusados e descobriu que ele já havia cometido o mesmo crime outras vezes e ainda assim estava solto. “Este fato ocorreu há 13 anos e eu sofro ainda pelo ocorrido. Durante anos, uma das minhas filhas me perguntava porque eu estava chorando em determinados momentos e eu dizia para ela que não podia contar. Hoje, ela ficará sabendo”, disse. (www. Brasil.247.com.br. Acesso em 19/03/2013)

Como nós vamos garantir justiça, proteção e que a denúncia de fato tenha efeito? Infelizmente, hoje, a sociedade, a política, os poderes ainda não garantem tudo isso que acabei de dizer. Isso não significa que as mulheres não devem lutar. Espero que esse relato fique guardado na mente de todos os vereadores e na hora de votar sobre questões relacionadas a este tema não levem em conta se são de direita ou de esquerda, mas pensem em quem sofre a agressão. (www. Brasil.247.com.br. Acesso em 19/03/2013)

Ao final, a vereadora voltou a reforçar a importância da denúncia. “Nada do que ocorre nas nossas vidas que nos faça sentir ofendidos deve ser colocado de lado, deve ser esquecido. A partir desse processo eu decidi que nenhuma agressão a mim feita passaria incólume. Mesmo com todas as dificuldades, vale a pena denunciar”, ressaltou. (www. Brasil.247.com.br. Acesso em 19/03/2013)

Essa declaração da vereadora causou muito impacto entre seus colegas vereadores e na imprensa local, que logo discursaram em apoio à colega parlamentar.

A coragem da recém empossada vereadora mobilizou não apenas a Câmara de Vereadores, mas também a opinião pública, que noticiou em diversos jornais e programas de rádio a agressão sofrida.

2.3.12 Emília Corrêa



Imagem 13- Da esquerda para direita: Lucimara Dantas Passos, Daniela dos Santos Fortes e Emília Corrêa
Fonte: www.cmaju.com.br

A Defensora Pública na área criminalística, Emília Corrêa (DEM) é bacharel em Ciências Contábeis, foi chamada recentemente para assumir como suplente na vacância da cadeira do vereador Nitinho.

Mesmo sendo minoria, as parlamentares (na imagem 10 – as três que participam da atual gestão) já mostraram o peso de sua representatividade na nova composição da Câmara Municipal de Aracaju (CMA). E juntas têm em comum uma importante luta: o combate à violência contra a mulher. A preocupação das vereadoras é respaldada em números. Segundo dados da Organização Mundial da Mulher, o Brasil é o 84º país na lista dos países com o maior índice de violência contra a mulher. E de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Sergipe está na 12ª posição no ranking dos Estados brasileiros com maior número de homicídios femininos.

E no Dia Internacional da Mulher, comemorado na sexta-feira, 8/3/2013, as vereadoras reforçam a necessidade e a importância de políticas públicas voltadas para atender às mulheres vítimas de violência. A vereadora Emília Corrêa lamenta.

Psicológica, moral ou física a violência contra a mulher é prática comum. É uma situação grave. Na maioria das vezes a violência vem exatamente de onde se espera segurança, aconchego e cumplicidade. Não raro a morte brutal de mulheres assassinadas por seus companheiros.

De acordo com a parlamentar, é crescente e relevante o número de mulheres que tem sido estimuladas e apoiadas para denunciar e romper históricos de vidas marcadas pela violência. “Denunciar é fundamental para mudar essa realidade. Também é preciso que, cada vez mais, as mulheres conheçam os seus direitos”, alerta Emília Corrêa.

Como foi possível perceber, seja por meio da militância estudantil, ou sindical, ou mesmo, seguindo uma tradição familiar as vereadoras de Aracaju, se iniciaram na política convidadas por lideranças que foram/são admiradas por elas.

Em sua maioria realizaram cursos de graduação e pós-graduação e não foram apenas vereadoras, muitas se mantiveram na vida pública galgando outros postos, seja no Executivo (prefeituras ou gestão estadual) ou no Legislativo, tanto na Assembleia Legislativa como no Congresso Nacional.

A História da Câmara de Vereadoras de Aracaju também foi escrita pelo engajamento delas em lutas significativas e no enfrentamento diário de preconceito, discriminação e outras barreiras.

A formação familiar e o compromisso que assumiram perante aos partidos políticos e aos seus ideais configuraram o exercício parlamentar de cada uma delas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dificuldade de acesso e contato com as vereadoras de Aracaju foi uma das barreiras enfrentadas para a realização da pesquisa. Inicialmente, imaginávamos que elas se disponibilizariam com tranquilidade, para partilhar conosco características das suas trajetórias, da formação construída, da iniciação política e da atuação parlamentar. Mas apenas quatro tiveram abertura para uma entrevista ou responder o questionário.

Pesquisamos também na internet, onde localizamos entrevistas sobre as vereadoras e sites que tratavam das suas principais ações, através de reportagens e notícias diversas.

Passadas oito décadas desde que as brasileiras conquistaram o direito de votar, ainda o que se vê é a pouca participação feminina na política. O exercício do mandato parlamentar por parte da primeira vereadora aracajuana causou estranheza. No primeiro ano de exercício do seu mandato, a vereadora do Partido Republicano Municipalista –PRM foi vítima de um atentado cujos responsáveis não foram identificados, quando tentaram atear fogo em sua residência¹⁹.

Mas, felizmente a tendência das últimas décadas tem sido de valorização das mulheres e de seu trabalho, assim como de incentivo para que ocupem cada vez mais papéis de destaque e de comando no país, seja em empresas privadas, seja na área pública, o que demonstra um avanço na luta pela igualdade real entre os sexos, fundamental para uma sociedade justa e democrática. As Vereadoras Miriam Ribeiro, Rosângela Santana e Karla Trindade, acreditam que mulheres no parlamento é sinônimo de conquista.

Assim como em várias partes do mundo, as mulheres têm procurado se inserir na vida política, mesmo que timidamente, e com pouca participação. Na Câmara Municipal de Aracaju, também há espaço para elas. Na gestão passada Câmara era composta por 19 parlamentares, destes apenas quatro vereadoras mulheres, são elas Karla Trindade (PCdoB), Miriam Ribeiro (PSD), Rosângela Santana (PT) e Simone Gois (PT).

Na atual gestão são 24 vereadores, e apenas 3 mulheres. Suas vidas foram narradas e constituídas, com muito suor e lágrimas, como percebemos no capítulo II desta monografia. Mas também suas conquistas e realizações se concretizaram em leis e posições firmes, mesmo diante da violência sofrida na pele.

¹⁹ CF. ARACAJU, ata da sessão ordinária da Câmara Municipal de Aracaju, realizada em 28 de março de 1951. Arquivos da Câmara Municipal de Aracaju.

Como outras mulheres as vereadoras de Aracaju, convivem com o preconceito e com a discriminação, mas nos dão lições diárias de resiliência e de coragem.

Ao fazer as entrevistas e os questionários com as vereadoras de Aracaju, foram abordados temas como: família, política, partidos políticos, eleitores, dificuldades para se eleger discriminação em relação à mulher na política, projetos defendidos pelas mulheres e a falta de interesse da mulher para ingressar na política.

A família na sua maioria quando não influenciou de forma direta na escolha pela trajetória política das vereadoras, ficou apreensiva por saber que o acesso à política no que se refere à mulher é difícil e de extrema exposição. A política para essas mulheres é pensada e vivida como perspectiva de futuro, é acima de tudo transformação, é pensar um modelo de sociedade e lutar por ele.

No que se refere a partidos políticos disseram que é a grande escola onde é feita a conscientização política e sem ele não há eleição, pois só se chega a um cargo na esfera política através dos partidos.

Em relação aos eleitores, afirmaram que é feita através da concepção política, no debate de grandes temas, como a quebra de preconceitos, instigando a sociedade a se posicionar.

A dificuldade encontrada por elas foi desde a falta de recurso para bancar uma campanha, ao aliciamento ao candidato por parte do eleitor, onde era perguntado consequentemente, “o que eu ganho em dar a você meu voto”? Ou seja, uma boa parte do eleitorado sugere a troca de favores, o que não é permitido por lei e é motivo de muitas cassações de mandatos.

No quesito discriminação contra a mulher na política, apontaram que as discriminações sempre acontecem, e que a mulher deve buscar seus espaços de forma mostrar sua competência, pois esse estigma de que mulher não serve para a política, vem desde o passado, mas que procuram criar seus próprios espaços, e manter um relacionamento com os colegas homens de forma amistosa e de igualdade de direitos.

Os projetos defendidos por elas se referem, geralmente, à cultura, defesa das crianças, mulheres, meio ambiente, cidadania e desmistificação de preconceitos. Foi explicitado também que as políticas públicas no que se refere à educação e saúde são realizadas em esfera federal e que a Câmara fica receptiva a essas decisões, ou seja, o vereador tem poucas possibilidades de legislar em seu município.

A falta de interesse por parte das mulheres em ingressar na política, segundo algumas vereadoras, está relacionada à sobrecarga assumida pelas mulheres no espaço

privado da família/casa. Pois o trabalho fora de casa, seja em um emprego, ou na vida pública, precisa ser realizado juntamente com as tarefas socialmente destinadas às mulheres: o cuidado com a casa, a criação dos filhos e a disponibilidade incondicional ao marido.

Este estudo permitiu conhecer mais de perto as trajetórias de vereadoras de Aracaju e nos estimulou a continuar pesquisando mais sobre a participação da mulher no campo político e poder perceber como as mulheres criam estratégias e táticas surpreendentes para conquistar novos espaços de atuação, interligando ações, expressões, interpretações e construindo novas experiências.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. “Mulheres na Educação: Missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX”. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares de; SOUZA, Fátima de; VALDEMARIN, Vera Tereza. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004, p. 59 – 107.

ALMEIDA, Marlaine Lopes de. Leyda Régis: **Reminiscências de formação intelectual e atuação profissional em Sergipe**. São Cristovão. 2009. Dissertação de (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Sergipe, 2008.

ALVES, Moreira Branca; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 8ª.,ed.São Paulo: Brasiliense,1991.

ALVES, Branca Moreira. **Ideologia &Feminismo**. A luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980.

ARAÚJO, Clara M. O. **Cidadania incompleta**: o impacto da lei de cotas sobre a representação política das mulheres no Brasil. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro, 1999.

ARAÚJO, Emanuel. **História das mulheres no Brasil**: a arte da sedução: sexualidade feminina da Colônia. Org. Mary Del Priore. 7ª ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

AVELAR, Lúcia. **O segundo eleitorado**: tendências do voto feminino no Brasil. 2 ed. Campinas: Unicamp, 2001.

BARBOSA, Iran. **Um ano de atuação do mandato democrático e popular**. 2ª edição, revisada e ampliada. Gráfica e editora LTDA, Aracaju, 2006.

BEAUVOIR. Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 1 e 2.

BUARQUE, Cristina. **Mulheres sem Medo do Poder**. Chegou a Nossa Vez. Cartilha para Mulheres Candidata a Vereadoras em Pernambuco. Rio de Janeiro: DIPS/IPEA – 2006.

CARVALHO, Marie Jane Soares; ROCHA, Cristiane Maria Famer (orgs) **Produzindo gênero**. Porto Alegre: Sulinas, Edição: 1ª 2004.

CHARTIER, Roger. **Forma e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. **Feminismo, ciência e tecnologia**. Salvador: Redor/ NEIM-FFCH/UFBA, 2000. (Coleção Bahianas, 8).

DARNTON, Robert. “**História da Leitura**”. In: BURKE, Peter. A Escrita da História. São Paulo: Edusf; Contexto, 2002, p. 199 – 236

DEL PRIORE, Mary. **Mulheres no Brasil colonial**: A mulher no imaginário social. Mãe e mulher honra e desordem. Religiosidade e sexualidade. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco**: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920 – 1950). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação – NPGED, 2003a, (Coleção: Educação é História. V. 3)

_____. **Educação, trabalho e ação política**: sergipanas no início do século XX. Campinas: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2003b, (Tese de Doutorado).

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5º Ed., 8º reimp., São Paulo: Atlas, 2009.

GIULIANE, Paola Cappellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2006.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas**: 1850-1937. (Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa, trad.). São Paulo: Brasiliense, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2003. p. 443-481.

MELLO, Rafael Cardoso de. **Mulheres como letras: um breve estudo da imagem feminina da Revolução Constitucionalista de 1932**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História, Licenciatura Plena) – Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto – 2004. p. 12.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 9º Ed, São Paulo: Hucitec, 2006.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho de. NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Os camaristas: contribuição a história do poder Legislativo de Aracaju.** (1855-2012) Aracaju: Criação. 2012.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho de. NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Fontes para a história do poder legislativo da cidade de Aracaju:** a primeira década de funcionamento da Câmara de vereadores (1855-1865), Aracaju: Criação, 2010

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual.** São Paulo: Paz e Terra, 1993

PINA Maria Ligia Madureira. **A mulher em Sergipe.** In: A Mulher na História. Aracaju: s.n.t,1994.

PRÀ, Jussara Reis. **Representação política da mulher no Brasil (1982-1990) articulação de gênero no sul do país e a questão institucional** (Tese doutoral em Ciência Política).São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). **História das mulheres no Brasil.** 9. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2003. p. 578.

Revista Enfoque Feminista. **Discriminação no mercado de trabalho exige legislação melhor.** São Paulo, v. 6, n. 3, agos. 1994.

Revista Veja Especial. Espaço pequeno. v. 48, n. 28, 1995.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos:** a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SANTOS, Joseline Souza. **A Participação Feminina na Política Partidária Aracajuana: 1980-1990.** Monografia de graduação do curso licenciatura em História. UFS –SE. 1996.

SANTOS, Nivalda Menezes. **O celibato pedagógico feminino em Sergipe nas três primeiras décadas do século XX:** Uma análise a partir da trajetória de Leonor Telles de Menezes – São Cristóvão. 2006. Dissertação (de mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2006.

SANTOS, Osmário. **Memórias de políticos de Sergipe no século XX.** 2002.

SANTANA, Kátia. **Ecos da Política:** Uma retrospectiva histórica do processo político de Sergipe 1982 a 2000. Editora Instituto Desenvolver. Aracaju-Sergipe. 2001

SILVA, Rosana da Cunha. **As Pioneiras na Política Sergipana-1934-2000.** São Cristóvão – SE: Monografia de História – UFS, 2002.

SILVA, Isa Eleonora Barreto. **História, memória & cidadania:** Câmara Municipal de Aracaju de 1964 a 2004. Aracaju: edição da autora, 2004, p. 136.

SIMÕES, Solange de Deus. **Deus, pátria e família**: as mulheres no Golpe de 1964. Petrópolis: Vozes, 1985.

SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 15, 2000.p.117.

SOUSA, Sandra Maria Nascimento. **Mulheres em movimento**: memória da participação das mulheres nos movimentos pelas transformações das relações de gênero nos anos 1970^a 1980. São Luís: EDUFMA, 2007. p. 169.

SULLEROT, Evelyne. Les Changements de Rôles de Hommes et des Femmes en Europe. In: O CORREIO de UNESCO, janeiro, ano 7, nº1, Brasil, 1978.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. “Práticas de leitura na escola brasileira dos anos 1920 e 1930”. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (org). **Modos de ler / formas de escrever**: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil. 2 ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2001b.

Referências eletrônicas

www.brasil247.com.br

[www. cajunews.com.br](http://www.cajunews.com.br)

www.cfemea.org.br

[www. cmaju.com.br](http://www.cmaju.com.br)

www.osmario.com.br

www.vereadorarosangela.com

Entrevistas

CARVALHO, Maria Nazaré . Entrevista concedida a autora. Aracaju, 15/08/2012

SANTANA, Rosângela. Entrevista concedida a autora. Aracaju, 20/09/2012

TRINDADE, Karla Suely da Conceição Trindade. Entrevista concedida a autora. Aracaju, 10/08/2012.

VIEIRA, Maria da Conceição. Entrevista concedida a autora. Aracaju, 08/10/2012.

ANEXOS A**COMISSÃO DE JUSTIÇA E REDAÇÃO**

PRESIDENTE - DANILO SEGUNDO - PSB

SECRETÁRIA - KARLA TRINDADE - PCDOB

FÁBIO MITIDIERI - PSD

ROSANGELA SANTANA - PT

NITINHO - DEM

COMISSÃO DE FINANÇAS, TOMADA DE CONTAS E ORÇAMENTO

PRESIDENTE - KARLA TRINDADE - PCDOB

SECRETÁRIA - SIMONE GOIS - PT

JUVÊNCIO OLIVEIRA - DEM

DR. GONZAGA - PMDB

VALDIR SANTOS - PTDOB

COMISSÃO DE OBRAS, SERVIÇOS PÚBLICOS, TRANSPORTE E MEIO AMBIENTE

PRESIDENTE - EVANDO FRANCA - PTB

SECRETÁRIA - MIRIAM RIBEIRO - PSD

FÁBIO MITIDIERI - PSD

ROBSON VIANA - PMDB

VALDIR SANTOS - PTDOB

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA, SAÚDE, ESPORTES E ASSISTÊNCIA SOCIAL

ROSANGELA SANTANA - PT

NITINHO - DEM

JAILTON SANTANA - PSC

DR. EMERSON - PT

DR. GONZAGA - PMDB

COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS

DR. EMERSON - PT

BERTULINO MENEZES - PSB

JAILTON SANTANA - PSC

JONY MARCOS – PRB

MIRIAM RIBEIRO - PSD

COMISSÃO DE DEFESA DO CONSUMIDOR

DANILO SEGUNDO - PSB

JONY MARCOS - PRB

JAILTON SANTANA - PSC

KARLA TRINDADE - PCDOB

JUVÊNCIO OLIVEIRA - DEM

Karla Suely da Conceição Trindade (10/08/2012)

PCdoB-Vereadora mandato: (2008 – 2012)

QUESTÕES DA ENTREVISTA

1. Gostaria de saber um pouco de sua infância e adolescência. Onde nasceu, morou, estudou? Qual a sua formação atualmente?

Nasci em Aracaju, Sergipe, Estudei na infância no Educandário Imaculada Conceição e o estudo médio no Colégio Estadual Tobias Barreto (5ª a 8ª) e no Colégio Salesiano (1ª ao 3º). Depois ingressei na Universidade Federal de Sergipe no curso de Enfermagem.

2- Como é composta sua família? É solteira ou casada? Tem filhos?

Sou Solteira, não tenho filho, moro com meus pais atualmente. Tenho dois irmãos (Um irmão o mais velho e uma irmã a caçula)

3- Como é ou foi à participação de sua família diante de sua escolha política?

Não houve interferência familiar, mas meus pais apoiaram e contribuíram na minha decisão

4- O que é política para você?

A política é um instrumento de transformação social, é a forma que temos de lutar pelo bem comum, por melhoria nas condições de vida, enfim por um presente e por um futuro melhor pra maioria da população.

5- Quais os motivos que a fizeram optar pela carreira política partidária?

Nossa vida é permeada por decisões políticas daí a importância de todos os cidadãos, participarem das discussões e do processo político. A política faz parte do nosso dia a dia, através dela podemos transformar nossos sonhos em realidade e construir um mundo melhor e foi com os sonhos que na minha juventude comecei a participar da política.

Ingressei na política a partir do movimento estudantil, na Universidade Federal de Sergipe (UFS) atuei no Centro Acadêmico de Enfermagem, na Executiva Regional e Nacional de enfermagem, nesse mesmo período filiei-me a União da Juventude Socialista (UJS), organização política de juventude. Fui presidente da UJS/Se, filiada ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Em 2008 assumi a assessoria de Juventude na Prefeitura de Municipal de Aracaju, onde realizamos a I Conferência Municipal de Juventude. Na última eleição fui pela primeira vez candidata a vereadora de Aracaju. Em 2009 tomei posse como vereadora

6- No campo da política sergipana você tem admiração por alguém? Quem?

Algumas pessoas são importantes na minha trajetória política, o atual Prefeito de Aracaju Edvaldo Nogueira, o Governador Marcelo Deda PCdoB e Bosco Rolemborg .

7- Existe alguém que influenciou na sua decisão de ingressar na política partidária?

Não pessoas especiais, mas os sonhos em transformar a nossa realidade.

8- Qual a importância dos partidos políticos na sua carreira? 9- A que partido você pertence atualmente e qual motivo de sua opção partidária?

. Fiz a minha opção partidária aos meus 16 anos pelo PCdoB, partido que tem uma história na luta do povo Brasileiro e me orgulho sempre de ter feito está escolha, fiz opção ideológica, acredito nas posições e na visão de política do partido.

10- Que tipo de relação há entre você e seus eleitores?

Uma relação de igualdade e respeito.

11- Que dificuldade encontrou na campanha para ser eleita?

Muitas , seja na dificuldade com os recurso financeiras, seja no tempo de TV , acredito que a relação entre eleitor e candidato ainda é muito distante e a eleição é muito desigual, por isso defendo que haja uma reforma política no nosso país para dar oportunidade a todos.

12- Você gosta do trabalho político institucional?

Qualquer trabalho é gratificante quando fazemos o que gostamos e respeitamos o nosso semelhante, temos muitas dificuldades, mas a vontade de transformar nossos sonhos em realidade são maiores.

13- Existe algum fato marcante na sua vida pública?

A eleição do presidente Lula foi marcante na minha vida, pois a partir do mandato dele vi várias das nossas lutas se transformarem em realidade, nos deu força para continuar lutando ainda mais, a reserva de vagas para estudantes de escola publica nas universidades federais, o reuni , o pro jovem , nossa, me senti orgulhosa, lógico que há ainda muito a fazer.

14- Existe algum projeto de sua autoria que trouxe benefícios para população aracajuana?

Como projeto a lei que reconhecer a Juventude como segmento social e cria o Plano Municipal de Juventude com orçamento e metas a serem cumpridas, lei que cria a semana Municipal do Hip HoP, lei que regulamenta e defende o nosso patrimônio cultural , além de leis de reconhecimento de algumas instituições como utilidade publica a exemplo do Instituto do canarinho de Aracaju. E quando participei do executivo participei da elaboração e execução do projeto da praça da juventude, no bairro Augusto Franco, como também da reestruturação da guarda municipal.

15- Já sofreu algum tipo de discriminação, por ser mulher, num ambiente onde os homens são maioria?

Sim , infelizmente o ambiente da política ainda é masculinizado , e no meu caso por ser jovem e mulher recebo certo tipo de discriminação, de piadas machistas.

16- Em sua opinião por que a mulher tem pouco interesse em ingressar na política?

Ainda há muito a conquistar, somos maioria no eleitorado do nosso país , mas ainda somos minoria na nossa representação , conquistamos há 80 anos com muita luta o direito de votar, mas é preciso sermos ainda mais ousadas e lutar por mais espaço , acho que a reforma política também pode acrescentar um avanço na participação feminina .

17- Existe alguma outra atividade em que você trabalha além da Câmara de Vereadores

Sou presidente municipal do PCdoB.

18-Já exerceu outros mandatos? Onde? Quando?

Não.

19-Quais são seus objetivos para o futuro?

Num futuro imagino um mundo mais justo, mais humano, é por isso porque luto e participo da política.

Maria Nazaré de Carvalho (15/08/2012)

Partido Político:.P– PMDB/PSDB

Mandato: Seis (06)

QUESTÕES DA ENTREVISTA

1- Gostaria de saber um pouco de sua infância e adolescência. Onde nasceu ,morou, estudou? Qual a sua formação atualmente?

Nasci em Nossa Senhora das Dores – SE; tive uma infância saudável (vivendo muito em Fazenda e uma adolescência um pouco complicada; estudei no Ateneu Sergipense/Escola Normal/Universidade Federal de Sergipe/ Superior completo em Letras Vernáculas e Estrangeiras e Jornalismo.

2- Como é composta sua família? É solteira ou casada? Tem filhos?

Oficialmente sou solteira. Mãe de dois filhos (paridos), um adotivo (sobrinho-filho).

3- Como é ou foi à participação de sua família diante de sua escolha política?
Não houve interferência familiar; Também não foi uma escolha; Foi por indicação de meu Diretor de Rádio; Não houve como evitar.

4- O que é política para você?

Penso que Política é a somação de esforços em benefício coletivo.

5- Quais os motivos que a fizeram optar pela carreira política partidária?
Por sobrevivência profissional, já que meu patrão fez a escolha por mim, para não desagradá-lo e com medo de sofrer dano aceitei.

6- No campo da política sergipana você tem admiração por alguém? Quem?

Em Sergipe nutro admiração e respeito por Dr. Augusto Franco, Senador Antônio Carlos Valadares e Dr. João Alves Filho.

7- Existe alguém que influenciou na sua decisão de ingressar na política partidária?
Sim. Dr. Augusto Franco.

8- Qual a importância dos partidos políticos na sua carreira?

Foram fundamentais. Sem partidos políticos não há candidatos, não se exerce democracia.

9- A que partido você pertence atualmente e qual motivo de sua opção partidária?

Sou filiada ao Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB, partido fundado por mim e pelo então Deputado Federal Acival Gomes no ano de 1988.

10- Que tipo de relação há entre você e seus eleitores?

Uma relação muito respeitosa e responsável. Mesmo agora sem exercer um mandato tenho relacionamentos amigáveis e até convivência.

11- Que dificuldade encontrou na campanha para ser eleita?

Muitas. Não no primeiro mandato (houve a participação direta de Dr. Augusto) na seqüência dos outros foram muito tortuosos: perseguição, falta de recursos materiais, companheirismo e até ausência de honestidade por parte do próprio eleitor dentre outras.

12- Você gosta do trabalho político institucional?

Sim. É viver um programa que visa o bem de todos.

13- Existe algum fato marcante na sua vida pública?

Em todos os mandatos exercidos por mim tudo foi marcante, o aprendizado, a oportunidade de ajudar meu semelhante, a luta contínua pelo reconhecimento dos direitos da mulher e da família, contribuir com as normas e disciplinas da cidade, desenvolver projetos de cidadania junto às comunidades, formar frente de trabalho com jovens, participar ativamente das decisões coletivas, apresentar projetos de relevância ao Parlamento, dentro outras ações que me deram uma consciência tranqüila.

14- Existe algum projeto de sua autoria que trouxe benefícios para população aracajuana?

Não só um, vários como a Lei Orgânica do Município, Instalação de Bibliotecas Públicas Municipais; Plantação de árvores (cajueiros) na capital; meia passagem para o estudante, lei de incentivo à Cultura; Natal no Parque, Plano de Cargos e Salários do Poder Legislativo Municipal e muitos outros.

15- Já sofreu algum tipo de discriminação, por ser mulher, num ambiente onde os homens são maioria?

Não. Os homens são bem mais amigos que nós mulheres.

16- Em sua opinião por que a mulher tem pouco interesse em ingressar na política?

Acredito ser por aculturação. Não fomos induzidas a essa condição, nos ensinaram ser mãe e dona de casa. Esta aí o resultado vivido ainda hoje em pleno século XXI.

17- Existe alguma outra atividade em que você trabalha além da Câmara de Vereadores

Hoje não mais trabalho na Câmara, mas quando exercia mandatos trabalhava como Professora que sou ministrando aulas e também fazia parte da diretoria do Partido, o que acrescentava muito trabalho no meu dia a dia.

18-Já exerceu outros mandatos? Onde? Quando?

Não. Só exerci mandatos de Vereadora. Aprendi muito sobre política municipalista. Gostaria que todas as pessoas entendessem o valor desse mandato, afinal todos moramos em um município, não moramos no Estado ou na Nação.

19-Quais são seus objetivos para o futuro?

Continuar trabalhando para a comunidade, só que agora em outra comunidade na acadêmica.

20-Que sugestões daria para uma mulher que quisesse ingressar no campo da política?

Que o exercício político partidário não tem gênero tem coragem e determinação.

Maria da Conceição Vieira (08/10/2012)

Partido PT

QUESTÕES DA ENTREVISTA

01-Gostaria de saber um pouco de sua infância e adolescência. Onde nasceu, morou, estudou? Qual a sua formação atualmente?

Nasci em Aracaju, morava na avenida Coelho e Campos, meu pai tinha um pequeno comércio de material de construção, e tinha na época o chamado carro de praça, ou seja, um táxi ,desde muito cedo com 14 anos de idade fazia reforço escolar, sou formada em geografia pela UFS.

02- Como é composta sua família? É solteira ou casada? Tem filhos?

Sou solteira, tenho três filhos e dois netos, a minha família anterior é composta por minha mãe, minha irmã o marido dela e uma sobrinha.

03-Como é ou foi à participação de sua família diante de sua escolha política?

No início a família sofreu um pouco porque ficou em duvida se isso é uma opção boa se não vai causar sofrimento, pois se acha que a atividade política causa má impressão as pessoas que tem o hábito de denegrir a vida do político, porém depois que decidi resolveram me apoiar. Minha mãe até hoje pede voto aonde vai, em cada médico que vai ou a cada amigo que ele tem, ela dirige até hoje um trabalho social ligado a confecção de enxoval de recém nascido para gestantes em situação de miséria e conversa com todo mundo sobre a importância da filha estar na política, então o que antes era sofrimento para minha mãe hoje é feito com prazer e os meus filhos sempre na época de eleição me ajudam na campanha.

04-O que é política pra você?

Eu acho que é um conjunto de realizações de pensamento capaz de nortear a forma de desenvolvimento de uma sociedade, pois precisamos organizar o país e isso depende de regras de diretrizes que facilitem a relação com o outro e para isso é necessário uma caminhada política em prol do desenvolvimento social e, além disso, se tem uma organização de homens e mulheres com ideias comuns que constitui um partido. Na política partidária se procura os

iguais a você, procuram-se pessoas que pensem como você isso também é uma forma de levar adiante idéias para desenvolver a sociedade.

05-Quais os motivos que a fizeram optar pela carreira política partidária?

Eu sempre fui muito envolvida com o desenvolvimento humano, preocupada com uma vida de mais justiça, de mais direitos iguais para as pessoas, então desde muito cedo ainda na adolescência mais precisamente aos de 8 anos de idade eu já fazia a campanha do quilo para levar para os orfanatos de Aracaju, não ia a praia aos domingos ia um domingo e em três domingos fazia esse trabalho de arrecadação de alimentos, desde muito nova a formação que minha mãe me dava era de preocupação com o próximo e desenvolvimento social para as pessoas pois achava que todos temos potencialidades que precisam ser desenvolvidas.

Mais adiante por ter essa preocupação com o próximo recebi alguns convites ainda na universidade para me filiar ao PMDB, mas minha mãe pediu muito que não aceitasse pois tinha aquela história que filha de viúva tem que ser muito certinha, não poderia participar de nada isso na época em que era jovem. Alguns anos depois me filiei ao Partido dos trabalhadores, e é a preocupação com o outro que me leva a ter um conceito de sociedade, de desenvolvimento e me inspira a ter vontade de estar contribuindo com a sociedade.

06-No campo da política sergipana você tem admiração por alguém? Quem?

Eu acho que as lideranças do meu partido. Eu busquei um partido que tem expressão nacional como o presidente Lula e a presidenta Dilma e local o senador José Eduardo Dutra e o governador atual Marcelo Deda, acho que são referências de ética e preocupação com o outro com o humano, então é essa trilogia de desenvolvimento que inspiram a minha caminhada política e me servem como referência.

07-Existe alguém que influenciou na sua decisão de ingressar na política partidária?

Não, eu tive convites de amigos de formas diversas.

08-Qual a importância dos partidos políticos na sua carreira?

Tive uma passagem muito rápida pelo PMDB em Japarutuba, mas sempre fui simpatizante do Partido dos Trabalhadores e esse é o partido que tem me inspirado em algumas diretrizes e é neste partido que estou ligada e espero permanecer enquanto durar minha vida pública.

09-A que partido você pertence atualmente e qual motivo de sua opção partidária?

Partido dos trabalhadores. Sempre fui simpatizante do partido dos trabalhadores...

10-Que tipo de relação há entre você e seus eleitores?

Eu trabalho muito com projetos e programas sociais, então através dos programas feitos pelas comunidades a gente entra em contato como eleitor, participo de eventos em comunidades, proponho junto as lideranças das comunidades seminários onde geralmente faço esses encontros em média de três a quatro encontros por ano, esses seminários servem para formação política sobre vários temas e nos meus pronunciamentos procuro atender as necessidades mais imediatas dessas pessoas. É através de minhas ações que eu procuro fazer uma interlocução constante com os eleitores.

11-Que dificuldade encontrou na campanha para ser eleita?

A dificuldade maior é a financeira, mas às vezes a gente dribla isso que varia muito de candidato para candidato, pois ou se gasta dinheiro ou se gasta sola de sapato ou se mostra competência com trabalhos ou se mostra preocupação com o outro e é nisso que eu tenho procurado me empenhar e assim suprir as necessidades imediatas da campanha.

12-Você gosta do trabalho político institucional?

Gosto, e acredito nele.

13-Existe algum fato marcante na sua vida pública?

O fato marcante, foi ter sido convidada e ter topado mesmo achando que era só pra constar e ajudar alguns companheiros a se eleger e isso me deu uma guinada na minha interpretação de como me posicionar de como colaborar com a sociedade e a partir daí estou na política eletiva até agora e também quando fui convidada a ser candidata a vice governadora, acho que foi uma credibilidade muito grande por parte de meu partido de confiar uma função tão ampla de realizações e quando fui presidente estadual e municipal do partido, pois acho que as pessoas buscam e sugerem nomes quando acreditam no jeito e na caminhada desse líder para exercer funções de liderança dentro do partido.

14-Existe algum projeto de sua autoria que trouxe benefícios para população aracajuana?

Sim, muitos, coloquei cursos profissionalizantes nos bairros, revitalizei praças, colocando Souls musicais, padronizamos os ambulantes da orla, busquei parceria com o Banco do Nordeste para implantar o micro crédito para população através da FUNDAT onde estava como presidente.

15-Já sofreu algum tipo de discriminação, por ser mulher, num ambiente onde os homens são maioria?

Acho que ainda é muito árida a área da política para as mulheres, então algumas têm que ter determinação para fazer esse enfrentamento e essa ocupação de espaço que a cada dia fica mais claro necessário o jeito da mulher de se fazer política que se preocupa com pormenores que são características do feminino e isso enaltece e abre várias áreas de atuação para o campo político, há ainda discriminações, há ainda preocupações, mas acho que após a eleição da presidenta Dilma, muitas pessoas não acreditavam na capacidade diretiva, hoje está mudando esse receio de que as mulheres ocupem espaço. Hoje nós temos duas mulheres ocupando a presidência e a primeira secretaria na Assembleia Legislativa de Sergipe, pela primeira vez, e com certeza os deputados se preocuparam de como seria essa relação, e sinto que nossa relação é muito tranqüila tanto com os deputados como com as deputadas, então acho que procurando ampliar aquilo que já realizado pelos homens, nós mulheres, vamos ocupar espaços e nos colocando ao lado deles para juntos fazermos as transformações necessárias na sociedade sergipana.

Isso enaltece há ainda discriminações, a proporção que as mulheres vão ocupando o espaço no poder vai desmistificando esse pensamento

16-Em sua opinião por que a mulher tem pouco interesse em ingressar na política?

Acho que há o receio por conta das histórias que falam da mulher inserida na política pois dizem que você é ladra, ou mal amada, ou é ladra, ou é corrupta, ou vendida, ou é dominada ou seja, as palavras são muito negativas para a mulher que está na vida pública, então isso inibe e impede esse ingresso na vida pública, eu levei muito tempo refletindo se suportaria ver tudo isso na minha caminhada e até que tomei a decisão pela carreira política, mas sei que tem todos esses intempéries e esses sofrimentos.

17- Existe alguma outra atividade em que você trabalha além da Câmara de Vereadores?

No começo de meu mandato era professora e fazia consultoria.

Trabalhei em muitos colégios da rede particular de ensino fui professora no presidente Vargas, agradei aos trabalhos profissionais que ocupava na assembléia, montei uma associação no povoado Cabrita e Japarutuba chamado um lugar ao sol, tenho três filhos duas meninas e um menino. Fui candidata a vice prefeita com o padre Geraldo e perdemos a eleição por cem votos.

Fui secretária de educação, depois fui candidata a vice presidente do PT na campanha, pois o presidente tinha que se afastar por ser candidato e assumi a presidência do PT onde fazia reuniões mensalmente nos interiores para discutir metas do partido. Fui convidada a ser candidata a vereadora pelo PT, não desejava ser candidata por ser muito em cima da eleição onde faltava apenas três meses, e sendo assim procurei me dedicar a campanha o máximo que pude e mesmo sem ajuda financeira nenhuma ou apoio político, contando apenas com ajuda de alguns amigos me tornei primeira suplente em Aracaju, assumi a FUNDAT e depois a Câmara no governo de Marcelo Déda onde pude realizar alguns projetos em Aracaju, como montar o projeto de Habitação PAR Programa de Arrendamento Residencial , era época do governo Fernando Henrique e por ser de outra corrente política achamos que não levaríamos a diante, porém entramos de cabeça por já existir uma lei da época do governo de Augusto Gama e nos pegamos a essa lei e buscamos recursos junto a Caixa Econômica para viabilizar esse projeto e hoje Graças a Deus existe mais de 20 mil unidades residenciais construídas a partir desse projeto, em Aracaju. Fui convidada pelo partido mais precisamente pelo prefeito Marcelo Déda a ser candidata a vice governadora junto a José Eduardo Dutra na eleição para governador, relutei um pouco, mas chegamos ao 2º turno e quase ganhamos a eleição, em seguida voltei a Câmara de vereadores e fui para reeleição, porém antes disso assumi a secretaria de assistência Social e em questão de oito dias tiramos os meninos da lixeira, das ruas, das drogas e das sinaleiras damos uniformes e o ônibus transportava esses adolescentes para o CRÁS no CSU da rua de Alagoas para fazer cursos profissionalizantes o que na época teve grande sucesso social.

Em seguida me candidatei a reeleição de vereadora e fui eleita novamente e no meio do meu segundo mandato fui candidata a deputada estadual onde já estou no segundo mandato.

18-Já exerceu outros mandatos? Onde? Quando?

Um mandato e meio de vereadora e um mandato e meio de deputada.

19-Quais são seus objetivos para o futuro?

Procurar servir da melhor maneira possível a sociedade sergipana, seja com mandato eletivo seja voltando para sala de aula, seja no executivo ou no legislativo, poder contribuir com a minha realização interior, com o meu crescimento pessoal e a realização de me sentir útil a sociedade e também com a realização de ver a mudança que pode ser operada com o meu trabalho com o meu empenho pela política que eu desenvolva na vida do outro, então todas as vezes que se é capaz de contribuir com a mudança e melhorias para vida de alguém, isso traz realizações.

20- Que sugestões daria para uma mulher que quisesse ingressar no campo da política?

Que reflita a sua vida, se você tem essa determinação e se está acima das adversidades encontradas no campo da política, entregue seu coração, sua alma sua energia para essa realização pois precisamos avançar, o Brasil ainda é um dos países que tem os menores índices de presença da mulher na vida política e atualmente o Congresso Nacional houve uma diminuição da presença das mulheres eleitas. Em Aracaju temos seis mulheres entre vinte e quatro deputados e isso é um numero alto se considerando a outros estados e comparando com o congresso nacional.

Ainda é pequeno demais o numero de mulheres na política brasileira e sugiro as que se habilitarem a enfrentar tal desafio, que vá contribuir que vá dá sua energia o seu coração e ampliar as forças femininas nesse trabalho de transformação da sociedade.

Rosângela Santana (20/09/2012)

PARTIDO POLÍTICO: PT

QUESTÕES DA ENTREVISTA

01-Gostaria de saber um pouco de sua infância e adolescência. Onde nasceu ,morou, estudou? Qual a sua formação atualmente?

Nasci em Aracaju, morei oito anos na primeira infância em Paulo Afonso na Bahia, aos nove anos voltei a Aracaju e morei inicialmente no Santo Antônio na casa de uma tia. Um ano depois, meu pai construiu uma casa no bairro Cirurgia, em um local chamado de baixa fria, nas imediações da Escola Técnica, onde vivi dos nove aos dezessete anos quando parti de casa para o casamento, Minha escolaridade foi feita no Instituto de Educação Rui Barbosa, o primário foi feito no Colégio de Aplicação do Instituto de Educação, fiz o exame de admissão, o ginásio, e o pedagógico na Escola Normal. Foram doze anos de estudo sem contato com os homens só os professores, pois a escola era só para mulheres, o que achei muito ruim pois como adolescente queria conhecer o pensamento dos meninos adolescentes e fui privada disso.

02-Como é composta sua família? É solteira ou casada? Tem filhos?

Tenho uma família muito grande. Morei numa casa formada basicamente por mulheres, pois eram sete irmãos, dois homens e cinco mulheres. Sou casada há quarenta anos, tenho quatro filhos e quatro netos, tenho mãe viva e meu pai faleceu há três meses. A família é muito grande e matriarcal cheia de filhos, festeira e unida.

03-Como é ou foi à participação de sua família diante de sua escolha política?

Foi uma surpresa, porque não tem ninguém na minha família que tenha tido algum mandato ou participação na política. Tiveram reação por parte das duas famílias os pais, os irmãos e o marido achavam estranho aquele meu modo de pensar, pois todos imaginavam a professora Rosângela que ia a escola dar aula e voltava para casa cuidando dos filhos, e isso causou muito rebuliço por parte das duas famílias. Pois quando entrei no movimento, era uma necessidade minha, de mulher, que foi mãe adolescente que estava aprisionada a velhos conceitos de comportamento, casou muito jovem e entendeu que o modelo de família que tinha era diferente daquele que queria para minha vida e formação de meus filhos. Minha ida à universidade foi num momento da luta pela abertura política e eu fui me envolvendo naquilo e mudando o meu pensamento e chega o momento em quem e transformei e a família já não me reconhecia, isso gerou conflitos, minha mãe entendeu que eu como filha mais velha precisava terminar os meus estudos como forma de incentivar aos demais irmãos me acolheu em sua casa junto com meus filhos e meu marido e isso gerou conflito das duas partes ou seja os meus pais. E o meu marido que viu sua mulher saindo de casa para ocupar outras

atividades que era diferente de cuidar dele. Ao entrar na UFS me interessei pelos movimentos estudantis e depois me filiei ao Partido dos Trabalhadores, nos movimentos sindicais pois já era professora por quinze anos e o partido pediu para que eu fosse candidata na eleição para vereadora isso recentemente pois eu já participo da política desde os anos oitenta.

04-O que é política pra você?

Política para mim é perspectiva de futuro é organização de sociedade é acima de tudo transformação é pensar um modelo de sociedade, abraçar e por ele lutar.

05-Quais os motivos que a fizeram optar pela carreira política partidária?

Os motivos foram consequência de toda uma elaboração. Penso que fui uma mulher que saiu de casa, renunciando ao antigo papel de esposa e de mãe, renunciando a determinado conforto de rainha do lar. Me joguei no mundo e me tornei uma mulher líder, servindo de modelo para outras mulheres e para outros homens. E, em certo, momento eu me apresentei com uma capacidade de liderar um grupo como o movimento de professoras. De repente as pessoas olharam para mim e disseram: “você precisa se candidatar a vereadora”, devido a minha atuação partidária e o partido percebeu esse potencial e acho até que demorou, pois já tinha quarenta e oito anos quando me candidatei. Dentro do meu pensamento a política precisa de mulheres jovens, mas para amadurecer uma mulher leva tempo porque ela divide o tempo dela com outras atividades.

06-No campo da política sergipana você tem admiração por alguém? Quem?

No campo da política tenho admiração por Diomedes Santos da Silva, que não é mais vivo, e foi o cara que me incentivou a participar desse negócio e atualmente ficou Marcelo Deda.

07-Existe alguém que influenciou na sua decisão de ingressar na política partidária?

A pessoa que me influenciou foi Diomedes.

08-Qual a importância dos partidos políticos na sua carreira?

O partido foi minha grande escola, nada foi mais eficaz na minha formação que o partido, formação política foi a grande escola de minha vida, a escola normal foi fundamental para ser professora a universidade foi fundamental para me tirar da pobreza econômica do conhecimento, porque quando a gente conhece a gente acerta muito mais, porém o partido foi que trouxe a grande contribuição para a minha consciência política.

09-A que partido você pertence atualmente e qual motivo de sua opção partidária?

Sempre e sempre o Partido dos Trabalhadores, e para sempre, só saio se ele acabar e se o partido dos trabalhadores acabar haverá sempre alguém que terá uma bandeira velha e colocará em cima de meu caixão, porque para mim foi o partido que trouxe o que eu queria uma proposta de revolução, se não foi revolucionário na intensidade que eu queria, mas eu diria que foi o transformador, que proporcionou a minha eleição e a eleição da primeira mulher como presidente do Brasil e isso para mim é uma revolução.

10-Que tipo de relação há entre você e seus eleitores?

A minha relação com os eleitores não é muito pessoal, ou seja, eu não sou muito prestadora de serviço, ou seja, aquela que resolve os problemas do eleitor. A minha relação com o eleitor que eu procuro fazer é uma relação do entendimento dos meus objetivos. Eu lido com grandes temas, com as quebras dos preconceitos me ligo a ele pelas minhas propostas políticas, costumo lidar com grandes temas polêmicos que guiam a minha ação e o meu discurso, digamos que dez por cento da minha relação fica com a prestação de serviços é de resolução de problemas, mas no geral é pela concepção política.

11-Que dificuldade encontrou na campanha para ser eleita?

Não encontrei dificuldades, pois fui eleita na primeira eleição como suplente e para mim foi uma grande vitória, pois nunca tinha saído candidata, sai pedindo votos com um grupo de amigos, não tinha dinheiro para gastar na eleição e continuo não tendo. Foi uma grande vitória, pois a sociedade entendeu que eu era uma, e diria que há uma dificuldade na relação com o eleitor durante a campanha porque uma grande parte do eleitorado ainda corrompe muito o candidato, e essa relação é criminosa do eleitor com o candidato, chamando a se corromper é muito violenta pra mim porque quando você vai à rua, visita a casa pede o voto, alguém aparece perguntando: e o que eu ganho com isso? São coisas que não se enfrenta com a verdade, mas que e há uma compra de votos exacerbada. Durante os noventa dias esses fatos ocorridos durante a eleição é muito grande e não é punido e fica essa relação muito pernicioso para o processo eleitoral e só se resolve se a sociedade tiver vontade de fazer uma reforma política onde as pessoas votem em projetos para seu município. A relação individual me dá muito trabalho.

12-Você gosta do trabalho político institucional?

Gosto, eu gosto mais desse porque foi para esse que fui eleita, gosto de ler os projetos de dar os pareceres, gosto de falar dos temas que a sociedade precisa ouvir, mesmo que ela não queira. Gosto de atuar no parlamento dentro dos instrumentos que o parlamento tem, que é tratar nas audiências públicas, de tratar de questões como: a educação, da mulher, homofobia, racismo, quando eu abro espaço para falar da mulher. Faço isso institucionalmente, pois são as instituições que dizem que somos emotivas e não temos competências para tratar de alguns assuntos, e quem diz isso são as instituições então atuo institucionalmente com muito prazer e quase que só faço isso, são assuntos que precisam ser tratados.

13- Existe algum fato marcante na sua vida pública?

O fato marcante na minha vida pública foi ser vereadora, já fui presidente do Sindicato dos Professores por três mandatos consecutivos, fui secretária de formação política da CUT e a eleição para vereadora foi mais marcante porque isso foi a afirmação da mulher líder que se constitui dentro de um movimento social.

14-Existe algum projeto de sua autoria que trouxe benefícios para população aracajuana?

A Câmara de Vereadores legisla para a menor unidade da federação que é o município, e o município é um ente federado a partir de 2008, porém as grandes ações são feitas pela União o estado brasileiro que é muito forte. Por exemplo, se você quiser atuar sobre a educação não pode pois as grandes diretrizes da educação são federais é a LDB, o FUNDEB, tudo é decidido no plano federal. Assim é a saúde, todas essas políticas públicas são realizadas em âmbito federal e é lá que estão os recursos, o município é que fica receptivo sobre essas políticas, o vereador tem muito pouca margem de possibilidade de legislar em seu município, e daí optei a fazer projetos na Câmara de Vereadores que gerassem discussões e que dessem visibilidade a determinados setores como é o caso do movimento contra a homofobia, não traz grandes resultados práticos para população, mas ela traz à tona os problemas dos homossexuais, porém acho que essas questões devem ser discutidas pela sociedade para dar visibilidade aos problemas deles e que Aracaju tivesse um dia de combate a homofobia. Criei também o dia da cultura da capoeira que é uma cultura muito forte dos afro-descendentes porém são marginalizados, pois a escola cede aos capoeiristas espaço apenas aos finais de semana, mas escola não incorpora aos seus currículos. Nas reuniões pedagógicas não citam o capoeirista que geralmente é uma pessoa moradora do bairro e assim foi criado o dia do capoeirista bem como uma semana de debates sobre sua cultura para valorização dessa cultura, isso tem valor agregado para luta deles.

15-Já sofreu algum tipo de discriminação, por ser mulher, num ambiente onde os homens são maioria?

Já todos os dias, porque isso é tão natural que a gente nem sente, mas isso já não me incomoda mais, pois criei os meus próprios espaços. A grande discriminação é a Câmara ter dezenove cadeiras e apenas quatro serem ocupadas por mulheres. Individualmente não sofro, sou muito bem tratada, pois me faço ser respeitada.

16- Em sua opinião por que a mulher tem pouco interesse em ingressar na política?

O que mais impede a mulher na política é o papel materno que está engajado na sociedade. Pois a mulher recebe todas as atribuições que é cuidar de todo um complexo que é a família e não lhe sobra tempo, e os homens machistas não cedem espaço a mulher e a mulher quando quer fazer diferente acumula funções e essa é grande dificuldade da mulher. Eu briguei muito dentro de casa para sair e não consegui que meu marido fizesse as tarefas domésticas e o meu marido não me substituiu dentro de casa e a mulher precisa de apoio para ir à rua defender seus ideais, As creches, por exemplo, quando a mulher tem um filho passa dois anos reclusos para cuidar do bebê muitas vezes tem até que sair do trabalho para cuidar do filho. A mulher precisa desse espaço para trabalhar, pois, o homem não fica com os filhos ou leva no médico é raro quando isso acontece pois, no geral é a mulher que tem que fazer isso e acaba perdendo um dia de trabalho para cuidar do filho doente enquanto que o homem não, ou seja, a grande dificuldade é romper com o espaço privado. As mulheres precisam de outros mecanismos de proteção, pois quem faz política tem que ir para rua. A dificuldade é romper com o trabalho doméstico.

17- Existe alguma outra atividade em que você trabalha além da Câmara de Vereadores?

A outra atividade era ser professora, porém já me aposentei recentemente nesse ano, e atualmente faço o trabalho na Câmara e cuido da minha família e entendo que a família é muito importante e que os meus filhos são meus e não posso responsabilizar ninguém por isso e atualmente quero cuidar também de meus netos e acho que a mulher precisa ser mãe e sou contra a mulher que não quer parir, pois é um privilégio a mulher poder povoar o mundo para novas gerações.

18- Já exerceu outros mandatos? Onde? Quando?

O mandato de vereadora já foi por duas vezes, já concorri a outras eleições se existem mandatos fora da política partidária, que foram mandatos sindicais.

19- Quais são seus objetivos para o futuro?

O meu plano para o futuro é ser prefeita! Acho que teria competência para exercer essa função, porém a fila está grande no partido, e de homens, que estão na minha frente, e se não é possível, se reeleger como vereadora. Além disso, pretendo ser muito feliz é brincar muito, é dançar e passear eu quero viver muito e se possível até cem anos.

20- Que sugestões daria para uma mulher que quisesse ingressar no campo da política?

A sugestão para fazer política é começar agora e em casa. O primeiro passo é negociar dentro de casa, é perceber-se dentro da prisão e começar a questionar a inserção nos espaços públicos, é interessante lembrar os meus trinta anos, quando passava pelos bares na sexta feira a noite, e via os homens bebendo cerveja, batendo papo falando alto, eu entendia que aquilo é que era liberdade e eu achava muito bonito. E eu pensava isso deve ser muito bom, e eu não freqüentava bares na cidade porque não me era permitido naquela época. Quando encontrava com eles, entre casais sempre chamavam a esposa de dona encrenca, e isso me chamava atenção, pois ligavam a mulher a uma imagem ruim que é ser encrenqueira. Quando resolvi ir com amigas ao bar achei tão bom que nunca mais parei, pois é muito bom tomar cerveja, sexta feira à noite, jogar conversa fora, não que eu recomende ninguém a beber, isso para mim foi uma conquista muito grande. Pois, naquela época, mulher que sentasse em um bar, era vista como se estivesse à procura de homens, e logo aparecia alguém se oferecendo para pagar uma cerveja, e depois pagar a cerveja que ele pagou o que era visto por mim como absurdo. E logo, tratava de rejeitar tal gentileza informando que éramos trabalhadoras e tínhamos dinheiro para pagar, não precisando que outras pessoas o fizesse, naquele caso os homens. Essas idas ao bar eram incentivadas por mim que comandava algumas mulheres e combinávamos hoje nós vamos conhecer tal lugar e íamos.

Quando passei a freqüentar os bares devido aos movimentos que participava, pois era nesse ambiente que nos reuníamos e tomávamos decisões, incentivados por Diomedes que era uma figura que nos incentivava a freqüentar esses espaços, pois era um líder que comandava mulheres, mas a reprodução da liderança dele não podia ser masculina e precisava ser feminina e eu fui uma delas.

RIVANDA FARIAS DE OLIVEIRA

Partido Político: PDT na época, hoje PSB

Mandato: Janeiro de 2001 a dezembro de 2002

QUESTÕES DA ENTREVISTA.

1-Gostaria de saber um pouco de sua infância e adolescência. Onde nasceu ,morou, estudou?Qual a sua formação atualmente?

Nasci em Itaporanga d'Ájuda –SE, mudei-me para Aracaju aos 10 anos aproximadamente, onde passei minha adolescência. Estudei inicialmente no colégio 17 de março, logo depois fui estudar no colégio Dinâmico, Salesiano e Arquidiocesano. Conclui a faculdade de Pedagogia, Educação Física, Radialismo e Direito.

2- Como é composta sua família? É solteira ou casada? Tem filhos?

Sou casada e mãe de Salomão Armando Farias de Oliveira Batalha.

3-Como é ou foi à participação de sua família diante de sua escolha política?

Meus pais sempre me apoiaram em tudo que escolhi em minha vida, pais presentes e dedicados, me apoiaram desde o início.

4-O que é política pra você?

É uma maneira de nós realizarmos e lutarmos em busca de uma melhor condição de vida para as pessoas, é uma maneira de legislarmos em prol da população.

5-Quais os motivos que a fizeram optar pela carreira política partidária?

O motivo que me levou a entrar na vida pública foi ter me decepcionado com os políticos da época. Achava que poderia fazer alguma coisa, dar a minha contribuição!

6-No campo da política sergipana você tem admiração por alguém? Quem?

Não.

7-Existe alguém que influenciou na sua decisão de ingressar na política partidária?

Não.

8-Qual a importância dos partidos políticos na sua carreira?

Nenhuma. Precisamos dos Partidos Políticos apenas como referência em uma eleição.

9- A que partido você pertence atualmente e qual motivo de sua opção partidária?

PSB. Meu marido faz parte deste partido.

10-Que tipo de relação há entre você e seus eleitores?

Ficou a amizade com muita gente, muitos eleitores transformaram-se em amigos e tenho contato com alguns.

11-Que dificuldade encontrou na campanha para ser eleita?

Falta de recursos financeiros.

12-Você gosta do trabalho político institucional?

Gosto sim.

13- Existe algum fato marcante na sua vida pública?

A falta de justiça no processo de cassação do meu mandato.

14-Existe algum projeto de sua autoria que trouxe benefícios para população aracajuana?

Vários

15-Já sofreu algum tipo de discriminação, por ser mulher, num ambiente onde os homens são maioria?

Várias vezes, infelizmente.

16-Em sua opinião por que a mulher tem pouco interesse em ingressar na política?

Falta incentivo, disponibilidade, falta de interesse, informação, etc .

17-Existe alguma outra atividade em que você trabalha além da Câmara de Vereadores?

Não trabalho mais na Câmara. Trabalho com meu marido, também na política.

18-Já exerceu outros mandatos? Onde? Quando?

Não

19-Quais são seus objetivos para o futuro

Exercer a minha mais nova profissão. Advocacia.

20-Que sugestões daria para uma mulher que quisesse ingressar no campo da política?

Cuidado, garra, determinação e uma boa dose de desconfiança. Siga em frente. “Quem nunca viu, quer ver.”

MIRIAM DA SILVA RIBEIRO

Partido Político: Foi eleita pelo PSDB e atualmente está no PSD

Mandato: 2009 A 2012

QUESTÕES DA ENTREVISTA

1º – Gostaria de saber um pouco de sua infância e adolescência. Onde nasceu, morou, estudou? Qual a sua formação atualmente?

Nasci em uma fazenda chamada “Barra”, município de Campo do Brito, ainda pequena fui morar em Laranjeiras, cidade de minha família, lá passei minha infância, minha adolescência, período maravilhoso da minha vida. Em Laranjeiras estudei na Escola Zizinha Guimarães e no Ginásio Possidonia Bragança.

2º - Como é composta sua família? É solteira ou casada? Tem Filhos?

Com a perda dos meus pais e de minha irmã, minha família hoje é composta de 2 irmãos e meus sobrinhos que são verdadeiros filhos. Solteira, tenho um sobrinho neto, Felipe, filho razão da minha vida.

3º - Como é ou foi à participação de sua família diante de sua escolha política?

A minha família sempre me deu todo apoio que necessitava em todas as fases de minha vida. Com a política não foi diferente. Ela sempre me apoiou.

4º - O que é política para você?

É a arte de encontrar o consenso entre pessoas discordantes. O modo como a Sociedade evoluiu para reduzir a discórdia entre os integrantes desta mesma sociedade.

5º - Quais os motivos que a fizeram optar pela carreira política partidária?

Na qualidade de Secretária do Dr. Augusto Franco e do Dr. Albano Franco, sempre tive contato com boa parcela da Sociedade Sergipana. Isso me animou a ingressar na vida pública, seguir carreira político-partidária.

6º - No campo da política sergipana você tem admiração por alguém? Quem?

Nutria admiração pelo ex-governador Augusto Franco, um político como não se faz mais nos dias de hoje. Caráter, hombridade, honestidade, a palavra empenhada por Dr. Augusto Franco era respeitada até o último instante. Hoje, minha admiração continua sendo para outro membro da família Franco, o ex-governador e ex-Senador Albano Franco, cujo norte político é respeitado por todos os partidos, não importa que lado ideológico esteja.

7º - Existe alguém que influenciou na sua decisão de ingressar na política Partidária?

Sim, Fabiano Oliveira...

8º - Qual a importância dos partidos políticos na sua carreira?

Os partidos políticos são os abrigos para a execução de políticos aprovados pela Sociedade. Entendo que, sem eles, ficaria difícil, quase impossível, manterem-se diálogos produtivos que resultem em benefícios para boa parte da sociedade.

9º - A que partido você pertence atualmente e qual motivo de sua opção partidária?

Hoje estou servindo ao PSD. Não estive em muitos partidos na minha vida política, no PSDB anteriormente. Acredito que o PSD terá uma participação importante na vida nacional e estou pronta a colaborar com este projeto.

10º - Que tipo de relação há entre você e seus eleitores?

Relação de respeito mútuo. Os meus eleitores sabem que sou mulher e política séria, sem essa de ter duas palavras, duas versões. Com muito dos meus eleitores, uma relação sincera de amizade.

11º - Que dificuldade encontrou na campanha para ser eleita?

Toda campanha é difícil. É uma luta constante para conseguir a simpatia dos eleitores consequentemente conquistar o seu voto. Como não sei trabalhar com mentiras ou promessas vãs, então não tive dificuldades maiores. Acho que o importante é falar a verdade, ser sincera com você própria e com os eleitores.

12º - Você gosta do trabalho político institucional?

Evidentemente que sim, do contrário não teria pleiteado e conquistado uma cadeira na Câmara de Vereadores de Aracaju. O trabalho político traz-nos satisfação, principalmente quando se consegue benefícios para o seu povo. No entanto, é preciso gostar do “cheiro de povo” para obter satisfação plena.

13º - Existe algum fato marcante na sua vida?

Muitos fatos são marcantes. Principalmente quando a gente procura cumprir promessa feita e encontra o eleitor de sorriso largo, aberto.

14º - Existe algum projeto de sua autoria que trouxe benefícios para a população aracajuana?

Vários. Citarei um dos últimos, a abertura da nova avenida, que vai ligar o bairro Manoel Preto ao alto da Jaqueira, denominada de Dr. Lauro Porto, por um projeto meu. É o caso de agradecer ao prefeito Edvaldo Nogueira pelo atendimento de uma antiga reivindicação dos moradores daquelas comunidades.

15º - Já sofreu algum tipo de discriminação, por ser mulher, num ambiente onde os homens são maioria?

Nunca. Em todos os lugares por onde passei houve sempre o respeito mútuo, de modo que ocorria sempre uma convivência harmoniosa, sem discriminação de qualquer espécie.

16º - Em sua opinião por que a mulher tem pouco interesse em ingressar na política?

Não acho que haja pouco interesse. O que ocorre é que a mulher sempre foi tolhida nas suas atividades políticas, por conta de outros interesses que lhe pareceram mais prementes. Criar e educar os filhos, por exemplo. Têm sido tarefa das quais a mulher não abre mão, mesmo aquelas que têm intensa vida profissional.

17º - Existe alguma outra atividade em que você trabalha além da Câmara de Vereadores?

Dedico o meu tempo ao mandato que conquistei, na Câmara de Vereadores e continuo com muita honra assessorando o Dr. Albano Franco.

18º - Já exerceu outros mandatos? Onde? Quando?

Não. Nunca exerci nenhum outro mandato anterior.

19º - Quais são seus objetivos para o futuro?

Continuar servindo a minha gente, da melhor maneira possível, com mandato ou mesmo sem.

20º - Que sugestões daria para uma mulher que quisesse ingressar no campo política?

Que ouvisse os amigos e os moradores do seu bairro, para sentir a recepção a sua ambição política. Só então programar estratégias que deslanchasse suas atividades políticas, sem forçar a barra.